

JACQUES LACAN



“Da análise, há uma coisa que deve prevalecer, é que há um saber que se retira do próprio sujeito... É do tropeço, da ação fracassada, do sonho, do trabalho do analisante que esse saber resulta. Esse saber que não é suposto, ele é saber, saber caduco, migalhas de saber, sobremigalhas de saber. É isso o inconsciente.”

Jaques Lacan  
O Saber do Psicanalista

*O Saber  
do Psicanalista*

*Seminário 1971-1972*

PUBLICAÇÃO PARA  
CIRCULAÇÃO INTERNA



O Saber do Psicanalista

TÍTULO DO ORIGINAL:

## Le Savoir du Psychanalyste

Publicação Interna da Associação Freudiana Internacional

COMISSÃO EDITORIAL – 2000/2001

|                     |                               |
|---------------------|-------------------------------|
| Ângela Serpa        | M <sup>a</sup> de Fátima Belo |
| Emília Lapa         | M <sup>a</sup> Lúcia Santos   |
| Letícia P. Fonsêca* | Mônica Vieira                 |
| Marcilene Dória     | Telma Queiroz                 |

REVISÃO DE REDAÇÃO:

Denise Coutinho

ILUSTRAÇÃO DA CAPA:

*Édipo interrogado pela Esfinge*

---

\* Responsável pela coordenação do projeto de tradução e editoração.

JACQUES LACAN

# O Saber do Psicanalista

SEMINÁRIO 1971-1972

**TRADUÇÃO:**

*Ana Izabel Corrêa – PE*

*Letícia P. Fonsêca – PE*

*Nanette Zmery Frej – PE*

**REVISÃO DA TRADUÇÃO:**

*Denise Coutinho – BA*

Psicanalista, tradutora e doutoranda em Letras pela UFBA.

## Nota Liminar da Edição Francêsa

As conferências aqui reunidas sob o título *O Saber do psicanalista* foram proferidas na capela do Hospital Sainte-Anne paralelamente ao seminário ... *ou pire*. Tratava-se de retomar contato mais diretamente com os jovens psiquiatras, uma preocupação que nunca o abandonou. Ainda que se imponha, de modo geral, reservar para seu seminário os elementos novos que ele pensa poder trazer, estas lições apresentam muitos desenvolvimentos que não se encontrarão alhures e cuja importância não deve ser subestimada.

C.D.

## **Nota da Comissão Editorial**

O presente texto é um documento de trabalho desenvolvido por um Grupo de Projeto e Tradução mobilizado pelo Centro de Estudos Freudianos do Recife. Fruto portanto de uma transferência de trabalho, advém de questionamentos e constante interlocução, dando testemunho da continuidade do processo de formação do psicanalista suportado e efetivado no CEF-Recife.

Ao ser passado agora ao público, tem como objetivo principal fornecer aos participantes da Instituição subsídios para o estudo, a partir da leitura textual da obra de Jacques Lacan. E, ao se fazer circular suas idéias, viabiliza-se mais um recurso que pode dar lugar a novas reflexões e elaborações.

Esta tradução, realizada a partir de texto estabelecido pela Associação Freudiana Internacional, dedica-se ao uso exclusivo dos participantes do Centro de Estudos Freudianos do Recife, não tendo qualquer finalidade comercial.

Agradecemos a cada um dos tradutores, aos revisores e a todos aqueles que colaboraram conosco, tornando possível esta edição.



## Lição I

---

4 de novembro de 1971

Voltando a falar em Sainte-Anne, o que eu esperaria é que aqui estivessem os residentes, como são chamados, como eram chamados no meu tempo, “residentes dos asilos”; agora são “hospitais psiquiátricos”, sem contar o resto. É esse público ao qual eu visava ao voltar a Sainte-Anne. Tinha a esperança de que alguns deles faltassem ao trabalho para vir. Será que se houver alguns aqui – falo dos residentes em exercício – me dariam o prazer de levantar a mão? É uma minoria esmagadora, mas, enfim, são suficientes para mim.

A partir daí – e na medida em que eu possa manter esse fôlego – vou tentar dizer a vocês algumas palavras. É evidente que essas palavras, como sempre, eu as faço de improviso, o que não quer dizer que não tenha algumas notinhas, mas foram improvisadas nessa manhã, porque trabalho muito. Entretanto não é preciso que vocês sintam-se obrigados a fazer o mesmo. Um ponto sobre o qual insisti foi sobre a distância que existe entre o trabalho e o saber, pois não esqueçamos que, esta noite, é o saber que lhes prometo, logo, não há tanta necessidade de vocês se cansarem. Vocês vão ver o porquê, alguns já supõem por terem assistido ao que chamam de meu seminário.

Para voltar ao saber, mostrei há bastante tempo que o fato de a ignorância poder ser considerada no budismo como uma paixão, justifica-se com um pouco de meditação; mas como nosso forte não é a meditação, só podemos conhecê-la através de uma experiência. Trata-se de uma experiência marcante que tive há muito tempo, justamente na sala dos plantonistas. Porque faz um bom tempo que freqüento essas muralhas – não especialmente as daquela época – e isso deveria estar inscrito em algum lugar, em torno de 25-26, e os residentes daquela época – não falo do que eles são agora – os residentes tanto dos hospitais quanto daquilo que chamavam asilos, isso era sem dúvida um efeito de grupo, mas quanto a manter-se na ignorância, parece-me que, ali, eles eram o máximo!

Pode-se considerar que este foi um momento da medicina; esse momento devia forçosamente ser seguido pela vacilação atual. Naquela época, afinal de contas, essa ignorância – não esqueçam que falo da ignorância – acabo de dizer que é uma paixão, não é para mim uma menos-valia, também não é um déficit. É outra coisa, a ignorância está ligada ao saber. É uma maneira de estabelecê-la, de fazer dela um saber estabelecido. Por exemplo, quando alguém queria ser médico numa determinada época, que, naturalmente, era o fim de uma época, bem... é normal que tenha querido beneficiar-se, mostrar, manifestar uma ignorância, se posso dizer, consolidada. Dito isto, depois do que acabo de lhes dizer sobre a ignorância, vocês não se surpreenderão que eu sublinhe que a “douta ignorância”, como se expressava um certo cardeal, no tempo em que esse título não era um atestado de ignorância, um certo cardeal chamava “douta ignorância” o saber mais elevado. Era Nicolau de Cusa, somente para lembrá-lo. De sorte que a correlação da ignorância com o saber é algo de onde essencialmente temos que partir e ver que afinal, se a ignorância, assim, a partir de um certo momento, num certo setor, porta o saber em seu nível mais baixo, não é culpa da ignorância, é antes o contrário.

Já faz algum tempo que, na medicina, a ignorância não é mais tão douta para que a medicina não sobreviva de outra coisa senão de superstições. Sobre o sentido dessa palavra, e precisamente no que concerne oportunamente à medicina, voltarei talvez daqui a pouco, se houver tempo. Mas, enfim, para indicar algo dessa experiência, da qual não quero perder o fio da meada após quase 45 anos freqüentando essas muralhas – não é para me vangloriar disso, mas desde que entreguei alguns de meus Escritos para *publicação*<sup>1</sup>, todo mundo sabe minha idade, é um dos inconvenientes! – naquele momento, o grau de ignorância passional que reinava na sala dos plantonistas do Sainte-Anne, devo dizer que é invocável. É verdade que eram pessoas que tinham vocação e, naquele momento, ter vocação para os asilos era algo bem particular. Nessa mesma sala dos plantonistas chegaram ao mesmo tempo quatro pessoas cujos nomes não posso deixar de lembrar, uma vez que sou um deles. O outro, que me agradaria fazer ressurgir esta noite, era Henri Ey. Pode-se dizer – não é? – com o espaço de tempo percorrido, que dessa ignorância Ey foi o civilizador. E devo dizer que louvo seu trabalho. A civilização, enfim, não nos desembaraça de nenhum mal-estar, como observou Freud, bem ao contrário, *Unbehagen*, o não estar bem<sup>2</sup>, mas, enfim, isso tem um lado precioso. Se vocês pensam que devia haver aí qualquer grau de ironia no que acabo de dizer, estão redondamente

enganados. Mas vocês só podem se enganar, porque não podem imaginar o que era o ambiente dos asilos antes que Ey pusesse os pés ali. Era algo absolutamente fabuloso.

Agora a história avançou e acabo de receber uma circular assinalando o alarme que existe numa certa zona do dito ambiente, a respeito desse movimento promotor de todo tipo de centelhas do que se chama a antipsiquiatria. Quiseram muito que eu me posicionasse a esse respeito, como se pudéssemos tomar posição sobre algo que já é uma oposição. Pois, para dizer a verdade, não sei se conviria fazer algumas observações sobre isso, algumas observações inspiradas na minha velha experiência, aquela que precisamente acabo de evocar e de distinguir, nessa ocasião, entre a psiquiatria e a *psiquiatria*. A questão dos doentes mentais, ou daquilo que chamamos, para melhor dizer, as psicoses, é uma questão absolutamente não resolvida pela antipsiquiatria, sejam quais forem as ilusões que algumas empresas locais mantenham sobre a questão. A antipsiquiatria é um movimento cujo sentido é a liberação do psiquiatra, se ousa me expressar assim. É claro que isso não leva a lugar algum.

Não leva a lugar algum porque há uma característica que seria preciso, todavia, não esquecer quanto ao que chamamos as revoluções: é que essa palavra é admiravelmente bem escolhida por querer dizer retorno ao ponto de partida. O círculo de tudo isso já era conhecido, mas está amplamente demonstrado no livro que se chama *História da loucura*, de Michel Foucault; o psiquiatra faz, de fato, um serviço social. É a criação de uma certa virada histórica. Aquela que nós atravessamos não está perto de aliviar esse fardo, nem de reduzir seu lugar. É o mínimo que se pode dizer. De sorte que isso deixa as questões da antipsiquiatria um pouco fora do prumo.

Enfim, esta é uma indicação introdutória. Mas eu queria destacar que, no que diz respeito às salas dos plantonistas, há todavia algo de surpreendente que, a meus olhos, faz a continuidade delas com as mais recentes, é o quanto, no que diz respeito ao viés que os saberes tomam, a psicanálise não melhorou absolutamente nada. O psicanalista, no sentido em que coloquei a questão, no ano de 67-68, onde introduzira a noção “do psicanalista”, precedido pelo artigo definido, no tempo em que tentei lembrar, diante de um auditório bem grande naquele momento, o valor lógico do artigo definido. Enfim, passemos... O psicanalista não parece ter mudado nada num determinado assentamento do saber. No fundo, tudo isso é normal. Não são coisas que acontecem de um dia para o outro, mudar o assentamento do saber. O futuro a Deus pertence, como se diz, pertencen-

ce à boa sorte, a boa sorte daqueles que tiveram a boa inspiração de me seguir. Algo sairá deles, se os porquinhos não os devorarem<sup>3</sup>. É isso que chamo a boa sorte. Para os outros não é uma questão de boa sorte. O negócio deles será regulado pelo automatismo, o que é inteiramente o contrário da sorte, boa ou má.

O que eu queria esta noite era evitar que se estabelecesse um mal-entendido para aqueles a quem eles possam se dedicar, aqueles cuja psicanálise que usam não deixa nenhuma chance, assim, em nome de algo que é o efeito da boa vontade de alguns que me seguem. Eles entenderam suficientemente bem – enfim, como podem – o que eu disse sobre o saber como fato correlato da ignorância, e então isso os atormentou um pouco.

Há entre eles – não sei que bicho o mordeu, um bicho literário, naturalmente – troços que subsistem nos escritos de George Bataille, por exemplo, porque de outro modo, penso que isso não lhes ocorreria... há o não-saber. Devo dizer que George Bataille fez, um dia, uma conferência sobre o não-saber, e isso permanece talvez em dois ou três lugares de seus escritos. Enfim, Deus sabe que ele não ridicularizava isso e que especialmente no dia de sua conferência, lá, na sala de Geografia em Saint-Germain de Prés, que vocês conhecem bem por que é um lugar de cultura, ele não deu uma palavra. O que não era uma má forma de fazer a ostentação do não-saber. Zombaram dele e sem razão, porque agora o não-saber é chique. Isso subsiste – não é? – em quase todos os místicos. É mesmo deles que isso vem, é mesmo entre eles que isso tem um sentido. Enfim, sabe-se que insisti sobre a diferença entre saber e verdade. Então, se a verdade não é o saber, é porque é o não-saber. Lógica aristotélica, tudo o que não é preto é não-preto, como sublinhei em algum lugar. Sublinhei, é certo, articulei que essa fronteira sensível entre a verdade e o saber, é precisamente aí que o discurso analítico se sustenta. Então, vejam, o caminho é fácil para proferir, para levantar a bandeira do não-saber. Não é uma má bandeira. Pode servir justamente de ajuntamento do que não é, mesmo assim, excessivamente raro para recrutar como clientela: a ignorância crassa, por exemplo. Isso também existe, enfim, é cada vez mais raro. Mas há outras coisas, há vertentes, a preguiça, por exemplo, da qual falei há muito tempo. E, além disso, há algumas formas de institucionalização, de campos de concentração do Bom Deus, como se dizia outrora, no interior da Universidade, onde essas coisas são bem acolhidas, porque é chique. Em suma, a gente se entrega a toda uma mímica, não é: “Passe primeiro, Senhora Verdade, o furo está aí, não é? É seu lugar”. Enfim, é um achado esse não-saber. Para introduzir uma confusão definitiva sobre um assun-

to delicado, aquele que é precisamente o ponto em questão na psicanálise, o que chamei essa fronteira sensível entre verdade e saber, não se faz melhor. Não há necessidade de datar.

Enfim, há 10 anos, tínhamos feito um outro achado que também não era ruim, a respeito do que devo chamar meu discurso. Eu o tinha iniciado dizendo que *o inconsciente era estruturado como uma linguagem*. Tínhamos encontrado um troço formidável: os dois melhores caras que puderam trabalhar nessa trilha, tecer esse fio, tínhamos dado a eles um trabalho muito bonito: *Vocabulário da Filosofia*. Que foi que eu disse? *Vocabulário da Psicanálise*. Vocês vêem o lapso? Enfim isso vale o Lalande... *Lalangue*, como escrevo agora, não tenho o quadro-negro, bem, escrevam *alíngua* [*lalangue*] numa só palavra; é assim que a escreverei doravante. Vejam como eles são cultos!

- Não se escuta nada! É a acústica!

- Vocês querem fazer a correção? Não é um “d”, é um “g”.

Eu não disse o inconsciente é estruturado como *alíngua*, mas é estruturado como uma linguagem e voltarei a isso daqui a pouco. Mas quando foram lançados os “responsivos” dos quais eu falava há pouco sobre o *Vocabulário da Psicanálise*, é evidentemente porque eu tinha posto na ordem do dia esse termo saussuriano *alíngua* que, repito, escreverei doravante numa só palavra. E justificarei por quê. Bem, *alíngua* não tem nada a ver com o dicionário, qualquer que seja. O dicionário tem a ver com a dicção, isto é, com a poesia e com a retórica, por exemplo. Isso é bastante, não é? Vai da invenção à persuasão, enfim, é muito importante. Apenas, justamente, não é esse lado que tem a ver com o inconsciente. Contrariamente ao que penso, ao que a massa dos ouvintes pensa, mas que entretanto uma parte importante já sabe, já sabe se escutou alguns termos nos quais tentei dar passagem àquilo que digo sobre o inconsciente, o inconsciente tem a ver de início com a gramática, tem também um pouco a ver, muito a ver, tudo a ver, com a repetição, isto é, com a vertente inteiramente contrária àquilo para que serve um dicionário. De sorte que era uma maneira muito boa fazer como aqueles que teriam podido ajudar-me naquele momento a fazer minha marca, colocá-los numa outra direção. A gramática e a repetição são uma vertente completamente diferente daquela que fixei há pouco sobre a invenção, que não é pouco, sem dúvida, assim como a persuasão. Eu não sei por que, contrariamente ao que é ainda muito difundido, a vertente útil na função da *alíngua*, a vertente útil para nós psicanalistas, para aqueles que lidam com o inconsciente, é a lógica.

Este é um pequeno parêntese relacionado ao que há de risco de perda neste avanço absolutamente improvisado e ético, ao qual nunca dei margem a que se cometa erro, o avanço impulsionado pelo não-saber! Será que há necessidade de demonstrar que há na psicanálise, fundamental e primeiro, o saber? É isto que vou precisar demonstrar para vocês.

Agarremos por uma ponta esse caráter primeiro, maciço, a primazia desse saber na psicanálise. É preciso vocês lembrarem que quando Freud tenta dar conta das dificuldades que há nessa trilha<sup>4</sup> da psicanálise, num artigo de 1917 na *Imago*, se minha lembrança é boa e, em todo caso, que foi traduzido e publicado no primeiro número do *International Journal of Psychoanalysis*, “Uma dificuldade da Psicanálise”, é assim que se intitula, é que o saber de que se trata não passa assim, facilmente. Freud o explica como pode, e é assim mesmo que se presta ao mal-entendido, não é por acaso, esse famoso termo resistência, onde eu creio ter chegado pelo menos numa certa zona, e não fiquem batendo na mesma tecla; mas é certo que há uma delas na qual, não tenho dúvida, sempre floresce esse famoso termo resistência que, para ele, evidentemente, é de uma apreensão permanente. E então, devo dizer, por que não ousar dizer?, que nós todos temos os nossos deslizos, e sobretudo as resistências que favorecem os deslizos. Descobrir-se-á daqui a pouco, naquilo que eu disse; mas, enfim, não é tão certo. Em suma, Freud cai num erro. Ele pensa que contra a resistência só há uma coisa a ser feita: é a revolução. E então, acontece que ele mascara completamente aquilo de que se trata, isto é, a dificuldade bem específica que há para fazer entrar em jogo uma certa função do saber. Ele confunde com fazer aquilo que é rotulado como revolução no saber. É aí, nesse pequeno artigo – ele o retomará depois no *Mal-estar na civilização* – que se encontra a primeira grande parte sobre a revolução copernicana. Era um barco do saber universitário da época. Copérnico – pobre Copérnico! – tinha feito a revolução. Foi ele – dizem os manuais – quem colocara o Sol no centro e a Terra a girar em torno. Está bem claro que, apesar do esquema que mostra bem isso, de fato, em *De revolutionibus*, etc. A esse respeito, Copérnico não tinha estritamente nenhum preconceito, e ninguém jamais se preocupou em criar problema. Mas, enfim, é realmente um fato que passamos do geo ao heliocentrismo e que isso é considerado um golpe, um *blow* como se exprime o texto inglês, em não sei que pretenso narcisismo cosmológico.

O segundo *blow*, que é biológico, Freud nô-lo evoca em Darwin sob o pretexto de que, assim como para o que é da terra, as pessoas levaram um certo

tempo para se recobrar da novidade, aquela que colocava o homem em relação de parentesco com os primatas modernos. E Freud explica a resistência à psicanálise através disso que é alcançado, para falar propriamente, é essa consistência do saber que faz com que, quando sabemos alguma coisa, o mínimo que se pode dizer é que sabemos que sabemos. Deixemos o que ele evoca a esse respeito, pois está aí o osso duro de roer, o que ele acrescenta, a saber, a garatuja<sup>5</sup> em forma de Eu [Moi] que é feita ali ao redor, a saber, que aquele que sabe que sabe sou [é] eu.

Está claro que essa referência ao Eu [Moi] é secundária em relação a que um saber se sabe; e a novidade é que o que a psicanálise revela é um saber não-sabido por si mesmo. Mas eu lhes pergunto, o que é que haveria aí de novo, inclusive de modo a provocar a resistência, se esse saber fosse da natureza de todo um mundo, animal precisamente, onde ninguém pensa em se surpreender, grosso modo, que o animal saiba do que precisa, isto é, se é um animal de vida terrestre, não vai mergulhar na água além de um tempo limitado, ele sabe que isso não lhe faz bem. Se o inconsciente é algo que surpreende é porque esse saber é outra coisa, é esse saber do qual nós temos uma idéia, aliás tão pouco fundada desde sempre, posto que não é à toa que se evocou a inspiração, o entusiasmo, desde sempre, isto é, que o saber não-sabido de que se trata na psicanálise é um saber que se articula, exatamente, estruturado como uma linguagem.

De sorte que, aqui, a revolução, se posso dizer, antecipada por Freud, tende a mascarar aquilo de que se trata; é que esse algo que não passa, revolução ou não, é uma subversão que se produz, onde? Na função, na estrutura do saber. É isso que não passa porque, na verdade, a revolução cosmológica, não se pode dizer verdadeiramente, fora o incômodo que isso provoca em alguns doutores da igreja, que seja algo que de alguma maneira seja de natureza tal que o homem se sinta de algum modo humilhado, como se diz. É por isso que o emprego do termo revolução é tão pouco convincente, pois o próprio fato de que tenha havido revolução sobre esse ponto é bastante exaltante, no que diz respeito ao narcisismo. É exatamente a mesma coisa quanto ao darwinismo. É preciso dizer, não há doutrina que eleve mais a produção humana do que o evolucionismo. Num caso como no outro, cosmológico ou biológico, todas essas revoluções não deixam de colocar o homem no lugar da flor da criação. É por isso que se pode dizer que essa referência é realmente mal inspirada. Talvez seja feita justamente para mascarar, para deixar passar aquilo de que se trata, isto é, que esse

saber, esse novo estatuto do saber é o que deve acarretar um tipo de discurso totalmente novo, o qual não é fácil de apreender e, até um certo ponto, ainda nem começou.

O inconsciente é estruturado como uma linguagem. Mas qual? E por que eu disse uma linguagem? Porque, de fato, de linguagem começamos a conhecer um pouquinho. Fala-se de linguagem-objeto na lógica, matemática ou não. Fala-se de metalinguagem. Fala-se mesmo de linguagem, há algum tempo, no âmbito da biologia. Fala-se de linguagem a torto e a direito. Para começar eu digo que, se falo de linguagem, é porque se trata de traços comuns a encontrar na *alíngua*; a *alíngua*, sendo ela própria sujeita a uma variedade muito grande, tem todavia constantes. A linguagem de que se trata – como tive o tempo, o cuidado, o trabalho e a paciência de articular – é a linguagem na qual se pode distinguir o código da mensagem, entre outras coisas. Sem esta distinção mínima, não há lugar para a fala. É por isso que, quando introduzo esses termos, intitulo-os *Função e campo da fala* – para a fala<sup>6</sup> é a função; e a linguagem, para a linguagem é o campo. A fala define o lugar do que se chama a verdade. O que destaca, desde seu aparecimento, para o uso que quero fazer dela, é sua estrutura de ficção, isto é, também de mentira. Na verdade, é o caso de dizer, a verdade só diz a verdade – não a metade – em uma situação: quando diz “eu minto”. É o único caso em que se tem certeza de que ela não mente, porque ela é suposta sabê-lo. Mas, de Outro modo<sup>7</sup>, isto é de Outro modo com maiúscula, é igualmente possível que ela diga a verdade sem o saber. É isso que tentei marcar com o S maiúsculo, parêntese A maiúsculo, S(A) precisamente e barrado. Isso, ao menos isso, vocês que me seguem não podem dizer que não é, em todo caso, um saber, que não esteja aí aquilo que se deve levar em conta como guia, mesmo que seja como quebra-galho. É o primeiro ponto do inconsciente estruturado como uma linguagem.

O segundo – falo aos psicanalistas – vocês não me esperaram para saber, uma vez que é o próprio princípio daquilo que vocês fazem no momento em que interpretam. Não há uma interpretação que não diga respeito... a quê? Ao laço do que se manifesta de fala, no que vocês escutam, o laço com o gozo. Pode ocorrer que vocês o façam, de algum modo, inocentemente, ou seja, sem nunca se darem conta de que não há uma interpretação que não queira dizer outra coisa. Mas, enfim, uma interpretação analítica é sempre isso. Quer o benefício seja primário ou secundário, o benefício é de gozo. E é inteiramente claro que a coisa emergiu sob a pena de Freud, não imediatamente, pois há uma etapa, há o

princípio do prazer. Mas, enfim, é claro que um dia o que o surpreendeu foi que, não importa o que se faça, inocente ou não, o que se formula, o que quer que se faça, é algo que se repete.

A *instância*, disse, *da letra* – e se emprego instância, assim como para todos os empregos que faço das palavras, não é sem razão, é que instância ressoa igualmente no âmbito da jurisdição, ressoa também no âmbito da insistência, onde faz surgir esse módulo que eu defini como o instante, no âmbito de uma certa lógica. É nessa repetição que Freud descobre o além do princípio do prazer. Apenas vejam, se há um além não falemos mais do princípio, porque um princípio onde há um além, não é mais um princípio, e também deixemos de lado o princípio de realidade. Tudo isso é claramente para ser revisto. Do mesmo modo, não há duas classes de seres falantes, aqueles que se governam segundo o princípio do prazer e o princípio de realidade, e aqueles que estão além do princípio do prazer, sobretudo porque, como se diz – é o caso de dizer – clinicamente, são exatamente os mesmos.

O processo primário se explica inicialmente por essa aproximação que é a oposição, a bipolaridade princípio do prazer - princípio da realidade. É preciso dizer que esse esboço é insustentável e apenas feito para que os ouvidos contemporâneos engulam quanto puderem esses enunciados primeiros, que são – não quero abusar do termo – ouvidos burgueses, isto é, que não têm absolutamente a menor idéia do que é o princípio do prazer. O princípio do prazer é uma referência à moral antiga; na moral antiga, o prazer, que consiste precisamente em fazer o mínimo possível, *otium cum dignitate*, é uma ascese sobre a qual podemos dizer que coincide com a dos porcos, mas não é absolutamente no sentido esperado. A palavra porco não significava, na Antiguidade, ser porco; restringia-se à sabedoria do animal. Era uma apreciação, um toque, uma nota, dada do exterior por pessoas que não compreendiam de que se tratava, isto é, o último refinamento da moral do Mestre. O que é que isso tem a ver com a idéia que o burguês tem do prazer e, aliás, é preciso dizer, da realidade?

De qualquer forma – é o terceiro ponto – o que resulta da insistência com a qual o inconsciente nos entrega aquilo que formula é que, se de um lado nossa interpretação só tem o sentido de mostrar o que o sujeito encontra, o que é que ele encontra aí? Nada que não se deva catalogar no registro do gozo. É o terceiro ponto.

Quarto ponto: onde é que reside o gozo? O que lhe é preciso? Um corpo. Para gozar, é preciso um corpo. Mesmo aqueles que fazem promessas de

beatitudes eternas só podem fazê-las supondo que o corpo veicule isso; glorioso ou não, ele tem que estar ali. É preciso um corpo. Por quê? Porque a dimensão do gozo para o corpo é a dimensão da descida em direção à morte. Aliás é precisamente nisso que o princípio do prazer, em Freud, anuncia que ele sabia bem, desde aquele momento, o que dizia, pois se vocês lerem com cuidado, verão que o princípio do prazer não tem nada a ver com o hedonismo, mesmo que nos tenha sido legado pela tradição mais antiga. Ele é, na verdade, o princípio do desprazer. Ele é o princípio do desprazer, é o ponto em que, ao enunciá-lo, a todo instante, Freud derrapa. O prazer, nos diz ele, em que consiste? Em baixar a tensão. Se esse não é o princípio mesmo de tudo que tem o nome de gozo, de que gozar, senão produzindo uma tensão? É exatamente nisso que, enquanto Freud está no caminho do *Jenseits des Lustprinzips*, do *Além do princípio do prazer*, o que é que ele nos enuncia no *Mal-estar na civilização* senão que, provavelmente, muito além da repressão dita social, deve haver uma repressão – ele o escreve textualmente – orgânica?

É curioso, é pena que ele tenha se dado tanto trabalho com coisas ditas com tamanha evidência e para mostrar que a dimensão na qual o ser falante se distingue do animal é, seguramente, que nele existe essa hiância por onde ele se perde, por onde lhe é permitido operar sobre o ou os corpos, quer seja o seu ou o de seus semelhantes, ou o dos animais que o rodeiam, para com isso fazer surgir, para benefício seu ou dos outros, o que chamamos, para falar propriamente, o gozo.

Seguramente é mais estranho do que os percursos que acabo de sublinhar, aqueles que vão dessa descrição sofisticada do princípio do prazer ao reconhecimento aberto do que é o gozo fundamental, é mais estranho ver que Freud, nesse nível, crê dever recorrer a algo que designa como instinto de morte. Não que seja falso, só que dizê-lo assim, dessa maneira tão sábia, é justamente o que os sábios que ele engendrou sob o nome de psicanalistas não podem absolutamente engolir.

Essa longa cogitação, essa ruminação em torno do instinto de morte, que é o que caracteriza – se podemos dizer – enfim, o conjunto da instituição psicanalítica internacional, essa maneira que ela tem de clivar-se, de se desmembrar, de se repartir, admite, não admite?, “aí, eu paro”, “só sigo até aí”, esses intermináveis dédalos ao redor do termo, que parece escolhido para dar a ilusão de que, nesse campo, algo foi descoberto que podemos dizer análogo àquilo que em lógica chamamos paradoxo, é surpreendente que Freud, com o caminho que já abrira, não tenha acreditado dever pura e simplesmente apontá-lo. O gozo que

está verdadeiramente no âmbito da erotologia está ao alcance de quem quer que seja – é verdade que naquela época as publicações do marquês de Sade eram menos difundidas – é exatamente por isso que acreditei dever assinalar, como que datando, em algum lugar em meus *Escritos*, a relação de Kant com Sade.

Entretanto, se mesmo ao proceder assim penso que ainda há uma resposta, não é forçoso que ele, mais do que qualquer um de nós, soubesse tudo o que dizia. Mas ao invés de repetir tolices em torno do instinto de morte primitivo, vindo do exterior ou do interior, ou retornando do exterior sobre o interior e engendrando-o posteriormente, enfim, reaparecendo na agressividade e na luta, talvez tivéssemos podido ler isso no instinto de morte de Freud, finalmente, se é que existe um que seja um ato cumprido – entendam bem que eu falo, como falava no ano passado, de um discurso que não seria do *semblante*<sup>8</sup>, num caso como no outro não existe, nem discurso, nem o tal ato – isso então seria, se fosse possível, o suicídio.

É o que Freud nos diz. Ele não nos diz assim cruamente, às claras, como podemos dizer agora que a doutrina já abriu um pouquinho sua via e que sabemos que não há ato senão fracassado, e que é exatamente a única condição de um *semblante* ter êxito. É exatamente aí que o suicídio merece uma objeção. É que não temos necessidade que permaneça como uma tentativa para que seja de qualquer modo fracassado, completamente fracassado do ponto de vista do gozo. Talvez os budistas, com suas latas de gasolina – pois eles estão na moda – não sabemos nada sobre isso, pois eles não voltam para dar testemunho.

É um lindo texto, o texto de Freud. Não é à toa que nos leva ao soma e ao germe. Ele sente, ele fareja que é aí que há algo a aprofundar. Sim, o que há a aprofundar é o quinto ponto que enunciei esse ano, no meu seminário, e que se enuncia assim: *não há relação sexual*.<sup>9</sup>

É claro, assim parece um pouco maluco, um pouco disparatado<sup>10</sup>. Bastaria dar uma boa trepada para me demonstrar o contrário. Infelizmente, é a única coisa que não demonstra absolutamente nada de semelhante, porque a noção de relação não coincide absolutamente com o uso metafórico que se faz, simplesmente, dessa palavra “relação”; “eles tiveram relações”, não é exatamente isso. Pode-se falar seriamente de relação, não apenas quando um discurso a estabelece, mas quando enuncia-se a relação. Porque é verdade que o real está aí antes que nós o pensemos, mas a relação é muito mais duvidosa; não apenas é preciso pensá-la, mas é preciso escrevê-la. Se vocês não estão nem aí para escrevê-la, não há relação. Seria talvez muito importante se verificássemos – tempo sufici-

ente para começar a ser um pouco elucidado – que é impossível escrever o que seria a relação sexual. A coisa tem importância justamente porque, pelo progresso daquilo que se chama ciência, empurrando muito longe um monte de coisinhas que se situam no âmbito do gameta, no âmbito do gene, no âmbito de um certo número de escolhas, de triagens, chamem como quiserem, meiose ou outra, e que parecem elucidar bastante algo que se passa no âmbito de que a reprodução, ao menos num certo setor da vida, é sexuada.

Só que isso não tem absolutamente nada a ver com a relação sexual, na medida em que é bem certo que há, no ser falante, ao redor dessa relação, enquanto fundada sobre o gozo, um leque realmente admirável em sua exposição e que duas coisas foram, por Freud e pelo discurso analítico, postas em evidência, é toda a gama do gozo. Quero dizer tudo o que se pode fazer para tratar convenientemente um corpo, até seu próprio corpo, tudo isso, em qualquer grau, participa do gozo sexual. Só que, o próprio gozo sexual, quando vocês querem pegá-lo, se posso me expressar assim, não é mais absolutamente sexual, ele se perde.

E é aí que entra em jogo tudo o que se edifica com o termo falo, que é realmente o que designa um certo significado, um significado de um certo significante perfeitamente evanescente, pois quando se trata de definir o que concerne ao homem ou à mulher, o que a psicanálise nos mostra é precisamente que é impossível, e que, até um certo grau, nada indica, especialmente, que seja ao parceiro do outro sexo que deva se dirigir o gozo, se o gozo é considerado, mesmo por um instante, como o guia daquilo que concerne à função de reprodução.

Encontramo-nos aí diante do despedaçamento, digamos, da noção de sexualidade. Sem nenhuma dúvida, a sexualidade está no centro de tudo o que se passa no inconsciente. Mas ela está no centro posto que é uma falta, isto é, que no lugar do que quer que se pudesse escrever da relação sexual como tal, se substituem os impasses, que são aqueles que a função do gozo precisamente sexual engendra, na medida em que aparece como essa espécie de ponto de miragem, do qual em algum lugar o próprio Freud dá a nota como sendo o gozo absoluto. E é tão verdade que, precisamente, ele não é absoluto. Não o é em nenhum sentido, primeiro porque, como tal, está votado a essas diferentes formas de fracasso que constituem a castração, para o gozo masculino, a divisão para o que concerne ao gozo feminino, e que, por outro lado, aquilo a que o gozo conduz não tem estritamente nada a ver com a cópula, na medida em que esta é, digamos, o modo usual – isso mudará – por onde se faz a reprodução na espécie do ser falante.

Em outros termos, há uma tese: não há relação sexual – é do ser falante que falo. Há uma antítese que é a reprodução da vida. É um tema bem conhecido. É a bandeira atual da Igreja Católica, pelo que é preciso saudar sua coragem. A Igreja Católica afirma que há uma relação sexual, é aquela que termina fazendo criancinhas. É uma afirmação que é realmente sustentável, só que ela é indemonstrável. Nenhum discurso pode mantê-la, exceto o discurso religioso, na medida em que define a separação estrita que há entre a verdade e o saber. E, em terceiro lugar, não há síntese, a menos que vocês chamem de síntese essa observação de que não há gozo senão ao morrer.

Tais são os pontos de verdade e de saber que importam escandir tratando-se do saber do psicanalista, com a ressalva de que não há um único psicanalista para quem isso não seja letra morta. Quanto à síntese, podemos confiar neles para sustentar seus termos e vê-los, exatamente, num lugar completamente diferente do instinto de morte. Expulsem o natural – como se diz, não é? – e ele retorna a galope.

Conviria entretanto dar o verdadeiro sentido a essa velha fórmula proverbial. O natural, falamos dele, é mesmo disso que se trata. O natural é tudo o que se veste com o uniforme do saber – e Deus sabe que isso não falta! – e um discurso que é feito unicamente para que o saber faça uniforme é o discurso universitário. É totalmente claro que a veste de que se trata é a idéia da natureza. Ela não está prestes a desaparecer da frente da cena. Não que eu tente substituí-la por outra. Não pensem que sou daqueles que opõem a cultura à natureza. Primeiramente, porque a natureza é precisamente um fruto da cultura. Mas, enfim, essa relação, o saber - a verdade, ou, como vocês queiram a verdade - o saber, é algo ao qual não começamos ainda a ter nem um comecinho de adesão, por exemplo, da medicina, da psiquiatria e de um monte de outros problemas. Vamos estar submergidos, não vai demorar muito, antes de uns quatro, cinco anos, por todos os problemas de segregação que serão intitulados ou fustigados com o termo racismo, todos os problemas que precisamente vão consistir naquilo que se chama, simplesmente, o controle do que se passa no nível da reprodução da vida nos seres que, pelo fato de falarem, chegam a ter toda espécie de problema de consciência. O que há de absolutamente incrível é que ainda não se tenha percebido que os problemas de consciência são problemas de gozo.

Mas, enfim, estamos apenas começando a poder dizer essas coisas. Não é absolutamente certo que isso tenha a menor consequência, uma vez que sabemos, de fato, que a interpretação demanda, para ser recebida, o que chamei, ao

começar, o trabalho. O saber, sim, é da ordem do gozo. Não vemos absolutamente por que ele mudaria de leito. O que as pessoas esperam, denunciam, com o título de intelectualização, quer dizer simplesmente que estão habituadas, pela experiência, a perceber que não é absolutamente necessário, não é absolutamente suficiente compreender algo para que esse algo mude. A questão do saber do psicanalista não é absolutamente que isso se articule ou não, a questão é saber em que lugar é preciso estar para sustentá-lo. Evidentemente é a esse respeito que tentarei indicar algo sobre o qual não sei se conseguirei dar uma formulação que seja transmissível. Contudo, tentarei.

A questão é saber em que medida o que a ciência, a qual a psicanálise, tanto hoje quanto no tempo de Freud, não pode fazer nada mais do que cortejar, o que a ciência pode alcançar, que provém do termo real.

O Simbólico, o Imaginário e o Real.

É bastante claro que a potência do Simbólico não tem que ser demonstrada. É a própria potência. Não há nenhum traço de potência no mundo antes da aparição da linguagem. O que há de surpreendente no que Freud esboça daquilo que é anterior a Copérnico, é que ele imagina que o homem era inteiramente feliz por estar no centro do universo e que ele se acreditava rei. É verdadeiramente uma ilusão absolutamente fabulosa! Se há algo que o levou a inspirar-se nas esferas eternas, foi precisamente porque ali estava a última palavra do saber. Quem sabe no mundo alguma coisa – é preciso tempo para que isso passe – são as esferas etéreas. Elas sabem. É exatamente a isso que o saber está associado, desde a origem, à idéia de poder.

\* Nesse lembrete que está no dorso do grosso pacote dos meus *Escritos*, vocês vêm, – por que não confessá-lo? – porque fui eu que escrevi essa notinha. Quem além de mim poderia fazê-lo? Dá para reconhecer meu estilo, e não está mal escrito de jeito nenhum! Eu invoco as Luzes.

Está claro, de fato, que as Luzes levaram um certo tempo para serem elucidadas. Num primeiro tempo, falharam no golpe. Mas enfim, como o Inferno, estavam cheias de boas intenções. Contrariamente a tudo o que se pôde dizer, as Luzes tinham por finalidade enunciar um saber que não prestou homenagem a nenhum poder. Mas temos o desprazer de ter que constatar que aqueles que se dedicaram a esse ofício estavam um pouco demasiadamente em posições de servos em relação a um certo tipo – devo dizer bastante feliz e próspero – de mestre, os nobres da época, para que tivessem podido, de algum modo, chegar a uma coisa diferente dessa famosa Revolução francesa, que teve o resultado que vocês

conhecem, ou seja, a instauração de uma raça de mestres mais ferozes do que tudo o que se vira operar até então.

Um saber que não se agüenta, o saber da impotência, eis o que o psicanalista, numa certa perspectiva, uma perspectiva que não qualificarei de progressista, eis o que a psicanálise poderia veicular.

E, para lhes dar a tonalidade do traço no qual espero prosseguir meu discurso este ano, vou lhes dar o título, a primazia – fiquem com água na boca – vou lhes dar o título do seminário que vou dar no mesmo lugar do ano passado, graças a algumas pessoas que se empenharam em preservá-lo para nós.

Escreve-se assim... inicialmente, antes de pronunciá-lo, isso é um O, e aquilo é um U. Três pontos, vocês colocam o que quiserem, vou deixá-lo assim para a meditação de vocês. Este Ou é o *ou* que chamamos *vel* ou *aut* em latim, *Ou Pire*:

... OU PIOR.

TRADUÇÃO: *Leticia P. Fonsêca*

<sup>1</sup> *poubellication* : neologismo que reúne as palavras lixeira [*poubelle*] e publicação [*publication*]. [N.T.]

<sup>2</sup> No original: *le pas-bon aise*. [N.T.]

<sup>3</sup> A expressão *si les petits cochons ne les mangent pas*, originariamente do registro infantil, comporta ironia e alude a algo de muito improvável, mas cuja probabilidade de êxito enfatiza a fraqueza dos sujeitos referidos: os psicanalistas. O sentido, em português, corresponderia à expressão “Deus não dá asa a cobra”. [N.R.]

<sup>4</sup> *frayage*: termo com o qual Freud constrói a noção de trilhamento no *Projeto*. [N.R.]

<sup>5</sup> *peinturlure* : sentido familiar; pintura com a idéia de maquiagem exagerada ou mal feita, borrão. [N.T.]

<sup>6</sup> *Parole* – preferimos optar por *fala* tendo em vista a tradução mais divulgada do título desse texto. [N.T.]

<sup>7</sup> No original: *Autrement*. [N.T.]

<sup>8</sup> *Semblant* é um termo cujo significado não coincide com o nosso *semblante*. Em português, tem o sentido de rosto, fisionomia, aspecto. A expressão *faire semblant de* não encontra correspondência em nosso idioma, e o seu sentido é “tapear”, “fingir”, “fazer como se”. Optamos por seguir o que a grande maioria dos tradutores/leitores de Lacan no Brasil parece ter consagrado pelo uso. No entanto, para indicar ao leitor o caráter problemático desta tradução, grafamos o termo em todas as suas ocorrências em itálico. [N.R.]

<sup>9</sup> *Rapport*: este é o termo que Lacan utiliza para dizer relação. Em francês, é também sinônimo de razão matemática. [N.R.]

<sup>10</sup> *éffloupi*: neologismo que implica *flou*, vaporoso, de contorno pouco nítido, forma pouco precisa. [N.T.]

## Lição II

2 de dezembro de 1971

O que eu faço com vocês, esta noite, não é evidentemente – não mais do que foi da última vez – aquilo que me propus a dar como passo seguinte de meu seminário, este ano. Será, como na última vez, uma conversa<sup>1</sup>.

Cada um de vocês conhece – muitos o ignoram – a insistência que faço junto aos que me pedem conselho, sobre as entrevistas preliminares em psicanálise. Certamente, elas têm uma função essencial para a análise. Não há entrada possível em análise, sem entrevistas preliminares. Mas há algo que aproxima a relação entre estas entrevistas e o que vou dizer a vocês este ano, com a ressalva de que não pode ser absolutamente a mesma coisa, considerando que, como sou eu quem fala, sou eu quem está aqui na posição do analisante.

Então, o que ia dizer a vocês – eu teria podido tomar outros vieses, mas afinal de contas, é sempre de última hora que sei o que escolhi dizer – e para essa entrevista de hoje, a ocasião me pareceu propícia para uma questão que me foi posta ontem à noite por alguém de minha Escola. É uma das pessoas que se interessa seriamente por sua posição e que me colocou a seguinte questão, que tem, certamente, a meu ver, a vantagem de me fazer entrar imediatamente no cerne do assunto. Todos sabem que raramente isso acontece comigo, eu me aproximo com passos prudentes. A questão que me foi colocada é a seguinte: a incompreensão de Lacan seria um sintoma?

Repito-a, então, textualmente. É uma pessoa a quem, na circunstância, perdôo facilmente por ter colocado meu nome, o que se explica posto que estava diante de mim, no lugar que convinha, isto é, meu discurso. Vejam que não me esquivo, eu o chamo “meu”. Veremos logo se este “meu” merece ser mantido. Que importa! O essencial dessa questão estava naquilo que ela traz, isto é, se incompreensão, quer vocês a chamem de uma maneira ou de outra, é um sintoma.

Não penso assim. Não penso assim, primeiro porque, em um sentido, não se pode dizer que algo que tem uma certa relação com meu discurso, que não se

confunde, que é o que se poderia chamar minha fala, não se pode dizer que seja totalmente incompreendida; pode-se dizer, precisamente, que o número dos presentes é a prova disso. Se minha fala fosse incompreensível, não vejo bem o que, em termos de número, vocês fariam aqui. Tanto mais que, afinal de contas, este número é feito em grande parte por pessoas que retornam e além disso que, assim, no nível de uma amostragem que me chega, de todo modo, acontece que pessoas que se exprimem desta maneira nem sempre compreendem bem ou, pelo menos, não têm o sentimento de compreender. Para retomar, enfim, um dos últimos testemunhos que recebi a esse respeito, da maneira como cada um o exprime, apesar desse sentimento de estar por fora não impede, diziam-me no último testemunho, que isso ajudasse a pessoa em questão a encontrar-se com suas próprias idéias, a esclarecer-se sobre um certo número de pontos. Não se pode dizer que, ao menos no que diz respeito à minha fala – que evidentemente se distingue do discurso, nós vamos tratar de ver em quê – haja, propriamente falando, o que se chama incompreensão.

Sublinho imediatamente que esta fala é uma fala de ensino. Distingo então, nesta ocasião, o ensino do discurso. Como falo aqui em Sainte-Anne, e talvez pelo que disse na última vez, possam sentir o que isso significa para mim. Escolhi tomar as coisas no nível, digamos, chamado elementar. É totalmente arbitrário, mas é uma escolha.

Quando estive na Sociedade de Filosofia fazendo uma comunicação sobre o que eu chamava, à época, meu ensino, tomei a mesma resolução. Falei como se me dirigisse a pessoas muito atrasadas; não mais do que vocês, porém é mais a idéia que tenho da filosofia que pretende que assim seja. E não sou o único. Um dos meus melhores amigos que fez uma comunicação, recentemente, na Sociedade de Filosofia, passou-me um artigo sobre o fundamento das matemáticas no qual lhe fiz observar que seu artigo possuía um nível dez ou vinte vezes mais elevado do que o que falara na Sociedade de Filosofia. Ele me disse que eu não devia me espantar, tendo em vista as respostas que obtivera. É exatamente o que também me foi demonstrado, pois obtive respostas da mesma ordem no mesmo lugar, foi exatamente o que me tranqüilizou por ter articulado certas coisas que vocês podem encontrar nos meus *Escritos*, no mesmo nível.

Há, então, em certos contextos, uma escolha menos arbitrária do que a que sustento aqui. Sustento-a aqui em função de elementos memoráveis, que estão ligados a isto: afinal de contas, se em um determinado nível meu discurso é ainda incompreendido é porque, digamos, durante muito tempo, ele foi, em todo um setor, interditado, não de ser escutado, o que estaria, como a experiência demonstrou, ao alcance de muitos, mas interditado de virem escutá-lo. É o que nos vai permitir distinguir esta incompreensão de um certo número de outras. Havia o interdito. E

que, realmente, este interdito tenha vindo de uma instituição analítica é certamente significativo.

Significativo quer dizer o quê? Eu não disse, absolutamente, significante. Há uma grande diferença entre a relação significante-significado e a significação. A significação faz signo. Um signo nada tem a ver com um significante. Um signo é – eu exponho isso num canto em algum lugar no último número da *Scilicet* – um signo é, não importa o que se pense dele, sempre o signo de um sujeito. Quem se dirige a quê? Está igualmente escrito nessa *Scilicet*. Não posso agora me estender mais sobre isso, mas este signo de interdição vinha certamente de verdadeiros sujeitos, em todos os sentidos da palavra, de sujeitos que obedecem, em todo caso. Que seja um signo vindo de uma instituição analítica é feito exatamente para que demos o passo seguinte.

Se a questão pôde ser colocada para mim dessa maneira é em função de que a incompreensão em psicanálise é considerada como um sintoma. É aceito na psicanálise; é, se podemos dizer, geralmente admitido. A coisa chega a tal ponto, que passou para a consciência comum. Quando digo que é geralmente admitido, é além da psicanálise, quero dizer, do ato psicanalítico. As coisas numa determinada consciência – há algo que determina o modo da consciência comum – estão a tal ponto que se diz, que se escuta dizer “Vá se analisar” quando... quando o quê? Quando a pessoa que o diz considera que a sua conduta, suas intenções são, como diria o Sr. de Lapalisse<sup>2</sup>, sintoma.

Destacarei, entretanto, que nesse nível, por esse viés, sintoma tem o sentido de valor de verdade. É nisso que o que se passou na consciência comum é mais exato que a idéia que chegam a ter, infelizmente!, muitos psicanalistas – digamos que há muito poucos – isto é, a equivalência de sintoma com valor de verdade. É bastante curioso, mas, por outro lado, tem este correspondente histórico que demonstra que este sentido da palavra sintoma foi descoberto, denunciado, antes que a psicanálise entrasse em jogo. Como sublinho freqüentemente, esta equivalência, para ser mais preciso, é o passo essencial dado pelo pensamento marxista.

Valor de verdade, para traduzir o sintoma em um valor de verdade, devemos aqui constatar, uma vez mais, o que supõe o saber ao analista faz com que seja obrigatório que ele interprete através do seu saber. E para fazer aqui um parêntese, rapidamente – isto não está na trilha do que espero fazer vocês seguirem – devo assinalar, assinalo no entanto que este saber é do analista, se posso dizer, pressuposto. O que ressaltai do *Sujeito suposto saber* como fundando os fenômenos da transferência. Ressaltei sempre que não implica em nenhuma certeza no sujeito analisante o fato de que seu analista saiba muito. Longe disso. Mas é perfeitamente compatível com o fato de que o saber do analista seja considerado pelo analisante

como muito duvidoso, o que aliás – é preciso acrescentar – por razões objetivas é freqüentemente o caso; em resumo, os analistas nem sempre sabem tanto quanto deveriam pela simples razão de que muitas vezes eles não fazem porra nenhuma. Isso não muda absolutamente nada no fato de que o saber é pressuposto à função do analista e que é aí que os fenômenos da transferência repousam. Fecho o parêntese. Eis então o sintoma com sua tradução como valor de verdade.

O sintoma é valor de verdade e – mostro-o rapidamente – a recíproca não é verdadeira, o valor de verdade não é sintoma. É muito bom observar esse ponto porque a verdade não é nada cuja função eu pretenda isolável. Sua função, aí evidentemente onde ela toma lugar na fala, é relativa. Ela não é separável de outras funções da fala. Razão a mais para que eu insista que, mesmo reduzindo-a ao valor, ela não se confunde, em nenhum caso, com o sintoma. É em torno deste ponto, do que é o sintoma, que giraram os primeiros tempos de meu ensino. Pois, nesse ponto, os analistas estavam numa tal obnubilação que o sintoma – e apesar de tudo possivelmente deve-se a meu ensino que isso não se exponha mais tão facilmente – que o sintoma se articula – ouço da boca dos analistas – como a recusa do dito valor de verdade. Isso não tem nenhuma relação.

Não tem nenhuma relação com esta equivalência a um único sentido – acabo de insistir – do sintoma a um valor de verdade. Isso faz entrar em jogo o que chamarei – o que chamarei assim porque estamos entre nós e que eu disse que era uma conversa – o que chamarei simplesmente, sem me preocupar com o fato de que os termos que vou desenvolver já sejam usuais no ponto mais avançado da filosofia, isso coloca em cena o ser de um ente. Digo o ser porque me parece claro, parece já estabelecido, que desde o tempo em que a filosofia dá voltas sobre um determinado número de pontos, eu digo o ser porque se trata do ser falante. É por ser falante – desculpem-me pelo primeiro ser – que ele vem a sê-lo, enfim, que ele tem esse sentimento. Naturalmente ele não chega, ele falha. Mas essa dimensão do ser, aberta de uma só vez, pode-se dizer que durante um tempão, incidiu sobre o sistema<sup>3</sup>... dos filósofos pelo menos. E estaríamos enganados em ironizar, porque se incidiu sobre o sistema dos filósofos, é que eles incidem sobre o sistema de todo mundo e o que se designa nesta denúncia por parte dos analistas, do que eles chamam resistência, em torno da qual fiz, durante toda uma etapa deste ensino do qual meus *Escritos* trazem a marca, briguei durante toda uma etapa, foi realmente para interrogá-los sobre o que eles sabiam, o que eles faziam ao fazer entrar, na ocasião, o que se poderia chamar portanto *o ser* desse bendito *ente* do qual falam, não inteiramente a torto e a direito, eles chamam isso *o homem* de tempos em tempos, em todo caso, chamam cada vez menos desde que sou daqueles que manifestam algumas reservas a esse respeito, este ser não tem tropismo especial

em direção ao lugar da verdade. Não falemos mais disso.

Há portanto dois sentidos do sintoma; o sintoma é valor de verdade, é a função que resulta da introdução, num determinado tempo histórico que eu datei suficientemente, da noção de sintoma. O sintoma não se cura, da mesma forma na dialética marxista e na psicanálise. Na psicanálise, diz respeito a algo que é a tradução em palavras de seu valor de verdade. Que isto suscite o que é sentido, pelo analista, como um ser de recusa, não permite de maneira alguma decidir se esse sentimento merece de algum modo ser retido, posto que, igualmente, em outros registros, precisamente aquele que evoquei há pouco, é por procedimentos bem diferentes que o sintoma deve ceder. Eu não estou dando preferência a nenhum desses procedimentos e tanto menos que o que eu quero que vocês entendam é que há uma dialética diferente daquela que se imputa à história.

Entre as questões “a incompreensão psicanalítica seria um sintoma?” e “a incompreensão de Lacan seria um sintoma?”, colocarei uma terceira, “a incompreensão matemática”. É algo que se designa, há pessoas, e mesmo pessoas jovens, porque isso só interessa aos jovens, para as quais esta dimensão da incompreensão matemática existe, seria ela um sintoma?

É certo que quando nos interessamos por esses sujeitos que manifestam a incompreensão matemática, bastante difundida ainda em nosso tempo, temos o sentimento, empreguei a palavra sentimento exatamente como há pouco, para aquilo que os analistas fizeram resistência, temos o sentimento de que ela provém, no sujeito atormentado pela incompreensão matemática, de algo que é como uma insatisfação, uma defasagem, algo experimentado precisamente no manejo do valor de verdade.

Os sujeitos atormentados pela incompreensão matemática esperam mais da verdade do que a redução a esses valores chamados, ao menos nos primeiros passos da matemática, de valores dedutivos. Parece-lhes faltar algo nas articulações ditas demonstrativas, algo que está precisamente no nível de uma exigência de verdade. Esta bivalência, verdadeira ou falsa, seguramente e, digamos, não sem razões, deixa-os desorientados e, até um certo ponto, pode-se dizer que existe uma certa distância da verdade àquilo que podemos chamar, na ocasião, a cifra. A cifra não é outra coisa senão o escrito, a escrita de seu valor. Que a bivalência se exprima, segundo os casos, por 0 e 1 ou por V e F, o resultado é o mesmo em virtude de algo que é exigido ou parece exigível em certos sujeitos, dos quais vocês puderam ver ou escutar que, há pouco, não falei que isso seja de maneira nenhuma um conteúdo – em nome de que o chamaríamos por esse termo, uma vez que conteúdo não quer dizer nada, posto que não se pode dizer de que se trata? Uma verdade não tem

conteúdo, uma verdade que se diz uma, é verdade ou então é *semblante*, distinção que não tem nada a ver com a oposição do verdadeiro e do falso; pois se é *semblante*, é exatamente *semblante* de verdade, e de onde procede a incompreensão matemática justamente, a questão se coloca em saber se verdade ou *semblante*, não é - permitam-me dizer, eu a retomarei mais sabiamente em outro contexto - não é tudo um.

Em todo caso, sobre esse ponto não é certamente a elaboração lógica<sup>4</sup> que se fez das matemáticas o que aqui se vai opor, pois se lerem o Sr. Bertrand Russell em qualquer ponto de seus textos, que aliás teve o cuidado de dizer com seus próprios termos, a matemática é precisamente aquilo que se ocupa de enunciados dos quais é impossível dizer se têm uma verdade, e tampouco se significam o que quer que seja. É exatamente uma maneira um pouco forçada de dizer que precisamente todo o cuidado que ele dispensou ao rigor da formalização da dedução matemática é algo que seguramente se dirige a algo totalmente diferente da verdade, mas com uma face que, todavia, não deixa de ter relação com ela; sem isso não haveria necessidade de separá-las de uma maneira tão fundamentada!

É certo que, não idêntica ao que concerne à matemática, a lógica, que se esforça precisamente em justificar a articulação matemática com relação à verdade, resulta, ou mais exatamente se afirma, se afirma em nossa época nessa lógica proposicional, da qual o mínimo que se pode dizer é que parece estranho que a verdade, posta como valor que faz a denotação de uma proposição dada, que se postule nessa mesma lógica que ela não poderia engendrar senão uma outra proposição verdadeira. Que a implicação, para resumir, seja definida por esta estranha genealogia da qual resultaria que o verdadeiro uma vez alcançado não poderia de maneira alguma, por nada do que ele implique, retornar ao falso. É absolutamente claro que, por menores que sejam as possibilidades de que uma proposição falsa - o que em contrapartida é inteiramente admitido - engendre uma proposição verdadeira, desde o tempo em que propõem, nesta via, que nos dizem ser sem retorno, há muito não deveria haver senão proposições verdadeiras!

Na verdade, é singular, é estranho, só é suportável por causa da existência das matemáticas, de suas existências independentemente da lógica, que semelhante enunciado possa ser sustentado, mesmo por um instante. Há, em algum lugar por aqui, uma confusão que, seguramente, faz com que os próprios matemáticos estejam tão pouco tranqüilos sobre o assunto, e faz com que tudo o que estimulou efetivamente essa investigação lógica concernente às matemáticas, tudo, em todos os seus pontos, essa investigação procedeu do sentimento de que a não-contradição de maneira alguma poderia bastar para fundar a verdade, o que não quer dizer que ela não seja desejável, e até mesmo exigível. Mas que seja suficiente, seguramente não.

Mas não avancemos mais longe sobre o assunto, esta noite, pois trata-se apenas de uma conversa introdutória para um manejo que é precisamente esse, cujo caminho este ano proponho fazer vocês trilharem. Essa confusão em torno da incompreensão matemática é de natureza a conduzir-nos à idéia de que, aqui, o sintoma, a incompreensão matemática, em suma, é o amor da verdade, se posso dizer, por si mesma, que o condiciona.

É diferente dessa recusa da qual eu falava há pouco, é mesmo o contrário. É um tropismo, se posso dizer, positivo pela verdade num ponto no qual se conseguiria escamotear completamente o patético. Só que isso se passa no nível de uma certa maneira de expor as matemáticas, que, para ilustrar que eu o fiz com o esforço do lógico, nem por isso está menos apresentada de maneira manejável, corrente e sem outra introdução lógica, de uma maneira simples e elementar onde a evidência, como se diz, permite escamotear muitos passos. É curioso que no ponto onde se manifesta a incompreensão matemática nos jovens, seja sem dúvida por um certo vazio sentido sobre o que concerne ao verídico daquilo que é articulado, que se produzem os fenômenos de incompreensão e estaríamos totalmente enganados em pensar que a matemática é algo que de fato teve êxito em esvaziar tudo aquilo que concerne à relação da verdade com seu patético. Porque não há apenas a matemática elementar e conhecemos bastante de história para saber o sofrimento, a dor que engendraram, no momento de sua ex-cogitação, os termos e as funções do cálculo infinitesimal para simplesmente nos determos nisso, e até mesmo mais tarde, a regularização, a validação, a logicização dos mesmos termos e dos mesmos métodos, e até a introdução de um número cada vez mais elevado, cada vez mais elaborado, do que devemos realmente, nesse nível, chamar matema e para saber que seguramente os ditos matemas não comportam de maneira alguma uma genealogia retrógrada, não comportam nenhuma demonstração possível pela qual seria necessário empregar o termo histórico; a matemática grega mostra muito bem os pontos onde, mesmo ali onde ela tinha a sorte, pelos procedimentos ditos de exaustão, de aproximar o que adveio no momento da descoberta do cálculo infinitesimal, não conseguiu, no entanto, não abriu caminho e que, se é cômodo, à partir do cálculo infinitesimal ou, melhor dizendo, de sua redução perfeita, para situar, classificar, mas só depois [*après coup*], o que eram ao mesmo tempo procedimentos de demonstração da matemática grega e também impasses que estavam à dianteira, dados como perfeitamente localizáveis só depois [*après coup*], tanto assim que vemos que não é absolutamente verdadeiro falar do matema como algo que de algum modo seria destacado da exigência verídica.

É exatamente no curso de inúmeros debates, debates de palavras, que o surgimento em cada tempo da história - e, se falei de Leibniz e de Newton implicitamente, e

mesmo daqueles que com uma incrível audácia em não sei que elemento de encontro ou de aventura a propósito do qual o termo proeza ou golpe de sorte é evocado, foram precedidos por um Isaac Barrow, por exemplo, e foi renovado numa época muito próxima à nossa com a efração cantoriana onde nada certamente é feito para reduzir o que chamei há pouco a dimensão do patético, que pôde ir em Cantor até a ameaça da loucura, a qual não creio tampouco que seja suficiente dizer-nos que foi decorrente das decepções de carreira, das oposições, e até das injúrias que o dito Cantor recebia dos professores universitários que reinavam em sua época. Nós não temos o hábito de encontrar a loucura motivada por perseguições objetivas – seguramente tudo é feito para que nos interroguemos sobre a função do matema. A incompreensão matemática deve então ser algo diferente daquilo que chamei esta exigência que resultaria, de qualquer forma, de um vazio formal. Bem longe disso! Não é seguro, a julgar pelo que se passa na história das matemáticas, que não seja de alguma relação do matema – ainda que seja o mais elementar – com uma dimensão de verdade que a incompreensão se engendre. São talvez os mais sensíveis que compreendem menos. Já temos uma espécie de indicação, de noção disso, no âmbito dos diálogos – do que nos resta deles, do que podemos presumir a esse respeito – dos diálogos socráticos. Enfim, há pessoas para as quais talvez o encontro com a verdade desempehe justamente esse papel que os ditos gregos davam a uma metáfora, o mesmo efeito que o encontro com o torpedo, isso os entorpece. Eu lhes mostrarei que esta idéia que procede – quero dizer, na própria metáfora – da contribuição sem dúvida confusa, mas é para isso mesmo que serve a metáfora; para fazer surgir um sentido que ultrapassa em muito os meios; o torpedo, e depois aquele que o toca e que cai duro é, evidentemente, ainda não se sabe disso na hora em que se faz a metáfora, é evidentemente o encontro de dois campos não afinados entre si, campo tomado aqui no sentido próprio de campo magnético.

Farei vocês notarem igualmente que tudo o que acabamos de abordar, e que levou à palavra campo, foi a palavra que usei quando disse: *Fonction et champ de la parole et du langage*, o campo é constituído pelo que chamei, outro dia, num lapso, a *alíngua* [*lalangue*]. Este campo assim considerado, dando a chave da incompreensão enquanto tal, é precisamente o que nos permite excluir dele qualquer psicologia. Os campos dos quais se trata são constituídos de Real, tão real quanto o torpedo e o dedo de um inocente que acaba de tocá-lo. Não é porque abordamos o matema pelas vias do Simbólico que não se trata do Real. A verdade em questão na psicanálise é aquilo que, por intermédio da linguagem, quero dizer, pela função da palavra, aborda, mas numa abordagem que não é de maneira nenhuma de conhecimento, mas, direi, de algo como indução, no sentido que esse

Mas não avancemos mais longe sobre o assunto, esta noite, pois trata-se apenas de uma conversa introdutória para um manejo que é precisamente esse, cujo caminho este ano proponho fazer vocês trilharem. Essa confusão em torno da incompreensão matemática é de natureza a conduzir-nos à idéia de que, aqui, o sintoma, a incompreensão matemática, em suma, é o amor da verdade, se posso dizer, por si mesma, que o condiciona.

É diferente dessa recusa da qual eu falava há pouco, é mesmo o contrário. É um tropismo, se posso dizer, positivo pela verdade num ponto no qual se conseguiria escamotear completamente o patético. Só que isso se passa no nível de uma certa maneira de expor as matemáticas, que, para ilustrar que eu o fiz com o esforço do lógico, nem por isso está menos apresentada de maneira manejável, corrente e sem outra introdução lógica, de uma maneira simples e elementar onde a evidência, como se diz, permite escamotear muitos passos. É curioso que no ponto onde se manifesta a incompreensão matemática nos jovens, seja sem dúvida por um certo vazio sentido sobre o que concerne ao verídico daquilo que é articulado, que se produzem os fenômenos de incompreensão e estaríamos totalmente enganados em pensar que a matemática é algo que de fato teve êxito em esvaziar tudo aquilo que concerne à relação da verdade com seu patético. Porque não há apenas a matemática elementar e conhecemos bastante de história para saber o sofrimento, a dor que engendraram, no momento de sua ex-cogitação, os termos e as funções do cálculo infinitesimal para simplesmente nos determos nisso, e até mesmo mais tarde, a regularização, a validação, a logicização dos mesmos termos e dos mesmos métodos, e até a introdução de um número cada vez mais elevado, cada vez mais elaborado, do que devemos realmente, nesse nível, chamar matema e para saber que seguramente os ditos matemas não comportam de maneira alguma uma genealogia retrógrada, não comportam nenhuma demonstração possível pela qual seria necessário empregar o termo histórico; a matemática grega mostra muito bem os pontos onde, mesmo ali onde ela tinha a sorte, pelos procedimentos ditos de exaustão, de aproximar o que adveio no momento da descoberta do cálculo infinitesimal, não conseguiu, no entanto, não abriu caminho e que, se é cômodo, à partir do cálculo infinitesimal ou, melhor dizendo, de sua redução perfeita, para situar, classificar, mas só depois [*après coup*], o que eram ao mesmo tempo procedimentos de demonstração da matemática grega e também impasses que estavam à dianteira, dados como perfeitamente localizáveis só depois [*après coup*], tanto assim que vemos que não é absolutamente verdadeiro falar do matema como algo que de algum modo seria destacado da exigência verídica.

É exatamente no curso de inúmeros debates, debates de palavras, que o surgimento em cada tempo da história – e, se falei de Leibniz e de Newton implicitamente, e

mesmo daqueles que com uma incrível audácia em não sei que elemento de encontro ou de aventura a propósito do qual o termo proeza ou golpe de sorte é evocado, foram precedidos por um Isaac Barrow, por exemplo, e foi renovado numa época muito próxima à nossa com a efração cantoriana onde nada certamente é feito para reduzir o que chamei há pouco a dimensão do patético, que pôde ir em Cantor até a ameaça da loucura, a qual não creio tampouco que seja suficiente dizer-nos que foi decorrente das decepções de carreira, das oposições, e até das injúrias que o dito Cantor recebia dos professores universitários que reinavam em sua época. Nós não temos o hábito de encontrar a loucura motivada por perseguições objetivas – seguramente tudo é feito para que nos interroguemos sobre a função do matema. A incompreensão matemática deve então ser algo diferente daquilo que chamei esta exigência que resultaria, de qualquer forma, de um vazio formal. Bem longe disso! Não é seguro, a julgar pelo que se passa na história das matemáticas, que não seja de alguma relação do matema – ainda que seja o mais elementar – com uma dimensão de verdade que a incompreensão se engendre. São talvez os mais sensíveis que compreendem menos. Já temos uma espécie de indicação, de noção disso, no âmbito dos diálogos – do que nos resta deles, do que podemos presumir a esse respeito – dos diálogos socráticos. Enfim, há pessoas para as quais talvez o encontro com a verdade desempenhe justamente esse papel que os ditos gregos davam a uma metáfora, o mesmo efeito que o encontro com o torpedo, isso os entorpece. Eu lhes mostrarei que esta idéia que procede – quero dizer, na própria metáfora – da contribuição sem dúvida confusa, mas é para isso mesmo que serve a metáfora; para fazer surgir um sentido que ultrapassa em muito os meios; o torpedo, e depois aquele que o toca e que cai duro é, evidentemente, ainda não se sabe disso na hora em que se faz a metáfora, é evidentemente o encontro de dois campos não afinados entre si, campo tomado aqui no sentido próprio de campo magnético.

Farei vocês notarem igualmente que tudo o que acabamos de abordar, e que levou à palavra campo, foi a palavra que usei quando disse: *Fonction et champ de la parole et du langage*, o campo é constituído pelo que chamei, outro dia, num lapso, a *alíngua* [*lalangue*]. Este campo assim considerado, dando a chave da incompreensão enquanto tal, é precisamente o que nos permite excluir dele qualquer psicologia. Os campos dos quais se trata são constituídos de Real, tão real quanto o torpedo e o dedo de um inocente que acaba de tocá-lo. Não é porque abordamos o matema pelas vias do Simbólico que não se trata do Real. A verdade em questão na psicanálise é aquilo que, por intermédio da linguagem, quero dizer, pela função da palavra, aborda, mas numa abordagem que não é de maneira nenhuma de conhecimento, mas, direi, de algo como indução, no sentido que esse

termo tem na constituição de um campo, indução de alguma coisa que é inteiramente real, ainda que disso não possamos falar senão como significante. Quero dizer que não têm outra existência a não ser de significante.

Do que é que eu falo? Ora, de nada além daquilo que chamamos, em linguagem corrente, homens e mulheres. Não sabemos nada de real sobre estes homens e estas mulheres como tais, pois é disso que se trata; não se trata de cães e de cadelas. Trata-se, realmente, daqueles que pertencem a cada um dos sexos a partir do ser falante. Não há aí sequer uma sombra de psicologia. Homens e mulheres – isso é real. Mas, a respeito deles, não somos capazes de articular a menor coisa na *alíngua* que tenha a menor relação com esse Real. Se a psicanálise não nos ensina isso, mas o que é que ela diz?, pois ela não faz outra coisa senão repeti-lo insistentemente!

Isso é o que enuncio quando digo que não há relação sexual para os seres que falam. Porque a palavra deles, tal como funciona, depende, está condicionada como palavra, posto que é interdito a essa relação sexual, como palavra, precisamente, funcionar aí de algum modo que permita dar conta disso. Nesta correlação, não estou dando primazia a nada; não digo que a palavra existe porque não há relação sexual, seria completamente absurdo. Não digo tampouco que não há relação sexual porque a palavra existe. Mas, certamente, não há relação sexual porque a palavra funciona nesse nível em que se encontra, por causa do discurso psicanalítico, descoberto como especificando o ser falante, a saber, a importância, a primazia em tudo o que vai fazer, no seu nível, do sexo, o *semblante*, *semblante* de homenzinhos e de mulherzinhas, como se dizia depois da última guerra. As mulheres boazinhas não eram chamadas de outro modo. Não é exatamente assim que falarei porque não sou existencialista.

De qualquer forma, a constituição devido ao fato de que o ente, do qual falávamos há pouco, este ente fala, o fato de que é apenas da fala que procede esse ponto essencial, na ocasião, deve ser inteiramente distinto da relação sexual, que se chama o gozo, o gozo que chamamos sexual e que sozinho determina, no ente do qual falo, o que se trata de obter, isto é, a cópula. A psicanálise nos confronta ao fato de que tudo depende desse ponto de sustentação chamado gozo sexual e que acontece – são apenas as proposições que recolhemos na experiência psicanalítica que nos permitem afirmá-lo – somente podendo se articular numa cópula um pouco contínua, e até mesmo efêmera ao exigir encontrar aquilo que não tem dimensão senão de *alíngua* e que chamamos castração.

A opacidade desse núcleo chamado gozo sexual e do qual farei vocês observarem que a articulação nesse registro a explorar, chamado castração, data apenas da emergência historicamente recente do discurso psicanalítico, assim, parece-

me, o que merece realmente que nos dediquemos a formular seu matema, quer dizer, a que algo se demonstre de outro modo que não sofrido, sofrido numa espécie de segredo vergonhoso que, por ter sido publicado pela psicanálise, não se torna igualmente menos vergonhoso, menos desprovido de saída. É, a dimensão inteira do gozo, isto é, a relação desse ser falante com seu corpo – pois não há outra definição possível do gozo – ninguém parece ter-se dado conta de que é nesse nível que está a questão.

Quem é que, na espécie animal, goza de seu corpo e como? Certamente temos traços disso nos nossos primos, os chimpanzés, que se desparasitam<sup>5</sup> uns com os outros com todos os sinais do mais vivo interesse. E depois? Em que é que se sustenta essa idéia de que no ser falante seja muito mais elaborada essa relação do gozo chamado, em nome daquilo que é a descoberta da psicanálise, que o gozo sexual emerge mais cedo que a maturidade do mesmo nome. Isto parece suficiente para tornar infantil tudo o que está neste leque, curto sem dúvida, mas não sem variedade, dos gozos qualificados de perversos. Que isto esteja em estreita relação com esse curioso enigma que faz com que não se possa agir com o que parece diretamente ligado à operação à qual o gozo sexual é supostamente visado, que não se poderia de nenhuma maneira engajar-se nesta via na qual a fala se sustenta, sem que se articule em castração, é curioso que não é nunca antes de um... não quero dizer uma tentativa, porque, como dizia Picasso: “Eu não procuro: eu encontro”, “eu não tento, eu decido”, antes que eu tenha decidido que o ponto-chave, o ponto de articulação, era *alingua* e, no campo de *alingua*, a operação da fala. Não existe uma interpretação analítica que não seja para dar a qualquer proposição que encontramos sua relação a um gozo, ao que... o que quer dizer a psicanálise? Que nesta relação ao gozo é a palavra que assegura a dimensão de verdade. E tampouco é menos garantido que ela possa de alguma maneira dizê-la completamente. Como eu me exprimo, só podemos semi-dizer esta relação, e forjar-lhe o *semblante*, muito precisamente o que chamamos – sem poder dizer grande coisa sobre isso justamente, faz-se algo, mas não se pode dizer muito, parece, sobre o tipo – o *semblante* daquilo que se chama um homem ou uma mulher.

Se, há mais ou menos dois anos, cheguei à via que tento traçar ao articular os quatro discursos, não os discursos históricos, da mitologia, da nostalgia de Rousseau, e tampouco do neolítico, são coisas que só interessam ao discurso universitário; esse discurso nunca está tão bem, a não ser no nível dos saberes que não querem dizer mais nada a ninguém, pois o discurso universitário se constitui fazendo do saber um *semblante* – trata-se dos discursos que constituem, aí, de um modo tangível, algo de real. Esta relação de fronteira entre o Simbólico e o Real, nós vivemos aí, é o caso de dizer, o discurso do Mestre, isso se mantém sempre, e

mais! Vocês podem constatá-lo suficientemente, penso, para que eu não tenha necessidade de indicar, o que teria podido fazer se me agradasse, ou seja, se eu buscasse a popularidade, mostrar a vocês o pequeno giro que o discurso do capitalista faz. É exatamente o mesmo troço, só que com uma cara melhor, funciona melhor, vocês são mais engabelados! De qualquer modo, vocês nem se dão conta. Assim como para o discurso universitário, vocês estão de vento em popa, acreditando causar comoção, os meses de Maio<sup>6</sup>! Não falemos do discurso histórico, é o discurso científico mesmo. É muito importante conhecê-lo para fazer pequenos prognósticos. Isso não diminui em nada os méritos do discurso científico.

Se existe uma coisa certa é que só pude articular esses três discursos numa espécie de matema porque o discurso analítico surgiu. E quando falo do discurso analítico, não estou falando de algo da ordem do conhecimento, há muito tempo que se teria podido perceber que o discurso do conhecimento é uma metáfora sexual e extrair sua consequência, isto é, uma vez que não há relação sexual, tampouco há conhecimento. Vivemos durante séculos com uma mitologia sexual e, é claro, uma grande parte dos analistas não querem outra coisa senão deleitar-se com essas caras lembranças de uma época inconsistente. Mas não se trata disso. O que está dito está dito, escrevi na primeira linha de algo que estou ex-cogitando deixar para vocês em algum tempo, o que está dito é de fato, do fato de dizê-lo.

Só que há o obstáculo; está tudo aí, sai tudo daí. O que chamo a *Hacoisa* [*l'Hachose*] – coloquei um H na frente para que vocês vejam que há um apóstrofo, mas precisamente não deveria colocá-lo, deveria chamar-se a *Hacoisa* [*la Hachose*], em resumo, o objeto *a*. O objeto *a* é certamente um objeto, mas apenas no sentido de substituir definitivamente toda noção do objeto enquanto suportado por um sujeito. Esta não é a relação dita do conhecimento. É muito curioso, quando a estudamos em detalhe, ver que termináramos fazendo com que um dos termos dessa relação do conhecimento, o sujeito em questão, não fosse mais que a sombra de uma sombra, um reflexo perfeitamente evanescente. O objeto *a* só é um objeto no sentido de que está aí para afirmar que nada da ordem do saber existe sem produzi-lo. É completamente diferente de conhecê-lo. O discurso psicanalítico só pode ser articulado ao mostrar que este objeto *a*, para que haja chance de analista, é necessário que uma determinada operação, chamada experiência psicanalítica, tenha trazido o objeto *a* ao lugar do *semblante*. Bem entendido, ele não poderia absolutamente ocupar este lugar se os outros elementos redutíveis numa cadeia significativa não ocupassem os demais, se o sujeito e o que chamo significante-mestre, e o que designo como corpo do saber não estivessem distribuídos nos quatro pontos de um tetraedro que é o que, para o descanso de vocês, desenhei no quadro sob a forma de coisinhas que se cruzam assim, no interior do quadrado

onde falta um lado, é evidente que não haveria absolutamente discurso. E o que define um discurso, o que o opõe à fala, digo, porque é isso o matema, digo que é o que determina para a abordagem falante, o que determina o Real. E o Real do qual eu falo é absolutamente inabordável, exceto por uma via matemática, a saber, como referência para o fato de que não há outra via senão esse discurso último vindo dos quatro, aquele que defini como o discurso analítico, e que permite de um modo, seria excessivo dizer que é consistente, muito pelo contrário, por uma hiância, e propriamente aquela que se exprime pela temática da castração, que podemos ver de onde está assegurado o Real, que mantém todo esse discurso.

O Real ao qual me refiro, e isto em conformidade com tudo o que é recebido na análise, isto é, nada está garantido pelo que parece o fim, a finalidade do gozo sexual, a saber, a cópula sem estes passos tão confusamente percebidos, mas nunca realçados, em uma estrutura comparável àquela de uma lógica e que chamamos a castração.

É precisamente nisso que o esforço lógico deve nos servir de modelo, e até mesmo de guia. E não me façam falar de isomorfismo. E que haja em algum lugar um espertinho da Universidade que acha que meus enunciados sobre a verdade, o *semblante*, o gozo e o mais-gozar, seriam formalistas, e até hermenêuticos... por que não? Trata-se do que chamam em matemática, de preferência – coisa curiosa, é um achado – uma operação de gerador. Tentaremos este ano, num lugar que não este, abordar assim, prudentemente, de longe e passo a passo – porque não se deve esperar demais, nesta ocasião, pelas centelhas que poderiam ser produzidas, mas isso virá.

O objeto *a*, do qual lhes falei há pouco, não é um objeto, é o que permite tetraedrar esses quatro discursos, cada um deles à sua maneira – e é evidentemente o que não podem ver, não podem ver, quem? Coisa curiosa, os analistas. É que o objeto *a* não é um ponto que localiza em algum lugar os outros quatro ou os quatro que eles formam juntos, é a construção, é o matema tetraédrico desses discursos.

A questão então é esta: por onde os seres *acôisicos* [*achosiques*], os *a* encarnados que somos todos, por razões diversas, seriam os mais tomados pela incompreensão de meu discurso? É verdade que a questão pode ser colocada. Que seja um sintoma ou não, é secundário. Mas o que é certo mesmo é que, teoricamente, é no âmbito do psicanalista que deve dominar a incompreensão de meu discurso. E justamente porque é o discurso analítico. Possivelmente não é privilégio do discurso analítico. Afinal, mesmo aqueles que fizeram, aquele que fez, que levou mais longe, que evidentemente se deu mal porque não conhecia o objeto *a*, mas que levou mais longe o discurso do Mestre antes que eu trouxesse o objeto *a* ao mundo, foi Hegel, para nomeá-lo. Ele sempre nos disse que se havia alguém que não compreendia nada do discurso do Mestre era o Mestre. Por isso, naturalmente, ele permanece na psicologia, porque não há Mestre, há o significante-

mestre e o Mestre segue como pode. Isso não favorece absolutamente a compreensão do discurso do Mestre pelo Mestre. É neste sentido que a psicologia de Hegel é exata.

É claro que seria igualmente muito difícil sustentar que a histórica, no lugar em que é colocada, quer dizer no nível do *semblante*, esteja na melhor situação para compreender seu discurso. Não haveria necessidade da virada da análise, sem isso. Seguramente não falamos dos professores universitários! Ninguém nunca acreditou que eles tivessem o atrevimento de sustentar um *álibi* tão prodigiosamente manifesto quanto o é todo o discurso universitário.

Então, por que os analistas teriam o privilégio de estarem acessíveis ao que, em seu discurso, é o matema? Existem todas as razões, ao contrário, para que eles se instalem numa espécie de estatuto cujo interesse justamente – mas não são coisas que possam ser feitas num dia – cujo interesse realmente poderia ser demonstrar o que resulta dessas inconcebíveis elucubrações teóricas que são as que enchem as revistas do mundo psicanalítico.

Não é isso que é importante. O importante é interessar-se e, sem dúvida, tentarei dizer a vocês em que pode consistir esse interesse. É absolutamente necessário esgotá-lo em todos os seus aspectos. Acabo de dar a indicação do que pode ser o estatuto do analista no âmbito do *semblante*, e certamente não é menos importante articulá-lo em sua relação com a verdade. E o mais interessante – é o caso de dizer, é um dos únicos sentidos que se pode dar à palavra interesse – é a relação que esse discurso tem com o gozo, o gozo, afinal de contas, que o sustenta, que o condiciona, que o justifica precisamente pelo fato de o gozo sexual...

Não gostaria de terminar dando a vocês a idéia de que sei o que é o homem. Certamente existem pessoas que têm necessidade de que eu lhes jogue esta pequena isca. Afinal, posso jogá-la para eles, porque isso não conota nenhuma espécie de promessa de progresso... *ou pior*. Posso dizer a eles que é muito provavelmente isso, realmente, o que especifica esta espécie animal. É uma relação totalmente anômala e estranha com seu gozo. Isso pode acarretar alguns pequenos desdobramentos do lado da biologia, por que não? O que constato, simplesmente, é que os analistas não promoveram o mínimo progresso quanto à referência biologizante da análise, e eu o sublinho muito freqüentemente. Eles não promoveram o mínimo progresso, pela simples razão de que é precisamente o ponto anômalo onde um gozo, coisa inacreditável, encontrou biólogos para, em nome deste gozo claudicante e tão amputado, a própria castração parece no homem ter uma certa relação à cópula, à conjunção portanto, aquilo que, biologicamente, mas certamente sem que isso condicione absolutamente nada no *semblante*, aquilo que no

homem então resulta na conjunção dos sexos. Houve então biólogos para estender essa relação perfeitamente problemática às espécies animais e estender para nós – fizeram um livrão sobre isso, que recebeu imediatamente o honroso patrocínio de meu amigo Henri Ey, de quem lhes falei com a simpatia que puderam perceber da última vez – a perversão nas espécies animais, em nome de quê? Que as espécies animais copulam, mas o que é que nos prova que seja em nome de um gozo qualquer, perverso ou não? É verdadeiramente necessário ser um homem para acreditar que copular faz gozar! Então, há volumes inteiros a esse respeito para explicar que há os que fazem isso com ganchos, com suas patinhas, e também há os que enviam os troços, as coisas, os espermatozoides ao interior da cavidade central como no percevejo, creio, e então ficamos maravilhados, como eles devem gozar com umas coisas dessas! Se nós fizéssemos isso com uma seringa no peritônio... seria voluptuoso! É com isso que acreditam que se constroem coisas corretas. Embora a primeira coisa a demonstrar seja precisamente a dissociação, e é evidente que a questão, a única questão, a questão muito interessante, é saber como algo que podemos, momentaneamente, dizer correlativo desta disjunção do gozo sexual, algo que chamo *alíngua*, evidentemente, tem uma relação com algo do real, mas daí que isso possa conduzir aos matemas que nos permitem edificar a ciência, esta é verdadeiramente a questão. Se olhássemos um pouco mais de perto como é essa porcaria de ciência – tentem fazer isso só uma vez, uma aproximaçãozinha, *A Ciência e a Verdade*... Havia um pobre coitado, uma vez, de quem eu era o convidado naquele momento, que ficou doente escutando-me sobre isso, e afinal é bem aí que se vê que meu discurso é compreendido, foi o único que ficou doente com ele! Ficou demonstrado de mil maneiras tratar-se de alguém não muito forte. Enfim, não tenho nenhuma espécie de paixão pelos débeis mentais, eu me diferencio nisso de minha querida amiga Maud Mannoni, mas como também encontramos os débeis mentais no Instituto, não vejo porque eu me emocionaria. Enfim *A Ciência e a Verdade* tentava acercar um pouquinho algo assim. Afinal, essa famosa ciência possivelmente é feita com quase nada. Neste caso, explicar-se-ia melhor como as coisas, a aparência tão condicionada por um déficit quanto a *alíngua* pode seguir adiante.

Eis aí, são estas as questões que possivelmente abordarei este ano. Enfim, tentarei fazer o melhor... *Ou pior!*

TRADUÇÃO: Nanette Frej

<sup>1</sup> *Entretien* é a palavra que Lacan utilizará todo o tempo. Possui várias acepções: entrevista, conversa, reunião, discussão, audiência. [N.R.]

<sup>2</sup> *Lapalisse*: personagem da opereta de Offenbach (1904): pessoa que diz verdades evidentes, banalidades. [N.T.]

<sup>3</sup> *porter sur le système*: refere-se ao sistema nervoso; tem o sentido de *se exasperar, se enervar*. [N.T.]

<sup>4</sup> *logicienne*: conforme uma lógica, seguindo uma lógica própria. [N.T.]

<sup>5</sup> Não existe correspondente em português. *Desparasiter*: tirar os parasitas; como os macacos que catam as pulgas nos outros macacos. [N.T.]

<sup>6</sup> Homofonia entre *faire l'émoi* [causar comoção] e *les mois de Mai* [os meses de Maio] – referência a maio de 1968. [N.T.]

### Lição III

06 de janeiro de 1972

Não se sabe se a série é o princípio do sério. Contudo, encontro-me diante dessa questão que se propõe ao que evidentemente não posso aqui continuar, aquilo que em outro lugar se define como meu ensino, o que se chama meu seminário. Não seria senão pelo fato de que nem todo mundo está advertido de que tenho uma pequena conversa<sup>1</sup> por mês aqui. E como há pessoas que se dão ao trabalho de vir, algumas vezes de muito longe, para acompanhar o que digo num outro lugar, sob este nome de seminário, não seria correto, quero dizer, continuar aqui.

Então, em suma, trata-se de saber o que faço aqui. É certo que não é exatamente o que eu esperava. Cedo a esta afluência que faz com que aqueles que de fato convoquei para algo que se chamava *O saber do psicanalista* não estão de forma nenhuma forçosamente ausentes daqui, mas estão um pouco perdidos. Àqueles que estão realmente aqui, não sei se fazendo alusão a este seminário, falo de algo que eles conheçam. É preciso, também, que eles levem em conta que, por exemplo, desde a última vez, aqueles que encontro estão aqui, justamente, porque eu abri esse seminário. Eu o abri, se se é um pouco atento e rigoroso, não se pode dizer que isto possa se fazer de uma única vez. Efetivamente, houve duas. E é por isso que posso dizer que o abri, porque se não tivesse havido segunda vez, não haveria primeira. O interesse disso é lembrar algo que introduzi, há um certo tempo, a propósito do que se chama a repetição. A repetição só pode evidentemente começar na segunda vez; que acontece, pelo fato de que se não houvesse segunda, não haveria primeira, que acontece ser então aquela que inaugura a repetição. É a história do zero e do um. Somente com o um, não pode haver repetição, de modo que, para que haja repetição, não para que isto seja aberto, é necessário que haja uma terceira.

Parece que foi isso que perceberam a propósito de Deus; ele não começa...

demoraram para perceber isso, ou então, sabia-se desde sempre, mas não foi observado porque, afinal, não se pode jurar nada neste sentido, mas enfim meu caro amigo Kojève insistia muito sobre essa questão da Trindade cristã.

Seja como for, há evidentemente um mundo, do ponto de vista do que nos interessa – e o que nos interessa é analítico – entre a segunda vez que é o que achei dever sublinhar com o termo de *Nachtrag*, o *só depois* [après-coup].<sup>2</sup> São evidentemente coisas que só retomarei – não aqui – em meu seminário, tentarei retomá-las este ano. É importante porque é nisso que há um mundo, entre o que a psicanálise traz e o que trouxe uma certa tradição filosófica que, sem dúvida, não é negligenciável, sobretudo quando se trata de Platão que sublinhou bastante o valor da díade. Quero dizer que a partir dela, tudo degradingola. O que degradingola ele devia saber, mas não disse. Seja como for, não tem nada a ver com o *Nachtrag* analítico, o segundo tempo. Quanto ao terceiro, cuja importância acabo de sublinhar, não é somente para nós que ele adquire importância, é para o próprio Deus.

Num tempo, e a propósito de uma certa tapeçaria que estava exposta no Museu de Artes Decorativas, muito bonita, e que incitei vivamente todo mundo para ir ver, vê-se o Pai, o Filho e o Espírito Santo, representados estritamente na mesma figura, a figura de um personagem bastante nobre e barbudo, eram três a se entreolhar, o que impressiona mais do que ver alguém diante de sua imagem. A partir de três, começa a produzir um certo efeito.

De nosso ponto de vista de sujeitos, o que é que pode começar exatamente a três para o próprio Deus? É uma velha questão que coloquei bem rapidamente no tempo em que comecei o meu ensino, coloquei rapidamente e depois não a renovei, direi a vocês de imediato por quê: é somente a partir de três, claro, que ele pode crer em si mesmo.

Porque é bastante curioso, é uma questão que jamais foi colocada, que eu saiba: será que Deus crê em si mesmo? Seria contudo um bom exemplo para nós. É realmente surpreendente que essa questão que coloquei tão cedo e que não creio vã, não tenha suscitado, pelo menos aparentemente, nenhuma turbulência, pelo menos entre os meus correligionários, quero dizer, aqueles que foram instruídos à sombra da Trindade. Eu compreendo que não tenha chocado os outros, mas para esses, realmente, eles são *incorreligionáveis*.<sup>3</sup> Não há nada a fazer. Contudo, eu tinha ali algumas figuras notórias da chamada hierarquia cristã. A questão que se coloca é saber se é porque eles estão dentro – o que me custa crer – que não entendem nada ou, o que é muito mais provável, que

são de um ateísmo tão integral que esta questão não produz efeito algum neles. É a solução pela qual me inclino. Não se pode dizer que seja o que chamei há pouco uma garantia de sério pois isso só pode ser um ateísmo, de qualquer forma uma sonolência, a qual é bastante difundida. Noutros termos, eles não tem a menor idéia da dimensão do ambiente no qual têm que nadar; eles sobrenadam – o que não é exatamente a mesma coisa – sobrenadam graças ao fato de que se dão as mãos. Então, assim pela mão... há um poema de Paul Fort nesse gênero: *Se todas as moças do mundo* – começa assim – *se dessem as mãos, etc., poderiam dar a volta ao mundo*. É uma idéia doida, porque, na realidade, as moças do mundo nunca pensaram nisso, mas os rapazes, ao contrário – ele fala também deles – os rapazes se entendem em relação a isso. Todos se dão as mãos. Todos se dão as mãos, tanto mais que se não o fizessem, seria necessário que cada um afrontasse a moça sozinho e disto eles não gostam. É preciso que eles se dêem as mãos. As moças, é outro negócio. Elas são treinadas no contexto de certos ritos sociais, conferir *as danças e lendas da China antiga*, isto é... é chique, é mesmo *Che King* – não chocante – é *Che King*, isso foi escrito por um tal Granet, que tinha uma espécie de aptidão que não tem absolutamente nada a ver, nem com a etnologia, ele era incontestavelmente etnólogo, nem com a sinologia, ele era incontestavelmente sinólogo. O tal Granet, portanto, afirmava que, na China antiga, as moças e os rapazes opunham-se em igual número, por que não acreditar nele? Na prática, naquilo que conhecemos atualmente, os rapazes estão sempre em certo número, além da dezena, pela razão que lhes expus há pouco, porque estar totalmente só, cada um por si face a sua cada uma, eu lhes expliquei, é demasiadamente arriscado. Para as moças, é outra coisa. Como não estamos mais no tempo do *Che King*, elas se agrupam duas a duas, fazem amizade com uma amiga até que tenham, é claro, arrancado um cara do regimento dele. Sim, senhor! Seja lá o que pensem e até por mais superficial que lhes pareçam esses assuntos, estão fundados na minha experiência de analista. Quando elas tiraram um cara do regimento dele, naturalmente abandonam a amiga, que aliás não se sai tão mal assim.

Sim! Enfim, tudo isso, eu me deixei estender um pouco. Onde é que penso que estou? Veio assim, uma coisa chama a outra, por causa de Granet e desta história admirável do que se alterna nos poemas do *Che King*, esse coro de rapazes oposto ao coro das moças. Deixei-me levar assim falando de minha experiência analítica, da qual dei um *flash*, mas isso não é o fundo das questões. Não é aqui que exponho o fundo das coisas. Mas onde é que penso que estou para falar, em suma, para falar do fundo das coisas. Eu me veria quase com seres humanos

ou até de primeira qualidade! É assim, é contudo assim que me dirijo a eles. Mas é isso, foi por falar de meu seminário que fui levado ao fundo. Como, afinal, vocês talvez sejam os mesmos, falei como se falasse àqueles, o que me levou a falar como se eu falasse de vocês e – quem sabe? – isso leva a falar como se eu falasse para vocês. O que não estava, contudo, nas minhas intenções. Não estava de forma nenhuma nas minhas intenções, porque, se vim falar em Sainte-Anne, foi para falar aos psiquiatras e, evidentemente, nem todos vocês são evidentemente psiquiatras. Então, enfim, o que há de certo, é que é um ato falho. É um ato falho que, por isso, a todo instante corre o risco de ter êxito, isto é, bem que poderia acontecer que eu falasse assim com alguém. Como saber a quem falo? Sobretudo que, no final das contas, vocês contam no negócio, ainda que eu me esforce... vocês contam pelo menos para isso, eu não falo onde esperava falar, pois esperava falar no anfiteatro Magnan e estou falando na capela.

Que história! Vocês entenderam?

Vocês entenderam? Estou falando na capela! É a resposta. Estou falando na capela, isto é, aos muros<sup>4</sup>! Cada vez mais exitoso o ato falho! Sei agora a quem vim falar, a quem sempre falei em Sainte-Anne, aos muros! Não tenho necessidade de voltar a isso, faz um tempão. De tempos em tempos, voltei com um pequeno título de conferência sobre o que ensino, por exemplo, e depois alguns outros, não vou fazer a lista. Aqui, sempre falei aos muros.

LACAN – Quem tem algo a dizer?

X – Nós todos deveríamos sair se você fala aos muros.

LACAN – Quem... quem me fala aí?

É agora que vou poder comentar isso, que falar aos muros interessa a algumas pessoas. É por isso que eu perguntava há pouco quem falava. É certo que os muros, no que chamam – no que chamavam no tempo em que havia gente honesta, um asilo, o asilo clínico, como diziam – os muros, entretanto, isso não é nada.

Direi mais, esta capela parece-me um lugar extremamente bem feito para que saibamos do que se trata quando falo dos muros. Essa espécie de concessão do laicato aos internos, uma capela com sua guarnição de capelães, é claro, não é que seja formidável, hein, do ponto de vista arquitetônico, mas enfim é uma capela com a disposição esperada. Omite-se demasiadamente que, qualquer esforço que faça para sair disso, o arquiteto existe para fazer muros. E os muros, puxa vida... É contudo muito impressionante que após aquilo de que eu falava há pouco, isto é, o cristianismo, incline-se talvez um pouco demais na

direção do hegelianismo, mas é feito para envolver um vazio. Como imaginar o que preenchia os muros do Partenon e de algumas outras bobagens dessa espécie, das quais nos restam alguns muros desmoronados, é muito difícil saber. O que é certo é que não temos absolutamente nenhum testemunho. Temos o sentimento de que durante todo o período que rotulamos com esta etiqueta moderna de paganismo, havia coisas que se passavam em diversas festas que chamamos, das quais conservamos os nomes assim como eram, porque há os Anais, que datavam as coisas assim: “Foi nas grandes Panatenéias que Adimante e Glauco,” etc., vocês sabem a seqüência, “encontraram o chamado Céfalos”. O que acontecia ali? É absolutamente incrível que não tenhamos a menor idéia sobre o assunto!

Ao contrário, em relação ao vazio, temos uma grande idéia, porque tudo que nos foi legado por uma tradição chamada filosófica concede um grande lugar ao vazio. Há mesmo um chamado Platão que fez girar em torno disso toda sua idéia do mundo, é o caso de dizer, foi ele quem inventou a caverna. Fez dela uma câmara escura. Havia algo que acontecia no exterior, e tudo aquilo passando por um buraco mostrava todas as sombras. É curioso, é aí que teríamos talvez um pequeno fio, um pedacinho de rastro. É manifestamente uma teoria que nos faz compreender o que é o objeto *a*.

Suponham que sejam os muros a caverna de Platão onde se faz ouvir minha voz. É evidente que os muros me fazem gozar! E é nisto que vocês todos gozam, e cada um, por participação. Ver-me falando às paredes [*murs*] é algo que não pode deixá-los indiferentes. E, reflitam, suponham que Platão tenha sido estruturalista, ele teria percebido o que é a caverna, realmente, isto é, que foi sem dúvida ali que nasceu a linguagem. É necessário revirar a coisa, porque, seguramente, há muito tempo o homem choraminga como qualquer um dos animaizinhos piam para ter o leite materno, mas para se aperceber de que ele é capaz de fazer algo que, é claro, ouve há muito tempo, – porque na tagarelice, na gagueira, tudo se produz – mas para escolher, ele teve que perceber que os *K* ressoam melhor do fundo da caverna, do último muro, e que os *B* e os *P* brotam melhor na entrada, foi aí que ele ouviu a ressonância.

Eu me deixo levar essa noite, pois falo às paredes [*murs*]. Não se deve crer que o que lhes digo queira dizer que não tirei nada de diferente do Sainte-Anne. No Sainte-Anne, só cheguei a falar muito tarde, quero dizer que não me veio à cabeça, pelo menos para realizar uns trabalhos, quando eu era chefe de clínica, contava algumas historietas aos estagiários, foi ali mesmo que aprendi a ter

prudência com as histórias que conto. Contava um dia a história de uma mãe de paciente, um charmoso homossexual que analisei, e, não tendo podido fazer de outra forma ao vê-la chegar, a lesma<sup>5</sup> em questão dera esse grito: “É eu que pensava que ele era impotente!” Eu conto a história, dez pessoas entre os... só havia estagiários, reconhecem-na de imediato! Só podia ser ela. Já imaginaram o que é uma pessoa comum? Isso provocou uma confusão, naturalmente, porque me criticaram, e eu não tinha dito absolutamente nada, a não ser este grito sensacional. Isso me inspira, desde então, muita prudência na comunicação dos casos. Mas, enfim, é ainda uma pequena digressão, retomemos o fio.

Antes de falar em Sainte-Anne, enfim, fiz muitas outras coisas, mesmo que fosse apenas vir aqui e cumprir minha função e, é claro, para mim, para meu discurso, tudo parte daí. Porque é evidente que, se falo às paredes [*murs*], comecei a fazer isso tarde, a saber, antes de ouvir o que elas me reenviam, isto é, minha própria voz pregando no deserto – é uma resposta à pessoa – muito antes disso ouvi coisas que foram, enfim, totalmente decisivas para mim. Mas isso é minha questão pessoal. Quero dizer que as pessoas que aqui estão a título de estar entre as paredes [*murs*] são perfeitamente capazes de se fazerem ouvir, à condição de terem orelhas apropriadas!

Para resumir e prestar-lhe homenagem por alguma coisa na qual ela não está, em suma, pessoalmente sem motivo, é em torno desta doente, como todos sabem, a quem dei o nome de Aimée, e que não era o seu, claro, que fui aspirado em direção à psicanálise.

Há apenas ela, é claro. Houve alguns outros antes e depois ainda há muitos a quem cedo a palavra. É nisso que consiste o que chamam minhas apresentações de doentes. Acontece-me depois de falar com algumas pessoas que assistiram a essa espécie de exercício, enfim, essa apresentação que consiste em escutá-los, o que evidentemente não lhes acontece em qualquer esquina. Acontece que, falando depois com algumas pessoas que estavam lá para me acompanhar, para apreender o que podiam, acontece-me, falando depois, aprender, porque não é de imediato, é preciso evidentemente que se conceda sua voz para enviá-la aos muros.

É em torno disto mesmo que vai girar o que vou tentar talvez, neste ano, questionar: a relação de algo a que dou muito importância, isto é, a lógica. Aprendi muito cedo que a lógica podia tornar o mundo odioso. Era num tempo em que eu freqüentava um certo Abelardo, Deus sabe atraído por não sei que cheiro de mosca! Não posso dizer que a lógica me tenha tornado absolutamente odioso a quem quer que seja, exceto a alguns psicanalistas, porque apesar de tudo... é

talvez porque consigo tamponar o sentido seriamente.

Chego a isso tão facilmente, por não crer absolutamente no senso<sup>6</sup> comum. Há sentido, mas não há comum. Não há provavelmente um só dentre vocês que me entendam no mesmo sentido. Aliás, eu me esforço para que o acesso a esse sentido não seja demasiadamente fácil, de sorte que vocês devem fazer sua parte, o que é uma secreção salubre e mesmo terapêutica. Secretem o sentido com vigor e verão o quanto a vida se torna mais fácil!!

Foi por isso que me dei conta da existência do objeto *a* do qual cada um de vocês tem o germe em potencial. O que faz sua força e ao mesmo tempo a força de cada um de vocês em particular é que o objeto *a* é inteiramente estranho à questão do sentido. O sentido é uma garatujazinha acrescentada neste objeto *a*, com o qual cada um de vocês tem sua ligação particular.

Isso não tem nada a ver nem com o sentido, nem com a razão. A questão na ordem do dia é o que a razão tem a ver com o fato de, enfim, devo dizer que muitos tendem a reduzi-la à *réson*<sup>7</sup>. Escrevam R.E.S.O.N. Escrevam! Concedam-me este prazer. É uma ortografia de Francis Ponge, sendo poeta e, sendo o que ele é, um grande poeta, não se deve, nesta questão, ignorar o que ele nos conta. Ele não é o único. É uma questão muito grave, a qual só vi seriamente formulada, além deste poeta, no âmbito dos matemáticos, isto é, o que a razão – sobre a qual nos contentaremos no momento em apreender que parte do aparelho gramatical – tem a ver com algo que se imporia – não quero dizer como intuitivo, pois seria cair novamente na vertente da intuição, isto é, algo visual – mas como algo justamente ressonante.<sup>8</sup>

Será que aquilo que ressoa é a origem da *res*<sup>9</sup>, daquilo de que a realidade é feita? É uma questão que toca, falando muito propriamente, em tudo aquilo que se pode extrair da linguagem, a título da lógica. Todo mundo sabe que ela não basta e que lhe foi preciso há algum tempo – teríamos podido vê-la chegar há um certo tempo, desde Platão, precisamente – colocar em jogo a matemática. E é aí que a questão se coloca: onde centrar esse real ao qual a interrogação lógica nos faz recorrer e que está no nível matemático? Há matemáticos para dizer que não se pode de forma nenhuma centralizar-se nesta junção dita formalista, este ponto de junção lógico-matemático, que há algo além, ao qual finalmente só fazem prestar homenagem todas as referências intuitivas, as quais se acreditou poder purificar esta matemática e que busca além por que *réson*, R.E.S.O.N., recorrer àquilo de que se trata, isto é, o Real. Não é nesta noite, certamente, que vou poder abordar a coisa.

O que posso dizer é que, por um certo viés que é o de uma lógica, pude enunciar, num percurso, partindo de minha doente Aimée, no meu penúltimo ano de seminário, sob o título dos quatro discursos, para o qual converge o crivo de uma certa atualidade, que pude, por este caminho, fazer o quê? Dar, pelo menos, razão aos muros.

Pois quem quer que habite nesses muros, esse muro aqui, os muros do asilo clínico, convém saber que o que situa e define o psiquiatra, enquanto tal, é sua situação em relação a esses muros, esses muros pelos quais o laicato realizou a exclusão da loucura e do que isto quer dizer. Isto só se aborda pela via de uma análise do discurso. Na verdade, a análise foi tão pouco feita antes de mim que é verdade dizer que nunca houve, por parte dos psicanalistas, a menor discordância que atingisse a posição do psiquiatra. E que, contudo, em meus *Escritos*, vê-se retomado algo que expus, desde antes de 1950, sob o título de “Sobre a causalidade psíquica”; levantava-me ali contra toda definição da doença mental que se abrigasse nessa construção feita de um *semblante* que, para se rotular como organo-dinamismo, não deixava menos inteiramente de lado aquilo de que se trata na segregação da doença mental, isto é, algo que é diferente, ligado a um certo discurso, aquele que rotulo como discurso do Mestre. A história também mostra que esse discurso viveu durante séculos de um modo proveitoso para todo mundo, até um certo desvio, no qual se tornou, em razão de um ínfimo deslizamento que passou despercebido aos próprios interessados, aquilo que o especifica desde então como o discurso do capitalista, e do qual não teríamos a menor idéia se Marx não se houvesse dedicado a completá-lo, a lhe dar seu sujeito, o proletário. Graças a quem o discurso do capitalista floresceu em todo lugar onde reina a forma de Estado marxista.

O que distingue o discurso do capitalista é a *Verwerfung*, a rejeição; a rejeição fora de todos os campos do simbólico com aquilo que eu já disse que tem como consequência a rejeição de quê? Da castração. Toda ordem, todo discurso aparentado ao capitalismo deixa de lado o que chamaremos, simplesmente, as coisas do amor, meus bons amigos. Vocês vêem isso, hein, não é pouca coisa.

É por isso que dois séculos depois desse deslizamento, chamemo-lo calvinista, afinal, por que não?, a castração fez enfim sua entrada irruptiva sob a forma do discurso analítico. Naturalmente, o discurso analítico ainda não teve peito sequer para dar um esboço de articulação, mas, enfim, multiplicou sua metáfora e se apercebeu que todas as metonímias saíam dela.

talvez porque consigo tamponar o sentido seriamente.

Chego a isso tão facilmente, por não crer absolutamente no senso<sup>6</sup> comum. Há sentido, mas não há comum. Não há provavelmente um só dentre vocês que me entendam no mesmo sentido. Aliás, eu me esforço para que o acesso a esse sentido não seja demasiadamente fácil, de sorte que vocês devem fazer sua parte, o que é uma secreção salubre e mesmo terapêutica. Secretem o sentido com vigor e verão o quanto a vida se torna mais fácil!!

Foi por isso que me dei conta da existência do objeto *a* do qual cada um de vocês tem o germe em potencial. O que faz sua força e ao mesmo tempo a força de cada um de vocês em particular é que o objeto *a* é inteiramente estranho à questão do sentido. O sentido é uma garatujazinha acrescentada neste objeto *a*, com o qual cada um de vocês tem sua ligação particular.

Isso não tem nada a ver nem com o sentido, nem com a razão. A questão na ordem do dia é o que a razão tem a ver com o fato de, enfim, devo dizer que muitos tendem a reduzi-la à *réson*<sup>7</sup>. Escrevam R.E.S.O.N. Escrevam! Concedam-me este prazer. É uma ortografia de Francis Ponge, sendo poeta e, sendo o que ele é, um grande poeta, não se deve, nesta questão, ignorar o que ele nos conta. Ele não é o único. É uma questão muito grave, a qual só vi seriamente formulada, além deste poeta, no âmbito dos matemáticos, isto é, o que a razão – sobre a qual nos contentaremos no momento em apreender que parte do aparelho gramatical – tem a ver com algo que se imporia – não quero dizer como intuitivo, pois seria cair novamente na vertente da intuição, isto é, algo visual – mas como algo justamente ressonante.<sup>8</sup>

Será que aquilo que ressoa é a origem da *res*<sup>9</sup>, daquilo de que a realidade é feita? É uma questão que toca, falando muito propriamente, em tudo aquilo que se pode extrair da linguagem, a título da lógica. Todo mundo sabe que ela não basta e que lhe foi preciso há algum tempo – teríamos podido vê-la chegar há um certo tempo, desde Platão, precisamente – colocar em jogo a matemática. E é aí que a questão se coloca: onde centrar esse real ao qual a interrogação lógica nos faz recorrer e que está no nível matemático? Há matemáticos para dizer que não se pode de forma nenhuma centralizar-se nesta junção dita formalista, este ponto de junção lógico-matemático, que há algo além, ao qual finalmente só fazem prestar homenagem todas as referências intuitivas, as quais se acreditou poder purificar esta matemática e que busca além por que *réson*, R.E.S.O.N., recorrer àquilo de que se trata, isto é, o Real. Não é nesta noite, certamente, que vou poder abordar a coisa.

O que posso dizer é que, por um certo viés que é o de uma lógica, pude enunciar, num percurso, partindo de minha doente Aimée, no meu penúltimo ano de seminário, sob o título dos quatro discursos, para o qual converge o crivo de uma certa atualidade, que pude, por este caminho, fazer o quê? Dar, pelo menos, razão aos muros.

Pois quem quer que habite nesses muros, esse muro aqui, os muros do asilo clínico, convém saber que o que situa e define o psiquiatra, enquanto tal, é sua situação em relação a esses muros, esses muros pelos quais o laicato realizou a exclusão da loucura e do que isto quer dizer. Isto só se aborda pela via de uma análise do discurso. Na verdade, a análise foi tão pouco feita antes de mim que é verdade dizer que nunca houve, por parte dos psicanalistas, a menor discordância que atingisse a posição do psiquiatra. E que, contudo, em meus *Escritos*, vê-se retomado algo que expus, desde antes de 1950, sob o título de “Sobre a causalidade psíquica”; levantava-me ali contra toda definição da doença mental que se abrigasse nessa construção feita de um *semblante* que, para se rotular como organo-dinamismo, não deixava menos inteiramente de lado aquilo de que se trata na segregação da doença mental, isto é, algo que é diferente, ligado a um certo discurso, aquele que rotulo como discurso do Mestre. A história também mostra que esse discurso viveu durante séculos de um modo proveitoso para todo mundo, até um certo desvio, no qual se tornou, em razão de um ínfimo deslizamento que passou despercebido aos próprios interessados, aquilo que o especifica desde então como o discurso do capitalista, e do qual não teríamos a menor idéia se Marx não se houvesse dedicado a completá-lo, a lhe dar seu sujeito, o proletário. Graças a quem o discurso do capitalista floresceu em todo lugar onde reina a forma de Estado marxista.

O que distingue o discurso do capitalista é a *Verwerfung*, a rejeição; a rejeição fora de todos os campos do simbólico com aquilo que eu já disse que tem como consequência a rejeição de quê? Da castração. Toda ordem, todo discurso aparentado ao capitalismo deixa de lado o que chamaremos, simplesmente, as coisas do amor, meus bons amigos. Vocês vêem isso, hein, não é pouca coisa.

É por isso que dois séculos depois desse deslizamento, chamemo-lo calvinista, afinal, por que não?, a castração fez enfim sua entrada irruptiva sob a forma do discurso analítico. Naturalmente, o discurso analítico ainda não teve peito sequer para dar um esboço de articulação, mas, enfim, multiplicou sua metáfora e se apercebeu que todas as metonímias saíam dela.

Eis aí! Eis aí em nome de que, levado por uma espécie de zum-zum-zum que se produzira em algum lugar do lado dos psicanalistas, fui levado a introduzir o que havia de evidente na novidade psicanalítica, ou seja, que se tratava da linguagem e que era um novo discurso.

Como lhes disse, enfim, o objeto *a* em pessoa, isto é, essa posição sobre a qual sequer se pode dizer que o psicanalista conduz, ele é conduzido por seu analisante... A questão que trago é: como é que um analisante pode um dia ter vontade de se tornar psicanalista? É impensável, eles chegam como as bolas de certos jogos de *trictrac*<sup>10</sup>, que vocês conhecem bem, que terminam por cair no buraco. Eles chegam sem ter a menor idéia do que lhes acontece. Enfim, uma vez que estão ali, eles compreendem, e há contudo, naquele momento, algo que desperta, é por isso que propus o seu estudo.

Seja como for, na época em que se produziu esse turbilhão entre as bolas, não dá para dizer com que alegria escrevi “Função e campo da fala e da linguagem”. Como é que aconteceu de eu ter acolhido assim, entre todas as espécies de outras coisas sensatas, uma espécie de epígrafe do gênero ritornelo, que vocês encontrarão em... basta vocês olharem na parte quatro, se me lembro bem, é um troço que tinha encontrado no almanaque... hum... chamava-se “Paris no ano 2000”. Não é desprovido de talento! Não é desprovido de talento, ainda que nunca se tenha ouvido falar do cara, cujo nome eu cito – sou honesto – e que conta esta coisa que não tem, enfim... que vem aí nesta história de função e campo como um cabelo na sopa, começa desse jeito:

*Entre o homem e a mulher,*

*Há o amor,*

*Entre o homem e o amor – vocês nunca observaram, não é, este troço aí, em seu negócio –*

*Há um mundo.*

*Entre o homem e o mundo,*

*Há um muro.*

Vocês vêem, eu previra o que lhes diria esta noite: eu falo aos muros. Verão que não tem nenhuma relação com o capítulo seguinte. Mas não pude resistir. Como aqui falo aos muros, não dou um curso, então não vou dizer o quê, em

Jakobson, basta para justificar que estes seis versinhos fajutos sejam, contudo, poesia. É poesia proverbial, porque ronrona:

*Entre o homem e a mulher*

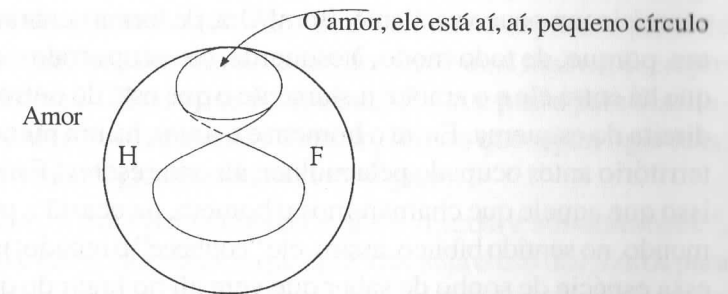
*Há o amor – mas é claro!... só há isso mesmo –*

*Entre o homem e o amor,*

*Há um mundo.*

É sempre o que se diz, “há um mundo” assim, “há um mundo”, isso quer dizer: “vocês nunca chegarão ali!”... não dá em nada, no início: “entre o homem e a mulher, há o amor”, quer dizer que... (Lacan bate as mãos)... isto cola, um mundo, flutua, não é! Mas com: “Há um muro”... aí então vocês compreenderam que “entre” quer dizer “interposição”. Porque o “entre” é muito ambíguo. Noutra lugar, em meu seminário, falaremos da mesologia, o que é que tem a função de “entre”? Mas aí estamos na ambigüidade poética e, é necessário dizer, vale a pena.

*Razão! Apaguem razão! (do quadro)*



Bom! O que acabo de esboçar para vocês aí no quadro, nesse quadro que gira, é uma maneira como outra de representar a garrafa de Klein. É uma superfície que tem certas propriedades topológicas sobre as quais aqueles que não estão informados informar-se-ão, isso parece muito com uma faixa de Moebius, isto é, simplesmente, aquilo que se faz torcendo uma pequena faixa de papel e colando-a depois de uma meia volta. Somente aí vira tubo, é um tubo que, num certo lugar, se revira. Não quero dizer-lhe que esta seja a definição topológica da coisa, é um modo de imaginá-la, e do qual já fiz bastante uso para que uma

parte das pessoas que estão aqui saibam do que falo.

Então vejam como, apesar disso, a hipótese é que, entre o homem e a mulher, isso deveria fazer, como dizia Paul Fort há pouco, um círculo, então coloquei o homem à esquerda, pura convenção, a mulher à direita, poderia ter feito ao contrário. Tentemos ver topologicamente o que me agradou nestes seis pequenos versos de Antoine Tudal, para nomeá-lo. “Entre o homem e a mulher, há o amor”. Isso comunica incrivelmente<sup>11</sup>. Aí, vejam, isso circula! São postos em comum, o fluxo, o influxo e tudo o que se acrescenta quando se é obsessivo, por exemplo, a oblatividade, esta sensacional invenção do obsessivo. Bom! Então o amor está aí, o pequeno círculo que está aí em todo lugar, salvo que há um lugar onde ele vai revirar-se, e muito! Mas permaneçamos no primeiro tempo, entre o homem, à esquerda, a mulher, à direita, há o amor: é o pequeno círculo. Esse personagem, de quem eu disse chamar-se Antoine, não pensem de forma nenhuma que eu diga uma palavra a mais, foi apenas para lhes dizer que ele era do sexo masculino, de forma que vê as coisas de seu lado.

Trata-se de ver o que vai acontecer aí agora, como se pode escrever o que vai acontecer entre o homem, isto é, ele, o *poueta* [*pouète*], o *poueta de Pouásia*<sup>12</sup>, como dizia o caro Léon-Paul Fargue, o que é que há entre ele e o amor? Será que vou ser forçado a voltar ao quadro? Vocês viram há pouco que era um exercício um pouco vacilante. Bom! Ora, de forma nenhuma, de forma nenhuma, porque, de todo modo, à esquerda, ele ocupa todo o espaço. Portanto, o que há entre ele e o amor é justamente o que está do outro lado, isto é, a parte direita do esquema. Entre o homem e o amor, há um mundo, isto é, recobre o território antes ocupado pela mulher, ali onde escrevi F na parte direita. É por isso que aquele que chamaremos o homem, na ocasião, pensa que conhece o mundo, no sentido bíblico, assim, ele “conhece” o mundo; isto é, simplesmente, essa espécie de sonho de saber que vem ali no lugar do que estava, ali nesse pequeno esquerna, marcado com o F da mulher.

O que nos permite ver topologicamente, perfeitamente, aquilo de que se trata, é que, em seguida, quando nos dizem: “entre o homem e o mundo...” esse mundo substituído pela volatilização do parceiro sexual – como é que aconteceu é o que veremos depois – bem, “há um muro”, isto é, o lugar onde se produz este reviramento que introduzi um dia como significando a junção entre verdade e saber. Eu não disse que estava cortado, é um poeta de Papua<sup>13</sup> quem diz que é um muro, mas não é o muro, é simplesmente o lugar da castração. O que faz

com que o saber deixe intacto o campo da verdade, reciprocamente, aliás.

Mas o que é preciso ver é que este muro está em todo canto. Pois é o que define esta superfície; é que o círculo ou o ponto de reviramento – dizemos o círculo, pois aí eu o representei por um círculo – é homogêneo em toda a superfície. É mesmo o que faz com que vocês se enganassem em concebê-la como uma superfície intuitivamente representável. Se eu lhes mostrasse de imediato a espécie de corte que basta para volatilizar essa superfície, enquanto específica, topologicamente definida, volatilizá-la instantaneamente, vocês veriam que não é uma superfície que a gente concebe, mas algo que se define por certas coordenadas – chamemo-las, se quiserem, vetoriais – de tal modo que em cada um dos pontos da superfície o reviramento esteja sempre ali, em cada um de seus pontos. De sorte que, quanto à relação entre o homem e a mulher, e tudo o que resulta disso em relação a cada um dos parceiros, isto é, sua posição como também seu saber, a castração está em todo canto.

O amor, que o amor comunique, que flua, que irrompa, o que é o amor, ora! O amor, o bem que a mãe tem por seu filho, o (a)muro, basta colocar entre parênteses o *a* para reencontrar o que demonstramos todos os dias, é que, mesmo entre a mãe e o filho, a relação que a mãe tem com a castração, isso conta um bocado!

Talvez, para se ter uma idéia saudável do que é o amor, fosse preciso partir de que quando se joga, mais seriamente, entre um homem e uma mulher, é sempre com a aposta da castração. É isso que é castrante. E o que passa pelo desfile da castração é algo que tentaremos abordar por vias que sejam rigorosas: elas não podem ser senão lógicas, e mesmo topológicas.

Aqui, falo aos muros, e até aos (a)muros, e aos a-muros, e aos amurosos<sup>14</sup>. Em outro lugar, tento dar conta disso. E qualquer que seja o uso dos muros para manter a voz em forma, é claro que os muros não podem ter, não mais que o resto, suporte intuitivo, mesmo com toda a arte do arquiteto no fim da operação.

Coisa curiosa, quando defini esses quatro discursos, dos quais falava há pouco, e que são tão essenciais para observar que, o que quer que façam, vocês são sempre de qualquer forma os sujeitos, e sujeitos, quero dizer “supostos”, supostos ao que se passa de um significante, que é, claro, o mestre do jogo e vocês não são, a respeito de algo diferente, para não dizer o Outro, vocês não são senão o suposto. Vocês não lhe dão sentido. Vocês nem mesmo o têm suficientemente. Mas vocês dão um corpo a esse significante que os representa,

o significante-mestre!

Bem! O que vocês são lá dentro, sombras de sombra literalmente, não pensam que a substância do sonho de sempre que vocês se atribuem seja outra coisa que não esse gozo do qual vocês são cortados. Como não ver o que há de semelhante nessa invocação substancial e nesse incrível mito, do qual o próprio Freud concebeu o reflexo do gozo sexual, que é exatamente esse objeto que corre, que corre, como no jogo do anel<sup>15</sup>, mas que ninguém é capaz de enunciar o estatuto senão como o estatuto supremo, precisamente. Ele é o supremo de uma curva à qual dá o sentido, e precisamente, também, ao qual o supremo escapa. E é por poder articular o leque dos gozos sexuais que a psicanálise dá seu passo decisivo. O que ela demonstra justamente é que o gozo que se poderia chamar sexual, que não seria do *semblante* sexual, esse aí é marcado com o índice, nada mais até nova ordem, do que só se enuncia pelo índice da castração.

Os muros, antes de adquirir estatuto, de tomar forma, é aí logicamente que eu reconstruo esse \$, S<sub>1</sub>, S<sub>2</sub> e o *a*, com o qual brinquei, durante meses, é no entanto o muro atrás do qual, naturalmente, vocês podem colocar o sentido do que nos concerne, disso que acreditamos que sabemos o que quer dizer, a verdade e o *semblante*, o gozo e o mais-gozar.

Entretanto, em relação a esses termos que tampouco têm necessidade de muros para se escrever, como quatro pontos cardeais em relação aos quais vocês têm que situar o que vocês são, o psiquiatra poderia afinal de contas, exatamente, dar-se conta de que os muros aos quais está ligado por uma definição de discurso... pois aquilo de que ele tem que se ocupar é o quê? Não é outra doença senão aquela que se define pela lei de 30 de junho de 1838, isto é, “alguém perigoso para si mesmo e para os outros”.

É muito curiosa essa introdução do perigo no discurso, no qual se assenta a ordem social. O que é esse perigo? “Perigosos para si mesmos”, enfim, a sociedade vive disso, e “perigosos para os outros”, Deus sabe que toda liberdade é dada a cada um nesse sentido.

Quando vejo aumentarem, em nossos dias, os protestos contra o uso que se faz – para chamar as coisas por seu nome e ir rápido, pois está tarde – os asilos na URSS, ou algo que deve ter um nome mais pretensioso, para proteger, digamos, os opositores, mas é bem evidente que eles são perigosos para a ordem social na qual se inserem.

O que é que separa, que distância, entre a maneira de abrir as portas do hospital psiquiátrico num lugar onde o discurso capitalista é perfeitamente coerente consigo mesmo, e num lugar como o nosso, onde ele ainda está balbuciado? A primeira coisa que os psiquiatras, se há alguns aqui, talvez pudessem receber, não digo de minha fala, que não tem nada a ver na questão, mas da reflexão de minha voz sobre esses muros, seria primeiro saber o que os especifica como psiquiatras.

Isso não os impede, nos limites desses muros, de escutar algo diferente da minha voz. A voz, por exemplo, daqueles que estão internados ali, uma vez que, no final das contas, isso pode conduzir a algum lugar... inclusive a ter uma idéia justa do que é o objeto *a*.

Comuniquei-lhes, esta noite, em suma, algumas reflexões e, naturalmente, são reflexões às quais minha pessoa como tal não pode ser estranha. É isto que mais detesto nos outros. Porque, afinal, entre as pessoas que me escutam de vez em quando e que são chamados, Deus sabe por quê!, meus alunos, não se pode dizer que eles se privem de refletir sobre si mesmos.

O muro pode sempre fazer *muroir*.<sup>16</sup>

Foi sem dúvida por isso que eu voltei a contar coisas em Sainte-Anne. Para falar propriamente, não para delirar mas, pelo menos, guardo desses muros algo no coração.

Se posso, com o tempo, ter conseguido edificar com meu \$, meu S<sub>1</sub>, meu S<sub>2</sub> e o objeto *a*, a *réson*<sup>17</sup> de ser, não importa como vocês o escrevam, talvez, afinal, vocês não tenham tomado a reflexão da minha voz nesses muros como uma simples reflexão pessoal.

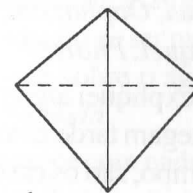
TRADUÇÃO: Ana Izabel Corrêa

Letícia P. Fonsêca

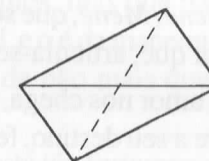
- <sup>1</sup> Ver nota 1 da lição anterior. [N.R.]
- <sup>2</sup> Termo comumente traduzido por *só depois*. [N.T.]
- <sup>3</sup> Neologismo que alude à junção de correligionários e incorrigíveis. [N.T.]
- <sup>4</sup> *je parle aux murs*: em português temos duas palavras para *mur*: parede e muro. Dizemos ‘falar às paredes’, como ‘falar sem ser escutado’. Entretanto optamos, na maioria das vezes, traduzir por muro devido ao jogo de palavras que será feito com a-muros, ‘a’ a letra, o objeto *a*. [N.T.]
- <sup>5</sup> *tortue*: tartaruga; diz-se também de “uma pessoa muito lenta” – Le Robert. Optamos pelo sentido equivalente em português: “lesma”. [N.T.]
- <sup>6</sup> *Sens* em francês recobre os vocábulos *senso* e *sentido*. [N.R.]
- <sup>7</sup> Observar a homofonia entre *résonner* [ressoar] e *raisonner* [raciocinar], que permite a Lacan o jogo de palavras; o mesmo para *réson* e *raison*. [N.T.]
- <sup>8</sup> Ver nota acima. [N.T.]
- <sup>9</sup> Do latim *res*: bens, propriedade; passou a exprimir o que existe, a realidade, a coisa ou o fato. [N.T.]
- <sup>10</sup> Tipo de jogo, geralmente com uma mola que, acionada, impulsiona umas bolinhas que caem em cavilhas, cada uma destas valendo pontos. Não encontramos correspondência no português. [N.T.]
- <sup>11</sup> No original: *ça communique à plein tube*. [N.T.]
- <sup>12</sup> Aqui Lacan faz um jogo de palavras, com um neologismo que alude por um lado à poesia, por outro aos habitantes das ilhas Papua – Nova Guiné; papuásia é a nacionalidade dos que nascem em Papua. [N.T.]
- <sup>13</sup> *Papouasie* – Papua. [N.R.]
- <sup>14</sup> Jogo de palavra *amour* [amor], *aux a-murs-sements*: trata-se de um jogo com a palavra *amusement* – divertimento. [N.R.]
- <sup>15</sup> *Jeu de furet*. *Furet* é o furão, animal que entra no buraco para caçar o coelho. Há uma canção francesa infantil cujo refrão alude à busca desse animal. [N.T.]
- <sup>16</sup> Aqui Lacan faz um jogo de palavras, brincando com a homofonia; partindo da palavra *mur* [muro], alude também a *miroir* [espelho]. [N.R.]
- <sup>17</sup> Cf. nota 7. [N.T.]

## Lição 4

3 de fevereiro de 1972



esquerda



direita

Vou continuar um pouco no tema do *Saber do Psicanalista*. Faço-o aqui apenas dentro do parêntese que já abri nas duas primeiras vezes. Disse-lhes que foi aqui que eu aceitara, a pedido de um dos meus alunos, voltar a falar esse ano, pela primeira vez desde 1963.

Disse-lhes, da última vez, algo que se articulava em harmonia com o que nos cerca: “falo aos muros!” É verdade que, sobre esse assunto, fiz um comentário, um certo esqueminha, retomado da garrafa de Klein, que devia tranquilizar aqueles que podiam sentir-se excluídos com essa fórmula; como expliquei há muito tempo, o que se envia aos muros tem como propriedade repercutir. O fato de eu falar a vocês assim, indiretamente, certamente não é para ofender ninguém, uma vez que, afinal, pode-se dizer que esse não é um privilégio de meu discurso!

Eu queria hoje esclarecer, a propósito desse muro, que não é absolutamente uma metáfora, esclarecer o que posso dizer em outro lugar. Pois, evidentemente, ficará justificado, falando de saber, que não seja em meu seminário que eu o faça. Não se trata, de fato, de qualquer um, mas do *Saber do Psicanalista*.

Pronto! Para introduzir um pouco as coisas, sugerir uma dimensão para alguns, espero, direi que... que não se possa falar de amor, como se diz, senão de maneira imbecil ou abjeta, o que é um agravamento – abjeto, é como falamos na psicanálise – que não se possa falar de amor, mas que se possa escrever sobre, isso deveria surpreender. A letra<sup>1</sup> de (a)muro, para dar seqüência a essa peque-

na balada de seis versos que comentei aqui, da última vez, é claro que precisaria fazer um círculo vicioso<sup>2</sup>, e que começa entre o homem, que ninguém sabe o que é, entre o homem e o amor há a mulher e depois, como vocês sabem, continua, não vou recomeçar hoje, e deveria terminar no fim, no fim há o muro; entre o homem e o muro, há justamente... o amor, a letra de amor<sup>3</sup>. O que há de melhor nesse curioso arrebatamento que chamamos o amor, é a letra, é a letra que pode tomar formas estranhas.

Há um tipo assim, há três mil anos, que estava certamente no auge do sucesso, de seus sucessos de amor, que viu aparecer sobre o muro algo que já comentei, não vou retomá-lo *Mené, Mené*, que se dizia, *Téquel, Oupharsim*, o que, habitualmente, não sei por quê, articula-se *Mané, Théquel, Phares*.<sup>4</sup>

Quando a carta<sup>5</sup> de amor nos chega, pois, como expliquei algumas vezes, as cartas chegam sempre a seu destino, felizmente chegam tarde demais, além do que são raras; acontece também de chegarem a tempo, são os casos raros, nos quais os encontros não são fracassados; não há muitos casos na história em que isso aconteceu, como a esse Nabucodonosor.

Para iniciar, não levarei a coisa mais longe, correndo o risco de retomá-la. Pois esse (a)muro, como lhes apresento, nada tem de muito divertido. Ora, eu não posso me sustentar de outra maneira senão divertindo, diversão séria ou cômica. O que explicara da última vez é que as diversões sérias se passariam em outro lugar, num lugar onde me abrigam e que, para aqui, eu reservava as diversões cômicas. Não sei se, essa noite, estarei inteiramente à altura, devido talvez a essa entrada sobre a carta de a(muro). Todavia, tentarei.

Há dois anos expliquei algo que, uma vez passado pelo bom caminho, *poubellique*<sup>6</sup>, tomou o nome de *quadrípode*. Fora eu quem escolhera esse nome e vocês poderão indagar por que lhe dei um nome tão estranho; por que não *quadrípodo* ou *tetrápodo*? Teria a vantagem de não ser bastardo. Mas, na verdade, indaguei a mim mesmo escrevendo-o, mantive-o não sei por quê, fiquei pensando como chamavam, na minha infância, esses termos bastardos, meio latinos, meio gregos. Tenho certeza de que sabia como os puristas denominam e depois esqueci. Será que há aqui alguém que sabe como se designam os termos feitos, por exemplo, como a palavra *sociologia* ou *quadrípode*, de um elemento latino e de um elemento grego? Imploro a quem souber que se pronuncie!...

Ora, nada animador! Porque desde ontem, isto é, anteontem, comecei a procurá-lo e como nunca encontrava, desde ontem telefonei a uma dezena de

peessoas que me pareciam as mais propícias para me dar a resposta... Bom... bem, deixa prá lá!

Meus quadrípodas em questão, chamei-os assim para dar a vocês a idéia de que a gente não dá a mínima<sup>7</sup>... era história, pois eu estava na mídia, para tranquilizar um pouco as pessoas. Mas, na realidade, eu explico no interior, a propósito de que isolei quatro discursos que resultam da emergência do que veio por último, o discurso do analista. O discurso do analista traz, de fato, num certo estado atual do pensamento, uma ordem pela qual se esclarecem outros discursos que emergiram bem mais cedo. Eu os dispus segundo o que se chama uma topologia, uma topologia das mais simples, mas que não deixa de ser uma topologia, no sentido de ser matematizável, e o é da maneira mais rudimentar, ou seja, ela repousa sobre o agrupamento de não mais que quatro pontos que chamaremos *mônada*.

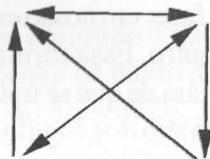
Isso não se parece com nada. Todavia, está tão fortemente inscrito na estrutura de nosso mundo que não há outro fundamento para o espaço em que vivemos. Observem bem que colocar quatro pontos a igual distância, é o máximo que vocês podem fazer em nosso espaço. Jamais colocarão cinco pontos a igual distância um do outro. Essa forma miúda, que acabo de lembrar, está aí para fazer com que sintam de que se trata: se os quadrípodas são, não tetraedro, mas tétrade, onde o número dos ângulos seja igual ao das superfícies, isso está relacionado a esse mesmo triângulo aritmético que tracei em meu último seminário<sup>8</sup>. Como vocês vêem, para sentar-se [*s'asseoir*], não é absolutamente seguro, nem um, nem outro. A posição da esquerda (ver o esquema no início da lição), vocês estão habituados com ela, de sorte que nem a percebem mais, mas a da direita não é mais confortável; imaginem-se sentados sobre um tetraedro colocado sobre a ponta. É contudo daí que é preciso partir para o que constitui esse tipo de assento social que repousa sobre o que chamamos um discurso. E foi essa a hipótese que propus no meu antepenúltimo seminário. O tetraedro, para chamá-lo pelo seu aspecto atual, tem curiosas propriedades, se não é como aquele ali, regular – a igual distância só está aí para lembrar a vocês as propriedades do número quatro em relação ao espaço – se ele é qualquer um, é propriamente impossível para vocês definir uma simetria. Todavia, sua particularidade é que, se seus lados, isto é, esses tracinhos que vocês vêem que unem o que se chama, em geometria, vértices, se vocês vetorizam esses tracinhos, isto é, se vocês marcam um sentido, basta que estabeleçam como princípio que nenhum desses vértices será privilegiado, seria forçosamente um privilégio – uma vez

que, se isso acontecesse, haveria pelo menos dois que não poderiam ser beneficiados – se, portanto, vocês estabelecem que em nenhum lugar pode haver convergência de três vetores, e em nenhum lugar divergência de três vetores do mesmo vértice, obterão necessariamente a repartição:

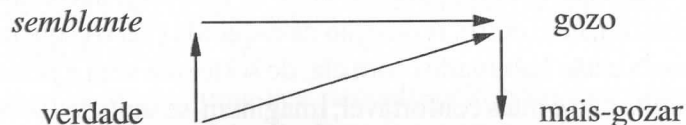
|            |            |
|------------|------------|
| 2 chegando | 1 partindo |
| 2 chegando | 1 partindo |
| 1 chegando | 2 partindo |
| 1 chegando | 2 partindo |

isto é, os ditos tetraedros serão estritamente equivalentes e em todos os casos vocês podem, por supressão de um dos lados, obter a fórmula pela qual esquematizei meus quatro discursos:

Discurso dito do Mestre  
Discurso do Universitário  
Discurso do Analista  
Discurso da Histérica



segundo isso:



que é a propriedade de um dos vértices, a divergência, mas sem nenhum vetor que chegue para alimentar o discurso, mas, inversamente, em oposição, vocês têm esse trajeto triangular. Basta para permitir distinguir em todos os casos, por um caractere absolutamente especial, esses quatro pólos que enuncio com os termos Verdade, *Semblante*, Gozo e Mais-gozar.

Essa é a topologia fundamental de onde sai toda função da palavra e merece ser comentada. É, de fato, uma questão que o discurso do analista é feito exatamente para fazer surgir a questão: qual é a função da palavra. *Função e campo da fala e da linguagem*, foi assim que introduzi o que devia nos levar até esse

ponto atual da definição de um novo discurso. Não certamente que esse discurso seja o meu, na hora em que lhes falo, esse discurso realmente está, há quase três quartos de século, instalado. Isso não é uma razão, porque o próprio analista é capaz, em certos setores, de recusar o que digo, que ele não é suporte desse discurso e, na verdade, *ser suporte* quer dizer simplesmente, aqui, *ser suposto*. Mas que esse discurso possa tomar sentido da própria voz de alguém que aí está – é o meu caso – sujeito tanto quanto um outro, é justamente o que merece que nos detenhamos, a fim de saber de onde se toma esse sentido.

Ao escutar o que acabo de elaborar, a questão do sentido, naturalmente, pode parecer-lhes sem problema, quero dizer, parece que o discurso do analista faz bastante apelo à interpretação para que a questão não se coloque. Efetivamente, numa certa garatuja analítica, parece que se pode ler – e não é surpreendente, vocês vão ver por quê – todos os sentidos que quisermos, até o mais arcaico, quero dizer, ter como eco a eterna repetição daquilo que, do fundo das eras, nos veio sob o termo de sentido, sob formas das quais é preciso dizer que só sua superposição faz sentido. Pois, a que se deve compreendermos o que quer que seja do simbolismo usado na Sagrada Escritura, por exemplo? Aproximá-la a uma mitologia, qualquer que seja, cada um sabe que aí está uma espécie de deslizamento dos mais enganadores; ninguém, há algum tempo, se detém nisso. Quando estudamos de uma forma séria as mitologias, não é ao seu sentido que nos referimos, é à combinatória dos mitemas. Reportem-se, a esse respeito, aos trabalhos cujo autor, penso, não tenho que evocar mais uma vez.

A questão, portanto, é certamente saber de onde vem o sentido.

Eu me servi disso porque era realmente necessário para introduzir o que concerne ao discurso analítico, servi-me sem escrúpulo das trilhas ditas lingüísticas e, para acalmar os ânimos que, ao meu redor, teriam podido se exaltar cedo demais, e fazer vocês retornarem à lama cotidiana, eu lembrei que não se afirmou coisa alguma digna desse título lingüístico como ciência, não se afirmou coisa alguma que pareça ter a língua, nem mesmo a fala, como objeto, não se afirmou senão na condição de jurarem entre si, entre lingüistas, de nunca, nunca mais – porque não fizemos outra coisa durante séculos – nunca mais, nem de longe, fazer alusão à origem da linguagem. Era, entre outras, uma das palavras de ordem que eu dera a essa forma de introdução que se articulou com a minha fórmula *o inconsciente é estruturado como uma linguagem*.

Quando digo que era para evitar à minha audiência o retorno a um certo tipo

de equívoco lamacento – não sou eu que me sirvo desse termo, é o próprio Freud, explícita e justamente a propósito dos arquétipos ditos junguianos – não é, certamente, para retirar agora esse interdito. Não se trata, absolutamente, de especular sobre qualquer origem da linguagem. Eu disse que se trata de formular a função da fala.

A função da fala, afirmei há muito tempo, é de ser a única forma de ação que se coloca como verdade. O que será, não que a fala, questão supérflua, não somente eu falo, vocês falam e até *isso fala*, como eu disse, isso acontece por si, é um fato. Direi mesmo que está na origem de todos os fatos porque qualquer coisa só toma a posição de fato quando é dita, é preciso dizer que eu não disse *quando é falada*, há algo de distinto entre falar e dizer. Uma fala que funda o fato é um dizer, mas a fala funciona mesmo quando não funda nenhum fato, quando comanda, quando reza, quando injuria, quando emite um voto, ela não funda nenhum fato.

Podemos, hoje, aqui, não são coisas que eu iria produzir lá, no outro lugar onde felizmente digo coisas mais sérias, aqui, porque está implicado nesse sério que eu desenvolva sempre algo de ponta e, permanecendo na dita ponta, como em meu último seminário, espero que no próximo, haja menos gente porque não era engraçado, mas enfim aqui se pode achar graça, são brincadeiras cômicas.

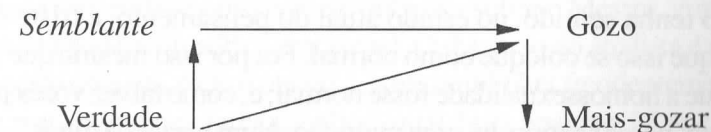
Na ordem da brincadeira cômica, a fala, não é por nada que, nos desenhos animados, vê-se as letras numas bandeirolas, a fala é assim ou banda... e rola ou não...!<sup>9</sup> Não é por nada que isso instaura a dimensão da verdade, porque a verdade, a verdadeira, a verdadeira verdade, a verdade que se começou a entrever somente com o discurso analítico, é o que revela esse discurso a cada um, que simplesmente se engaja de uma maneira axial como analisante, é que – desculpem-me retomar esse termo, mas uma vez que comecei, não o abandono – é que, lá, na Praça do Panteon, eu chamo F de x, é que ficar de pau duro<sup>10</sup> não tem nenhuma relação com o sexo, não com o outro, em todo caso!

Ficar de pau duro – estamos aqui entre muros – por uma mulher, é preciso entretanto chamá-lo por seu nome, isso quer dizer dar-lhe a função de x, quer dizer tomá-la como falo. Não é pouca coisa o falo! Já lhes expliquei, lá onde é sério, expliquei o que isso faz, disse-lhes que a significação do falo é o único caso de genitivo plenamente equilibrado. Quer dizer que o falo, que é o que lhes explicava Jakobson pela manhã – digo isso para aqueles que são um pouco esclarecidos – o falo é a significação, é isso pelo qual a linguagem significa: não

há senão uma única *Bedeutung*, o falo.

Partamos dessa hipótese, isso nos explicará bem amplamente o conjunto da função da fala, pois nem sempre ela é aplicada para denotar fatos, é tudo o que ela pode fazer; não denotamos coisas, denotamos fatos, mas inteiramente ao acaso, de vez em quando; a maior parte do tempo ela supre aquilo que a função fálica é, justamente o que faz com que só haja no homem relações, vocês sabem, ruins, entre os sexos. Ao passo que fora disso, pelo menos para nós, parece dar certo... parece perfeito.

Então, é por isso que em meu pequeno... quadrípode, vocês vêem no nível da verdade, duas coisas, dois vetores que divergem, o que exprime que o gozo, que está bem na ponta do ramo da direita é um gozo certamente fálico, mas que não se pode dizer gozo sexual e que, para que se mantenha qualquer desses tolos animais, aqueles que são tomados pela fala, é preciso que haja esse pólo correlativo ao pólo do gozo, na medida em que é obstáculo à relação sexual, é esse pólo que eu designo como *semblante*. É também claro para um parceiro, enfim, se ousamos, como se faz todos os dias, fixá-los em seu sexo, é chocante que o homem, bem como a mulher, fazem *semblante*, cada um nesse papel. Quando é só isso que acontece...



mas o importante, pelo menos quando se trata da função da fala, é que os pólos sejam definidos, o do *semblante* e o do gozo.

Se houvesse no homem, imaginamos de forma puramente gratuita que haja, um gozo especificado da polaridade sexual, nós saberíamos. Soube-se, talvez, gerações inteiras se vangloriaram disso e, afinal, temos numerosos testemunhos, infelizmente puramente esotéricos, de que houve tempos em que se acreditava verdadeiramente saber como alcançá-lo. Houve um Van Gennep cujo livro me pareceu excelente, que belisca aqui e ali, enfim, faz como todo mundo; ele belisca mais de perto o que existe da tradição escrita chinesa, cujo assunto é o saber sexual, o que não é muito extenso, garanto-lhes, nem tampouco muito esclarecido! Mas, enfim, observem, se lhes agrada *La Vie sexuelle dans la Chine*

*ancienne* [A vida sexual na China antiga]. Desafio vocês a tirar daí algo que possa lhes servir no que eu chamava, há pouco, o estado atual do pensamento!

O interesse disso que aponto não é dizer que desde sempre as coisas são iguais a hoje em dia. Talvez tenha havido, talvez ainda haja em algum lugar, mas é curioso, é sempre em lugares onde é mesmo preciso seriamente mostrar a senha<sup>11</sup> para entrar, lugares onde ocorre entre o homem e a mulher essa conjunção harmoniosa que os levaria ao sétimo céu, mas é entretanto muito curioso que só se escute falar de fora.

Por outro lado, está bem claro que através de uma das maneiras que defini, que é antes com o grande  $\Phi$  que cada um tem relação, e não com o outro; isso se torna plenamente confirmado se olhamos o que se chama, por um termo que cai tão bem, assim, graças à ambigüidade do latim ou do grego, que se chama *homos* – *ecce homo*, como eu digo... – é totalmente certo que os homos, ficam de pau duro<sup>12</sup> bem melhor e mais freqüentemente, e mais firme, o que é curioso, mas enfim é, todavia, um fato, o qual para uma pessoa que, há um certo tempo, ouviu falar um pouco disso, não deixa dúvida. Mas não se enganem, há homo e homo, hein! Não falo de André Gide, não se deve acreditar que André Gide era um homo.

Isso nos introduz ao que segue. Não percamos o fio, trata-se do sentido. Para que algo tenha sentido, no estado atual do pensamento, é triste dizer, mas é preciso que isso se coloque como normal. Foi por isso mesmo que André Gide queria que a homossexualidade fosse normal; e, como talvez vocês podem ouvir ecos disso, nesse sentido, há uma multidão. Num piscar de olhos<sup>13</sup>, isso vai cair sob a égide do normal, a tal ponto que teremos novos clientes em psicanálise que virão nos dizer: “Vim lhe ver porque não pedalo<sup>14</sup> normalmente!” Vai ser um engarrafamento!

E a análise partiu daí. Se a noção de normal não tivesse tomado, na seqüência dos acidentes da história, uma extensão semelhante, jamais teria vindo à tona. Todos os pacientes, não apenas os que Freud teve, mas está bem claro ao lê-lo que é uma condição para entrar em análise, no início, o mínimo, era ter uma boa formação universitária. Está dito em Freud claramente. Devo sublinhá-lo porque o discurso universitário do qual falei muito mal, e pelas melhores razões, mas ainda assim, é quem mata a sede do discurso analítico.

Vocês compreendem, vocês não podem nem imaginar. É para fazê-los imaginar algo, se forem capazes, mas quem sabe?... treinando minha voz... vocês nem podem imaginar o que era uma zona do tempo que se chama, por causa disso,

antiga, onde a  $\delta\omega\chi\alpha$ , vocês sabem, a  $\delta\omega\chi\alpha$ , a célebre  $\delta\omega\chi\alpha$  da qual se fala no Menon, mas não!... não! Havia a  $\delta\omega\chi\alpha$  que não era universitária. Mas atualmente não há uma  $\delta\omega\chi\alpha$ , tão fútil, tão capenga, manca, até imbecil, que não esteja enfileirada em algum lugar num ensino universitário! Não há exemplo de uma opinião, por mais estúpida que seja, que não esteja marcada, até, no momento em que é marcada, por ser ensinada. Isso deforma tudo! Porque quando Platão, enfim, fala de  $\delta\omega\chi\alpha$  como algo com o qual ele não sabe literalmente o que fazer, ele, filósofo, que procura fundar uma ciência, se dá conta de que encontra a  $\delta\omega\chi\alpha$  em qualquer esquina; há algumas verdadeiras. Naturalmente, ele não é capaz de dizer por quê, não mais do que qualquer filósofo, mas ninguém duvida que elas sejam verdadeiras porque a verdade se impõe. Aquilo formava um contexto, mas inteiramente diferente do que se chama filosofia, que a  $\delta\omega\chi\alpha$  não fosse normatizada. Não há traço da palavra *norma* em parte alguma no discurso antigo. Fomos nós que inventamos, e naturalmente indo buscar um nome grego raríssimo!

De todo modo, é preciso partir daí para ver que o discurso do analista não surgiu por acaso. Era preciso que estivéssemos no último estágio de extrema urgência para que isso surgisse. É claro, uma vez que é um discurso do analista, como todos os meus discursos, os quatro que já nomeei, o discurso do Mestre toma o sentido do genitivo objetivo; é o discurso sobre o Mestre, vimos bem, com o acme da epopéia filosófica, em Hegel. O discurso do analista é a mesma coisa. Fala-se do analista, é ele o objeto *a*, como sublinhei freqüentemente. Isso não facilita, naturalmente, apreender bem qual é sua posição. Mas, por outro lado, ela é garantida, posto que é a do *semblante*.

Nosso Gide, então, para continuar a trama – tomo o Gide, depois o deixarei, depois nós o retomaremos juntos, e assim por diante – nosso Gide, ali, porque ele é mesmo exemplar, ele não sai do nada, longe disso! Seu negócio é ser desejado, como encontramos correntemente na exploração analítica. Há pessoas para as quais faltou na tenra infância ser desejado. Isso os força a fazerem coisas para que isso aconteça para eles mais tarde. É muito comum. Mas é preciso todavia separar bem as coisas. Não é sem relação, absolutamente, com o discurso. Não é dessas palavras que saem de qualquer jeito quando se está no carnaval. O discurso e o desejo, aí, têm a relação mais estreita. É por isso mesmo que cheguei a isolar – enfim, pelo menos, eu penso – a função do objeto *a*. É um ponto-chave do qual não se tirou ainda muito partido, devo dizer, isso virá suavemente.

O objeto *a* é isso pelo qual o ser falante, quando é tomado nos discursos, se determina. Ele não sabe absolutamente o que o determina; é o objeto *a*, no qual é determinado como sujeito, isto é, ele é dividido como sujeito, ele é a presa do desejo. Isso parece acontecer no mesmo lugar das palavras subversivas, mas não é absolutamente semelhante, é realmente regular, isso produz, é uma produção, produz matematicamente, é o caso de dizer, esse objeto *a* enquanto causa do dito desejo.

É ainda aquilo que chamei, como vocês sabem, o objeto metonímico, o que acompanha o desenrolar, que se desenrola como discurso, discurso mais ou menos coerente, até que esbarra e vai por água abaixo. Também não é menos verdadeiro, e é esse o interesse, que é daí que tomamos a idéia da causa. Acreditamos que na natureza é preciso que tudo tenha uma causa, sob o pretexto de que somos causados por nosso próprio blá-blá-blá. Sim! Há todos os traços, em André Gide, de que as coisas sejam realmente como eu lhes disse. É em primeiro lugar sua relação com o Outro supremo; não se deve crer absolutamente, apesar de tudo que ele pôde dizer, que não havia incidência do grande Outro. Ali onde o *a* toma forma, havia mesmo uma noção inteiramente especificada, isto é, o prazer desse Outro era desarrumar o de todos os pequenos!... Mediante o que ele sacava muito bem que havia ali um ponto de inquietação que o salvava evidentemente do abandono de sua infância. Todas essas implicâncias com Deus eram, enfim, algo de fortemente compensatório para alguém que tinha começado tão mal. Não é um privilégio dele.

Eu começara, outrora – só fiz uma aula nos chamados meus seminários – algo sobre o Nome do Pai. Naturalmente, comecei pelo próprio pai. Enfim, falei durante uma hora, uma hora e meia, do gozo de Deus. Se eu disse que era um gracejo... místico, era para nunca mais falar disso. É certo que, desde que há apenas um Deus, só e único, enfim, o Deus que fez emergir uma certa era histórica, é justamente aquele que atrapalha o prazer dos outros. Só isso conta. Há até os epicuristas, que fizeram tudo para ensinar o método de não se deixar atrapalhar por alguém, mas pifou. Havia outros chamados estoicos e que disseram, “mas é preciso, ao contrário, deitar e rolar no prazer divino”. Mas isso também falha, vocês sabem, quando um não quer, dois não brigam. É o aborrecimento que conta. Com isso, vocês estão todos bem confortáveis. Vocês não gozam, é claro, seria exagerado dizê-lo, tanto mais que, de qualquer modo, é perigoso demais. Mas, enfim, não se pode dizer que vocês não tenham prazer, hein! Foi mesmo aí que se fundou o processo primário.

Tudo isso nos remete ao pé do muro, o que é o sentido? Bem, é melhor retomar o nível do desejo. O prazer que o outro lhes proporciona, é comum, chamamos assim mesmo, numa zona mais nobre, a arte [*l'art*] – com apóstrofo. É aí que é preciso considerar atentamente o muro, porque há uma zona do sentido bem esclarecida, por exemplo, pelo chamado Leonardo da Vinci, como vocês sabem, que deixou alguns manuscritos e outras coisinhas, não tantas, ele não povoou os museus, mas disse profundas verdades, disse profundas verdades das quais todo mundo deveria se lembrar sempre, ele disse: “Olhem o muro...” como eu, e, desde aquele tempo, tornou-se o Leonardo das famílias, presenteiam-se seus manuscritos, há uma obra de luxo, eu a tenho, deram-me duas, vocês se dão conta, enfim. Mas isso não quer dizer que não seja legível... Então, ele explica para vocês: “Olhem bem o muro...” como aqui, é um pouco sujo. Se fosse melhor conservado, haveria manchas de umidade e talvez mesmo mofo. Bem, se vocês acreditam em Leonardo, se há uma mancha de mofo, é uma bela ocasião para transformá-la em Madona ou então em atleta musculoso – isso, sim, é melhor ainda porque, no mofo, há sempre sombras, buracos – é muito importante perceber que há uma porção de coisas nos muros que se prestam à figuração, à criação da arte, como se diz. A mancha em questão aqui é o próprio figurativo. Entretanto, é preciso saber a relação que há entre isso e outra coisa que pode estar no muro, isto é, as fissuras, não apenas da fala – ainda que aconteçam, é assim mesmo que sempre começa – mas do discurso. Dito de outro modo, se é da mesma ordem, o mofo no muro ou na escrita, isso deveria interessar a um certo número de pessoas aqui que, penso, não faz muito tempo – a velhice está chegando – se ocuparam em escrever coisas, cartas de amor nos muros. Era um tempo danado de bom! Há os que nunca se consolaram do tempo em que se podia escrever nos muros e onde por causa de um fato em *Publicis*, deduzia-se que os muros tinham a palavra. Como se isso pudesse acontecer! Queria simplesmente lhes mostrar que teria sido muito melhor que nunca tivesse havido nada escrito nos muros. Seria mesmo preciso retirar o que já está escrito. “Liberdade – Igualdade – Fraternidade” por exemplo, é indecente! “Proibido fumar!” não é possível, tanto mais que todo mundo fuma, há aí um erro de tática. Eu já disse há pouco sobre a carta de (a)muro, tudo o que se escreve reforça o muro. Não é forçosamente uma objeção. Mas o que há de certo, é que não se deve acreditar que seja absolutamente necessário, mas mesmo assim serve porque se nunca tivessem escrito nada sobre um muro, qualquer que seja, aquele ali ou os outros, bom, é um fato, não se teria dado um passo no sentido daquilo que talvez deva ser olhado além do muro.

Vejam, há alguma coisa à qual serei levado a lhes falar um pouco esse ano, trata-se das relações da lógica com a matemática. Além do muro, para lhes dizer logo, não há, que saibamos, senão esse real que se assinala justamente pelo impossível, o impossível de atingir além do muro. Nada menos que o real. Como é que se pôde fazer para imaginar isso, é certo que a linguagem serviu um bocado. É mesmo por isso que tento fazer essa pequena ponte da qual vocês puderam ver em meus últimos seminários o começo, isto é, como é que o Um faz sua entrada. É o que já exprimi há três anos com símbolos – o  $S_1$  e o  $S_2$ . Designei o primeiro assim para que vocês entendam um pouquinho do significante-mestre e o segundo, do saber.

Mas será que haveria aí  $S_1$ , se não houvesse  $S_2$ ? É um problema, porque é preciso primeiro que eles sejam dois para que exista o  $S_1$ . Eu abordei a coisa no último seminário, mostrando-lhes que, de todas as maneiras, eles são ao menos dois para que um só surja: zero e um, como se diz, dá dois. Mas é no sentido de que é intransponível. Entretanto, pode-se transpô-lo quando se é lógico, como já indiquei ao me referir a Frege. Mas, enfim, vocês não deixaram de notar, naturalmente, que era franqueado com um passo ligeiro e que eu lhes indicava naquele momento – retornarei a isso – que havia talvez mais do que um passinho. O importante não está aí.

É claro que alguém de quem vocês já ouviram falar, alguns sem dúvida pela primeira vez essa manhã, René Thom, que é matemático, ele está aqui para que a lógica, isto é, o discurso que se sustenta no muro, seja algo que baste para dar conta do número, primeiro passo da matemática. Por outro lado, parece-lhe poder dar conta, não apenas do que se traça sobre o muro – nada além do que a própria vida, começa aí o mofo<sup>15</sup>, como vocês sabem – dar conta pelo número, a álgebra, as funções, a topologia, dar conta de tudo isso que acontece no campo da vida. Retornarei a isso. Explicar-lhes-ei que o fato de que ele encontre, em tal função matemática, o próprio traço dessas curvas que faz o primeiro mofo antes de se elevar até o homem, que esse fato o empurra até essa extrapolação de pensar que a topologia pode fornecer uma tipologia das línguas naturais. Não sei se a questão pode atualmente ser resolvida. Tentarei dar a vocês uma idéia de qual é sua incidência atual, nada mais.

O que posso dizer é que, em todo caso, a clivagem do muro, o fato de que haja algo de instalado na frente, que chamei fala e linguagem, e que é por um outro lado que isso trabalha, talvez matematicamente, é bem certo que nós não podemos imaginar qualquer outra coisa. Que a ciência repouse, não como se

diz, sobre a quantidade, mas sobre o número, a função e a topologia, é o que não deixa dúvida. Um discurso que se chama Ciência encontrou o meio de se construir atrás do muro. Só que acredito dever nitidamente formular, e nisso creio estar de acordo com tudo o que há de mais sério na construção científica, que é estritamente impossível dar ao que quer que se articule em termos algébricos ou topológicos, a sombra de um sentido. Há sentido para aqueles que, diante do muro, se comprazem com as manchas de mofo tão propícias a serem transformadas em Madona ou em costas de atleta. Mas é evidente que nós não podemos nos contentar, enfim, com esses sentidos confusos. Isso serve, afinal de contas, apenas para ressoar na lira do desejo, no erotismo, para chamar as coisas pelos nomes.

Mas, na frente do muro, acontecem outras coisas, e é o que chamo discursos. Há outros, além desses meus quatro, que enumerei e que só se especificam, aliás, por dever fazer vocês perceberem imediatamente que se especificam como tais sendo apenas quatro. É claro que houve outros dos quais não conhecemos nada mais do que converge naqueles ali, que são os quatro que nos restam, aqueles que se articulam pelo giro do pequeno  $a$ , do  $S_1$  e do  $S_2$  e mesmo do sujeito – que vai pagar a conta – e que esse giro, ao deslocar-se segundo esses quatro vértices um de cada vez, permitiu-nos destacar algo para nossa referência. É algo que nos mostra o estado atual daquilo que, como laço social, se funda pelo discurso, isto é, algo que, não importa o lugar que ocupe, do mestre, do escravo, do produto ou daquilo que suporta todo o negócio, qualquer que seja o lugar que ocupe, não se entende necas.

De onde surgiu o sentido? É por isso que é muito importante ter feito essa clivagem, desajeitada sem dúvida, que Saussure fez – como lembrava hoje de manhã Jakobson – do significante e do significado, coisa aliás que ele herdou, não sem motivo, dos estóicos, de quem há pouco eu lhes disse a posição bem particular nessas espécies de manipulações. O que há de importante, seguramente, não é que o significante e o significado se unam e que seja o significado quem nos permite distinguir o que há de específico no significante, bem ao contrário, é o significado de um significante, o que articulo com as letrinhas que lhes falei há pouco, o significado de um significante, ali agarramos algo que pode parecer um sentido, isso vem sempre do lugar que o mesmo significante ocupa num outro discurso. Foi exatamente isso que subiu à cabeça de todo mundo, quando o discurso analítico se introduziu. Parecia que eles compreendiam tudo... Coitados! Felizmente, graças a meus cuidados, não é o caso de vocês. Se vocês

compreendem o que eu conto em outro lugar, lá onde sou sério, vocês não acreditarão no que ouvem. É mesmo por isso que vocês não vão acreditar no que ouvem. Porque, na realidade, vocês compreendem mas, enfim, mantêm-se à distância. E é bem compreensível, uma vez que, na grande maioria, o discurso analítico ainda não fisgou vocês. Acontecerá, infelizmente, pois ele ganha cada vez mais importância.

Eu queria ao menos dizer algo sobre o saber do analista, com a condição de que vocês não extrapolem. Se meu amigo René Thom chega tão facilmente a encontrar pelos cortes de superfícies matemáticas complicadas, algo como um desenho, zebrado, enfim, algo que ele chama também uma ponta, uma escama, uma prega, e a fazer com isso um uso verdadeiramente cativante, se, em outros termos, entre tal fatia de uma coisa que não existe senão para que se possa escrever, existe um  $x$  que satisfaz à função  $F$  de  $x$ , sim, se ele o faz com tanta facilidade, não é menos verdade que, por não ter dado razão de maneira exaustiva àquilo com o qual, apesar de tudo, ele é forçado a explicar a vocês, isto é, a linguagem comum e a gramática em torno, restará aí uma zona que eu chamo *zona do discurso* e que é aquela sobre a qual o analítico dos discursos lança uma boa luz.

O que é que, aí, se pode transmitir de um saber? Enfim, é preciso escolher! São os números que sabem porque fizeram com que se comovesse essa matéria organizada em um ponto imemorial, seguramente, e continuam a saber o que fazem. Há uma coisa bem certa, é que é da maneira mais abusiva que colocamos aí um sentido, que toda idéia de evolução, de aperfeiçoamento, enquanto na cadeia animal suposta não vemos absolutamente nada que ateste entretanto essa adaptação supostamente contínua, a tal ponto que tenha sido preciso todavia que renunciássemos a isso e que digamos que, finalmente, aqueles que passam são, então, os que puderam passar. Chama-se isso seleção natural. Isso não quer dizer estritamente nada. Tem assim um pequeno sentido tomado de empréstimo a um discurso de pirata, e, também, por que não este aí ou um outro? A coisa mais clara que nos parece é que um ser vivo nem sempre sabe muito bem o que fazer de um de seus órgãos. E, afinal, é talvez um caso particular de evidenciar, pelo discurso analítico, o lado embaraçoso que tem o falo. Que haja um correlato entre isso, como sublinhei no início desse discurso, e o que se fomenta da fala, nada podemos dizer a mais. Que, no ponto em que estamos do estado atual do pensamento, é a sexta vez que emprego essa fórmula, é claro que isso não parece incomodar ninguém, todavia valeria que

retornássemos ao estado atual do pensamento, eu faço um móvel, é contudo verdade, não é? Não é um idealismo dizer que os pensamentos são tão estritamente determinados quanto o último *gadget*. Em todo caso, no estado atual do pensamento, temos o discurso analítico que, quando se quer escutá-lo exatamente pelo que ele é, mostra-se ligado a uma curiosa adaptação, porque enfim, se é verdade essa história de castração, quer dizer que, no homem, a castração é o meio de adaptação para a sobrevivência. É impensável, mas é verdade. Tudo isso não pode ser senão um artifício, um artefato de discurso. Que esse discurso, tão sábio para completar os outros, se mantenha, é talvez apenas uma fase histórica. A vida sexual da China antiga talvez floresça novamente, ela terá um certo número de bonitas ruínas sujas a engolir antes que isso aconteça!

Mas, por enquanto, o que é que quer dizer esse sentido que nós trazemos?

Esse sentido, no final das contas, é enigma, e, precisamente, porque é sentido. Há, em algum lugar, na segunda edição de um volume, daquele volume que deixei, certa época, ser publicado, que se chama *Escritos*, há um pequeno acréscimo que se chama “A metáfora do sujeito”. Eu trabalhei muito tempo na fórmula com a qual se deleitava meu caro amigo Perelman, “um oceano de falsa ciência”. A gente nunca tem tanta certeza e aconselho a vocês que partam daí, do que eu tenho na cabeça quando me divirto justamente! “Um oceano de falsa ciência”, talvez seja o saber do analista, por que não? Por que não, justamente, se é apenas por sua perspectiva que se decanta que a ciência não tem sentido, mas que um sentido de discurso, que só se sustenta de um outro, é apenas sentido parcial.

Se só se pode semi-dizer a verdade, está aí o nó, o essencial do saber do analista: é que nesse lugar aí que eu chamei tetrápode ou quadrípode, no lugar da verdade tem-se  $S_2$ , o saber. É um saber que deve, portanto, ser sempre colocado em questão. Em compensação, da análise, há uma coisa que deve prevalecer, é que há um saber que se retira do próprio sujeito; o discurso analítico coloca  $\$$  no lugar pólo do gozo. É do tropeço, da ação fracassada, do sonho, do trabalho do analisante que esse saber resulta, esse saber que não é suposto, ele é saber, saber caduco, migalhas de saber, sobremigalhas de saber, é isso o inconsciente. Esse saber é o que assumo, [o que] defino, como somente podendo colocar-se – traço novo na emergência – pelo gozo do sujeito.

TRADUÇÃO: Letícia P. Fonsêca

<sup>1</sup> *lettre* é letra e também carta. [N.T.]

<sup>2</sup> *que ça se morde la queue*.

<sup>3</sup> Cf. Nota 1. [N.T.]

<sup>4</sup> Medido, pesado, dividido (Bíblia, Livro de Daniel, V, 25 a 28) [N.R.]

<sup>5</sup> Cf. nota 1. [N.T.]

<sup>6</sup> *poubellique*: jogo de palavras que alude a *poubelle* [lixeira], e *publique* [público]. [N.T.]

<sup>7</sup> *S'asseoir dessus*: ao pé da letra, significa sentar-se em cima, mas trata-se de uma expressão idiomática cujo sentido seria 'não dar importância', 'não ligar'. Lacan retomará outras vezes o verbo *s'asseoir* [sentar-se], neste jogo de palavras. [N.R.]

<sup>8</sup> 19 de janeiro de 1972.

<sup>9</sup> Lacan brinca com a palavra bandeirola. *Bander* é ficar de pau duro e *rôle* é papel a desempenhar. Em português, a homofonia permite recuperar o sentido sexual com *rola*, termo vulgar que designa o pênis. O termo *bander* será retomado em seguida. [N.R.]

<sup>10</sup> Cf. nota acima. [N.T.]

<sup>11</sup> *montrer patte blanche*: mostrar um sinal, uma autorização especial para entrar em algum lugar. Trata-se de uma alusão ao conto infantil de La Fontaine *Le loup, la chèvre et le chevreau*, quando o lobo quer se fazer passar por outro animal. [N.T.]

<sup>12</sup> Cf. nota 9. [N.R.]

<sup>13</sup> *en moins de deux*: em dois tempos, rapidamente. [N.T.]

<sup>14</sup> *pédale*: duplo sentido de pedalar e de pederasta, *pédé* [bicha]. Tem o sentido em linguagem familiar de "não fazer algo com tanta facilidade". [N.T.]

<sup>15</sup> Jogo de palavras pela homofonia de *moissure* [mofo] com *moi scission* [ego cisão]. [N.R.]

## LIÇÃO V

3 de março de 1972

Peço desculpas, é a primeira vez que chego atrasado. Avisei a vocês, estou doente. Vocês estão aqui, eu também, bom para vocês. Quero dizer com isto que sinto-me anormalmente bem sob a influência de uma febrezinha e de alguns remédios, de sorte que, se por acaso, de repente, essa situação mudar, espero que aqueles que me ouvem há muito tempo explicarão aos novos que é a primeira vez que isso me acontece.

Vou tentar então, esta noite, portanto, estar no nível do que vocês esperam, aqui onde eu disse que me divirto. Não é absolutamente forçoso que isso permaneça sempre no mesmo tom. Queiram desculpar-me, certamente não é devido a meu estado anormal. Seguirá a linha do que tenho, esta noite, a intenção de lhes dizer.

Em um outro lugar, evidentemente, não poupo muito o meu auditório. Se alguns que estão aqui – percebo alguns – lembram do que falei na última vez, em suma, falei dessa coisa que resumi no nó borromeu, quero dizer, uma cadeia de três, e tal que desatando um dos anéis dessa cadeia os outros dois não podem mais um instante sequer permanecer juntos. De onde provém isto? Sou forçado a explicá-lo a vocês pois, afinal, não estou seguro de que dado simplesmente, assim, sem burilamento, seja suficiente para todos.

Trata-se de uma questão concernente ao que é a condição do discurso do inconsciente, trata-se de uma questão posta ao que é a linguagem. De fato, esta é uma questão que não está resolvida. A linguagem deve ser abordada em sua gramática e, neste caso, é certo, ela depende de uma topologia...

X – O que é uma topologia?

LACAN – O que é uma topologia? Como esta pessoa é gentil! Uma topologia é uma coisa que tem uma definição matemática. A topologia é o que se aborda antes de tudo por relações não-métricas, por relações deformáveis.

É, falando propriamente, o caso destas espécies de círculos flexíveis que constituíam o meu:

### EU TE PEÇO – QUE RECUSES – O QUE TE OFEREÇO

Cada um é uma coisa fechada, flexível e que só se sustenta encadeado nos outros. Nada se sustenta sozinho. Essa topologia, pelo fato de sua inserção matemática, está ligada a relações – justamente é o que servia para demonstrar meu último seminário – de pura significância, isto é, na medida em que estes três termos são três, vemos que pela presença do terceiro uma relação se estabelece entre os outros dois. É isto que quer dizer o nó borromeu.

Há outro modo de abordar a linguagem e, é claro, a coisa é atual pelo fato de que alguém que nomeei – acontece que o nomeei justamente depois que Jakobson o fez, mas que, como acontece, eu o conhecera logo antes – a saber René Thom, e esse alguém tenta, em suma, certamente, não sem ter já aberto certos caminhos, abordar a questão da linguagem sob o viés semântico, isto é, não pela combinação significativa na medida em que a matemática pura pode ajudar-nos a concebê-la como tal, mas sob o ângulo semântico, isto é, não sem recorrer também à matemática, ao encontrar em certas curvas, acrescentarei, certas formas, acrescentaria, deduzidas destas curvas, algo que nos permitisse conceber a linguagem como, direi, algo como o eco dos fenômenos físicos. É a partir, por exemplo, daquilo que é pura e simplesmente comunicação de fenômenos de ressonância que seriam elaboradas curvas que, para valer num certo número de relações fundamentais, secundariamente se juntariam, se homogeneizariam, se podemos dizer, seriam tomadas num mesmo parêntese de onde resultariam as diversas funções gramaticais. Parece-me que já há um obstáculo em conceber as coisas assim, é que se é forçado a colocar sob o mesmo termo, *verbo*, tipos de ação bem diferentes. Por que a linguagem teria de algum modo reunido numa mesma categoria funções que só podem ser concebidas originariamente sob modos de emergência muito diferentes? No entanto, a questão permanece em suspenso.

É certo que haveria algo de infinitamente satisfatório em considerar que a linguagem está de alguma forma modelada sobre as funções supostas da

realidade física, mesmo se esta realidade só é abordável pelo viés de uma funcionalização matemática.

Quanto a mim, o que estou procurando propor a vocês é algo que fundamentalmente está ligado à origem puramente topológica da linguagem. Creio poder dar conta dessa origem topológica a partir do fato de que ela está ligada essencialmente a algo que acontece sob o viés da sexualidade, no ser falante. O ser falante é falante por causa deste algo que aconteceu na sexualidade porque ele é o ser falante; é um negócio sobre o qual me abstenho de decidir, deixando para vocês esta tarefa.

O esquema fundamental e que, esta noite, vou tentar avançar para vocês um pouco mais, é que a dita função sexualidade é definida, enquanto saibamos – sabemos contudo um pouco, ainda que por experiência – que os sexos são dois, não obstante o que pensa uma autora célebre que, devo dizer, em seu tempo, antes que ela tivesse produzido esse livro que se chama *O Segundo Sexo*, acreditara, em razão de não sei qual orientação – pois, em verdade, eu ainda não tinha começado a ensinar – dever falar comigo antes de produzir *O Segundo Sexo*. Ela me telefonou para dizer que seguramente tinha necessidade de meus conselhos para esclarecê-la sobre o que devia ser o afluente psicanalítico em sua obra. Como lhe fiz observar que seria necessário, pelo menos – é o mínimo, pois falo há vinte anos e não é por acaso – cinco ou seis meses para que eu destrinchasse a questão, ela me mostrou que não havia a menor condição, é claro, de que um livro que já estava em execução esperasse tanto tempo; as leis da produção literária eram tais que lhe parecia impossível ter comigo mais que três ou quatro encontros. Foi então que declinei daquela honra.

O fundamento do que estou, já há algum tempo, tentando produzir para vocês, muito precisamente desde o ano passado, é que não há segundo sexo. Não há segundo sexo a partir do momento em que entra em função a linguagem. Ou, para dizer as coisas de outra forma, concernindo ao que se chama a heterossexualidade, é precisamente nisso que o termo *ετερος*, que é o termo que serve para dizer *outro* em grego, está precisamente nesta posição, pela relação que no ser falante se chama sexual, de se esvaziar enquanto ser e é precisamente este vazio que ele oferece à fala que chamo o lugar do Outro, isto é, onde se inscrevem os efeitos da dita fala. Eu não vou alimentar o que digo – porque, afinal, nos atrasaríamos aqui –

com algumas referências etimológicas, como  $\epsilon\tau\epsilon\rho\zeta$  se diz em certo dialeto grego, que pouparei até de nomear para vocês,  $\alpha\epsilon\tau\epsilon\rho\zeta$ , como este  $\epsilon\tau\epsilon\rho\zeta$  se liga a  $\delta\epsilon\upsilon\tau\epsilon\rho\zeta$  e precisamente marca que esse *deuteroz*, na ocasião, está, se posso dizer, elidido.

$$\exists x. \overline{\Phi x}$$

$$\forall x. \Phi x$$

$$\overline{\exists x. \overline{\Phi x}}$$

$$\overline{\forall x. \Phi x}$$

É claro que pode parecer surpreendente, como é evidente que há muito tempo uma tal fórmula – pois eu não sabia que houvesse uma referência de um tempo em que ela teria sido formulada – uma tal fórmula é precisamente o que é ignorado. Afirmo contudo e sustento para vocês – é o que vocês vêem no quadro – que está aí o que traz a experiência psicanalítica. Para isso, lembremos sobre o que repousa o que podemos conceber, não da heterossexualidade – pois ela é em suma muito bem nomeada, se vocês seguem o que acabo de propor, neste momento – mas da bissexualidade.

No ponto em que estamos de nossos enunciados concernentes à dita sexualidade, o que é que temos? Isso a que nos referimos – e não creiam que seja evidente – é o modelo supostamente animal. Há então uma relação entre os sexos e a imagem animal da cópula que nos parece um modelo suficiente daquilo que é da relação [*rapport*] e, ao mesmo tempo, o que é sexual é considerado como necessidade. Não é, longe disso, creiam, o que sempre foi. Não tenho necessidade de lembrar o que quer dizer *conhecer* no sentido bíblico do termo. Desde sempre a relação do  $\nu\upsilon\zeta$  com algo que sofreria a impressão passiva, que se chama diversamente, mas cuja denominação grega mais usual seguramente é a da  $\upsilon\lambda\eta$ , desde sempre o modo da relação que se engendra do espírito foi considerado como modelando, de forma nenhuma simplesmente a relação animal, mas o modo fundamental de ser o que se acreditava ser o mundo. Os chineses há muito tempo apelam a duas essências fundamentais que são respectivamente a essência feminina que eles chamam o Yin para opô-la ao Yang, que aconteceu de eu escrever – por acaso sem dúvida – embaixo.

Yin 陰 Yang 陽

Se houvesse uma relação articulável no plano sexual, se houvesse uma relação articulável no ser falante, deveria ser enunciada – aí está a questão – com todos aqueles de um mesmo sexo a todos aqueles do outro. É evidentemente a idéia que nos sugere, no ponto em que estamos, a referência ao que chamei o modelo animal, aptidão de cada um de um lado de valer para todos os outros do outro. Vocês vêem então que o enunciado se promulga segundo a forma semântica significativa da Universal. Ao substituir, no que eu disse, *cada um por qualquer que seja*, ou por *não importa quem – não importa quem* de um desses lados – nós estaríamos inteiramente na ordem do que sugere o que se chamaria – reconheçam nesse condicional algo a que faz eco meu *Discurso que não seria do semblante* – pois bem, substituindo *cada um por qualquer que seja*, vocês estariam realmente nessa indeterminação do que é escolhido em cada *todos* para responder a todos os outros.

O “cada um” que empreguei antes tem contudo este efeito de lhes lembrar que, afinal, se ousar dizer, a relação efetiva não existe sem evocar o horizonte do *um a um*, do *a cada um sua cada uma*. Esta correspondência biunívoca faz eco ao que sabemos que é essencial para presentificar o número. Observemos que não podemos desde o início eliminar a existência destas duas dimensões e que podemos mesmo dizer que o modelo animal é justamente o que sugere o fantasma anímico. Se não tivéssemos este modelo animal, mesmo se a escolha é de encontro, o acoplamento biunívoco é o que nos parece, isto é, que há dois animais que copulam juntos, pois bem, nós não teríamos essa dimensão essencial, precisamente de que o encontro é único. Não é por acaso se digo que é daí, daí somente, que se fomenta o modelo anímico, chamemo-lo o encontro de alma a alma. Aquele que conhece a condição do ser falante não deve, em todo caso, se surpreender de que o encontro, a partir deste fundamento, deverá justamente repetir-se enquanto único. Não há necessidade de fazer entrar em jogo nenhuma dimensão de virtude. A própria necessidade do que, no ser falante, se produz de única é que ele se repete. É por isso que apenas no modelo animal se sustenta e se fomenta o fantasma que chamei *anímico*, isto é, um fantasma que está aí para dizer *a linguagem não existe*, o que não é evidentemente sem interesse no campo analítico.

O que nos dá a ilusão da relação sexual no ser falante é tudo o que materializa o Universal num comportamento que é efetivamente de tropa nas

relações entre os sexos. Eu já sublinhei que na busca ou na caça sexual, como queiram, os meninos se encorajam e que, no caso das meninas, elas adoram realçar-se [?]¹ de tanto que isso as favorece. É uma observação etológica que fiz, mas que não resolve nada, porque basta refletir para ver ali um giro bastante equivocado para que possa se sustentar muito tempo. Para ser mais insistente e deter-me no âmbito da experiência analítica mais rasa, quero dizer, mais terra a terra, lembrarei a vocês que o imaginário que é aquilo que reconstituímos no modelo animal – de acordo com nossa idéia, naturalmente, pois é claro que não podemos reconstruí-lo senão pela observação – mas, ao contrário, temos do imaginário uma experiência que não é fácil, mas que a psicanálise nos permitiu estender e, para dizer as coisas cruamente, não me será difícil fazer-me entender que, [que] se lanço a hipótese – vou chamar logo isso cruamente, é cruel o que é preciso dizer – bem, meu Deus, que em todo encontro sexual, se há algo que a psicanálise permite supor, é exatamente não sei que perfil de outra presença para o qual o termo vulgar de *suruba* não está absolutamente excluído. Essa referência, em si mesma não tem nada de decisivo, uma vez que, afinal, se poderia fazer um ar sério e dizer que aí está exatamente o estigma da anomalia, como se a norma macho – em duas palavras² – estivesse situada em algum lugar. É certo que, ao propor esse termo, aquilo que acabo de rotular com esse nome vulgar, não procurei certamente fazer vibrar em vocês a lira erótica e simplesmente se isso tem algum valor de despertar, que lhes dê pelo menos essa dimensão, não aquela que pode aqui ecoar Eros, mas simplesmente a dimensão pura do despertar. Certamente não estou aqui para diverti-los nessa linha!

Tratemos agora de entrar no que é do parentesco do Universal com nosso assunto, isto é, o enunciado pelo qual os objetos deveriam se repartir em dois *todos* de equivalência oposta. Acabo de lhes mostrar que não há absolutamente lugar para exigir a equinumericidade dos indivíduos e acrescentarei que acreditei sustentar o que eu tinha para desenvolver, simplesmente, da biunivocidade da cópula. São o que seria, se fosse possível, dois Universais definidos então somente pelo estabelecimento da possibilidade de uma relação de um ao outro ou do outro ao um. A dita relação não tem absolutamente nada a ver com o que se chama usualmente relações sexuais. Temos um monte de relações para essas relações. E, sobre essas relações, temos também algumas pequenas relações; isso ocupa nossa vida

terrestre... No nível em que o coloco, trata-se de fundar essas relações nos Universais. Como o Universal Homem se relaciona ao Universal Mulher? Esta é a questão que se nos impõe pelo fato de a linguagem exigir precisamente que seja por aí que ela seja fundada. Se não houvesse linguagem, ora, tampouco haveria questão. Não teríamos que fazer entrar em jogo o Universal.

Essa relação, para sermos precisos, torna o Outro absolutamente estranho ao que poderia ser, aqui, pura e simplesmente secundário, é o que talvez, essa noite, me forçará a acentuar o A com que eu marco esse Outro [*Autre*] como vazio, algo de suplementar, um H, o *Houtro* que não seria uma maneira tão má de fazer escutar a dimensão do *Hum* que pode entrar em jogo aqui, para nos darmos conta de que, por exemplo, tudo o que temos de elucubrações filosóficas não saíra por acaso de um Sócrates manifestamente histérico, quero dizer, clinicamente. Enfim, temos a relação de suas manifestações de ordem cataléptica. Se o chamado Sócrates pôde sustentar um discurso, o qual não é por nada que está na origem do discurso da ciência, é precisamente por ter feito vir, como eu o defini, ao lugar do *semblante*, o sujeito. E ele pôde fazê-lo precisamente em razão dessa dimensão que, para ele, presentificava o *Hautre* como tal, isto é, esse ódio por sua mulher, para chamá-la por seu nome, essa pessoa era sua mulher que se afaminava³ a tal ponto que ele precisou, no momento de sua morte, pedir-lhe polidamente que se retirasse para dar à dita morte toda sua significação política. É simplesmente uma dimensão de indicação concernente ao ponto em que jaz a questão que estamos levantando.

Eu disse que, se podemos dizer que não há relação sexual, não é certamente na maior inocência. É porque a experiência, isto é, um modo de discurso que não é absolutamente aquele da histeria, mas sim aquele que escrevi sob uma repartição quadrípode como sendo o discurso analítico, e que o que ressalta desse discurso é a dimensão jamais evocada, até o presente, da função fálica, isto é, esse algo pelo qual não é pela relação sexual que se caracteriza ao menos um dos dois termos, e precisamente aquele ao qual se liga essa palavra, o *Hum* [*l'Hun*]. Não que sua posição de *Hum* seja redutível a esse algo chamado pelo termo *macho* – ou seja, na terminologia chinesa, a essência do Yang. Precisamente pelo contrário, é em razão de, afinal, ser chamado para acentuar o sentido velado, porque ele nos vem de longe, do termo órgão, é justamente aquilo que só é órgão,

para acentuar as coisas, como utensílio. É ao redor do utensílio que a experiência analítica nos incita a ver girar tudo o que se enuncia da relação sexual. Esta é uma novidade, quero dizer, que responde à emergência de um discurso que seguramente nunca tinha vindo à luz, e que não se poderia conceber sem a prévia emergência do discurso da Ciência como inserção da linguagem sobre o real matemático.

Eu disse que o que estigmatiza essa relação de ser na linguagem profundamente subvertida é precisamente que não há mais meio (como se fez, contudo, mas numa dimensão que me parece ser de miragem), que não pode mais se escrever em termos de essência macho e fêmea. Que é o *não poder se escrever*, o que é que isso quer dizer, uma vez que, afinal, já está escrito? Se eu relanço essa antiga escritura em nome do discurso analítico, vocês poderiam fazer-me uma objeção muito mais válida, que também eu escrevi, posto que igualmente – é o que acabo de mostrar uma vez mais no quadro – é algo que pretende ser suportado por uma escritura de que tipo? A rede do negócio [*affaire*] sexual.

Todavia essa escritura não se autoriza, não toma sua forma senão de uma escritura bem especificada, isto é, o que permitiu introduzir na lógica a irrupção precisamente daquilo que me indagavam há pouco, isto é, uma topologia matemática. Não é senão a partir da existência da formulação desta topologia que pudemos imaginar que de toda proposição fizéssemos função proposicional, isto é, algo que se especifica pelo lugar vazio que deixamos e em função do qual se determina o argumento.

Aqui, quero mostrar a vocês que, precisamente, o que tomo emprestado oportunamente à inscrição matemática, na medida em que ela se substitui às primeiras formas – não digo formalizações, às formas esboçadas por Aristóteles num estilo logístico – que, então, essa inscrição sob o termo função argumento poderá, parece-me, oferecer-nos um termo fácil para especificar a oposição sexual. O que seria preciso? Bastaria que as funções respectivas do macho e da fêmea se distinguíssem precisamente como o Ying e o Yang. É precisamente pelo fato de que a função é única, que se trata sempre de F de x, que se engendra, como vocês sabem – como não é possível, apenas pelo fato de que vocês estejam aqui, que não tenham pelo menos uma ideiazinha – a dificuldade e a complicação.

F de x afirma que é verdade – é o sentido que tem o termo de função – que é verdade que o que se relaciona ao exercício, ao registro do ato sexu-

al, sobrevem da função fálica. É precisamente enquanto se trata da função fálica, de qualquer lado que a olhemos, quero dizer, de um lado ou de outro, que algo nos solicita indagar então em que os dois parceiros diferem e é precisamente o que inscrevem as fórmulas que coloquei no quadro.

$$\begin{array}{cc} \exists x. \overline{\Phi x} & \overline{\exists x. \Phi x} \\ \forall x. \Phi x & \overline{\forall x. \Phi x} \end{array}$$

Se verificamos que, pelo fato de dominar igualmente os dois parceiros, a função fálica não os faz diferentes, não é menos verdade que é de início num outro lugar que devemos buscar a diferença. E é nisso que essas fórmulas, inscritas no quadro, merecem ser interrogadas nas duas vertentes, a vertente da esquerda opondo-se à vertente da direita, o nível superior opondo-se ao nível inferior. O que isso quer dizer? O que quer dizer merece ser auscultado, se posso dizer, isto é, ser interrogado; direi inicialmente em que elas podem dar provas de um certo abuso.

É claro que não é porque fiz uso de uma formulação feita da irrupção das matemáticas na lógica, que me sirvo dela inteiramente da mesma maneira. E minhas primeiras observações vão consistir em mostrar que, de fato, a maneira como a utilizo é tal que não é de modo algum traduzível em termos de lógica das proposições. Quero dizer que o modo sob o qual a variável, o que se chama a variável, isto é, o que dá lugar ao argumento, é algo que está aqui totalmente especificado pela forma quádrupla sob a qual a relação do argumento à função é colocada.

Simplesmente para introduzir aquilo de que se trata, lembrarei que, em lógica proposicional, temos em primeiro plano – há outros – as quatro relações fundamentais que de todo modo são o fundamento da lógica das proposições, respectivamente a negação, a conjunção, a disjunção e a implicação. Há outras, mas essas são as primeiras e todas as outras são estabelecidas daí. Eu adianto que a maneira como se acham escritas nossas posições de argumento e de função é tal que a relação dita de negação pela qual o que é colocado como verdade não poderia ser negado senão pela palavra *falso*, ora, precisamente isso é aqui insustentável. Porque vocês podem ver que qualquer que seja o nível, quero dizer, o nível inferior e o nível superior, o enunciado da função, isto é, que ela é fálica, está colocado, seja como

verdade, ou precisamente a descartar, uma vez que afinal a verdadeira verdade seria justamente o que não se escreve, o que aqui só pode se escrever sob a forma que contesta a função fálica: “Não é verdade que a função fálica seja o que funda a relação sexual”; e, nos dois casos, nesses dois níveis que são como tais independentes, onde não se trata absolutamente de fazer de um a negação do outro, mas, ao contrário, de um o obstáculo ao outro, em contrapartida, o que vocês vêm se repartir, é justamente um *Existe* e um *Não existe*, é um *Todo* de um lado, *Todo x*, isto é, o domínio do que está aí, o que se define pela função fálica, e a diferença da posição do argumento na função fálica é precisamente que é *Não toda* mulher quem aí se inscreve, vocês vêm realmente que, longe de que um se oponha ao outro como sua negação, é, pelo contrário, de sua subsistência, precisamente enquanto negada, que há um *x* que pode se sustentar nesse mais além da função fálica, e do outro lado não há pela simples razão de que uma mulher não poderia ser castrada pelas melhores razões. É um certo nível, é o nível do que justamente nos é barrado na relação sexual, enquanto que, no âmbito da função fálica, é precisamente no que ao *Todo* se opõe o *Não todo* que há a chance de uma repartição da esquerda à direita do que se fundará como macho e como fêmea. Longe portanto de que a relação de negação nos force a escolher, é na medida em que, longe de ter que escolher, nós temos que repartir – que os dois lados se opõem legitimamente um ao outro.

Eu falei, depois da negação, sobre a conjunção. Para fazer o balanço de contas sobre a conjunção, precisarei apenas fazer uma observação, esperando que haja aqui muitas pessoas que já terão vagamente folheado um livro de lógica para que eu não tenha necessidade de insistir, ou seja, que a conjunção está fundada precisamente no fato de somente adquirir valor quando as duas proposições podem ser ambas verdadeiras. É justamente isso que de maneira nenhuma nos permite o que está inscrito no quadro, posto que vocês vêm que, da direita à esquerda, não há qualquer identidade e que precisamente aí onde se trata do que está colocado como verdadeiro, a saber  $\Phi$  de *x*, é justamente nesse nível que os Universais não podem se conjugar, o Universal do lado esquerdo não se opondo do outro lado, do lado direito, senão ao fato de que não há Universal articulável, isto é, que a mulher, a respeito da função fálica, só está situada aí, sujeitada como *não toda*. O estranho, entretanto, é que a disjunção não funciona mais, se vocês se lembram que a disjunção só adquire valor pelo fato de

que é impossível que as duas proposições sejam falsas ao mesmo tempo. É seguramente a relação, diremos, mais forte ou mais fraca, é seguramente a mais forte por ser ela a mais resistente, uma vez que é preciso um mínimo para que haja disjunção, que a disjunção torne válido que uma proposição seja verdadeira, a outra falsa, que, naturalmente, ambas sejam verdadeiras, acrescentando-se ao que chamei o *uma verdadeira, a outra falsa* – é talvez *uma falsa, a outra verdadeira* – há então, pelo menos três casos combinatórios em que a disjunção se sustenta. A única coisa que ela não pode admitir é que ambas sejam falsas.

Ora, temos aqui duas funções que estão colocadas como não sendo – disse-lhes há pouco – a verdade verdadeira, isto é, aquelas que estão no alto parecem sustentar algo que dá esperança de que pelo menos teríamos articulado uma verdadeira disjunção. Ora, observem o que está escrito que é algo que terei a oportunidade de articular de uma maneira que lhe dê vida, é que não há, precisamente, de um lado, senão esse  $\Phi$  de *x* com o signo da negação acima, ou seja, enquanto a função fálica não funciona, há chance de relação sexual, por isso colocamos que é preciso que exista um *x* para tanto. Ora, do outro lado, que temos? Que não existe outro, de sorte que podemos dizer que a sorte do que seria um modo sob o qual se sustentaria a diferenciação do macho e da fêmea, do homem e da mulher, no ser falante, essa chance que temos de que haja isso é que, se num certo nível há a discórdia, e veremos o que, em breve, quero dizer com isso, quero dizer no nível dos Universais, que não se sustentam pela inconsistência de um deles, o que se passaria ali onde afastamos a própria função é que, se de um lado é suposto existir um *x* que satisfaça a *F* de *x* negada, *Fx*, do outro temos a expressa formulação de que nenhum *x*, o que illustrei ao dizer que a mulher, pelas melhores razões, não poderia ser castrada, mas não há justamente senão o enunciado nenhum *x*, isto é, no nível em que a disjunção teria chance de se produzir, não encontramos de um lado senão Um – ou pelo menos o que avancei do *ao-menos-um* – e do outro precisamente a não-existência, isto é, a relação de Um a Zero.

Precisamente, no nível onde a relação sexual teria chance, não absolutamente de ser realizada, mas simplesmente de ser esperada, mais além da abolição pelo afastamento da função fálica, não encontramos mais como presença, eu ousaria dizer, senão um dos sexos. É evidentemente isso que precisamos aproximar da experiência tal como vocês estão acostumados a

vê-la ser enunciada sob essa forma que a mulher suscita: de que o universal para ela não faça surgir senão a função fálica, na qual ela participa, como vocês sabem – isso é a experiência, que fazer!, por demais cotidiana para não encobrir a estrutura – mas ela só participa disso ao querer, seja extasiar o homem, seja, meu Deus, que ela imponha tal serviço, para o caso... *ou pior*, é o caso de dizer, em que ela prestasse esse serviço a ele. Mas isto precisamente não a universaliza; não estaria aí o que é essa raiz do *não toda*, que ela esconde um gozo diferente do gozo fálico, o gozo propriamente dito feminino que não depende absolutamente daquele?

Se a mulher é *não toda*, é que seu gozo é dual e foi exatamente o que revelou Tirésias quando retornou, pela graça de Zeus, de ter sido Teresa por um tempo, naturalmente com a conseqüência que conhecemos e que estava lá enfim exibida, se posso dizer, visível – é o caso de dizer – para Édipo, para mostrar-lhe o que o aguardava por ter existido, justamente ele, como homem nessa posse suprema que resultava do engano em que sua parceira o mantinha da verdadeira natureza do que ela oferecia para seu gozo ou melhor – digamos de outro modo – porque sua parceira não lhe pedira que recusasse o que ela lhe oferecia, evidentemente manifestando, mas no âmbito do mito, que, para existir como homem num nível que escapasse à função fálica, ele não tinha outra mulher senão aquela que para ele não deveria justamente ter existido.

Eis aí. Por que este *não deveria ter*, por que a teoria do incesto tornaria necessário enfim que eu me engajasse nessa via dos Nomes do Pai na qual, precisamente, eu disse que não me engajaria mais nunca? Foi porque aconteceu de eu reler, porque alguém me pediu, essa primeira conferência do ano de 1963 – vocês se lembram – em Sainte-Anne, foi exatamente por isso que voltei, eu a reli, isso se relê, isso se lê, é algo que tem mesmo uma certa dignidade, de sorte que a publicarei se é que ainda publico, o que não depende de mim! Precisaria que outros publicassem um pouco comigo, isso me encorajaria. Se eu a publicar, verão com que cuidado eu destaquei então – mas já falei há cinco anos sobre um certo número de registros, a metáfora paterna principalmente, o nome próprio, havia tudo o que era preciso para que, com a Bíblia, dessem um sentido a essa elucubração mítica de meus dizeres. Mas nunca mais o farei. Nunca mais o farei porque, afinal, posso me contentar em formular as coisas no nível da estrutura lógica que, afinal, tem também seus direitos...

O que eu quero dizer a vocês é que esse  $\exists$  de  $x$  barrado,  $\exists x$ , isto é, que não existe nenhum outro, num certo nível, além daquele para o qual haveria chance de que haja a relação sexual, que esse  $\epsilon\tau\epsilon\rho\omicron\zeta$  enquanto ausente, não é absolutamente, forçosamente, o privilégio do sexo feminino, é simplesmente a indicação do que está em meu grafo – digo isso porque teve um certo destino – do que escrevi do significante de  $\mathcal{A}$ , quer dizer, o Outro, de onde quer que o tome, o Outro está ausente, a partir do momento em que se trata da relação sexual.

Naturalmente, no nível daquilo que funciona, isto é, a função fálica, há simplesmente essa discórdia que acabo de lembrar, ou seja, que de um lado e do outro, ali, naquele momento, não se está na mesma posição, ou seja, que de um lado tem-se o Universal fundado sobre uma relação necessária com a função fálica e, do outro lado, uma relação contingente porque a mulher é *não-toda*.

Sublinho então que, no nível superior, a relação fundada sobre o desaparecimento, o apagamento da existência de um dos parceiros que deixa o lugar vazio para a inscrição da fala, não está nesse nível o privilégio de nenhum lado. Apenas para que haja fundamento do sexo, como se diz, é preciso que eles sejam dois. Zero e Um, isso seguramente faz dois, faz dois no plano simbólico, ou seja, na medida em que nós concordemos que a existência se enraíza no símbolo. É o que define o ser falante.

Seguramente é algo, talvez, o que é que não é o que é? Apenas esse ser é absolutamente inapreensível. E ele é tanto mais inapreensível que é obrigado, para se suportar, a passar pelo símbolo. É claro que um ser quando chega a não ser<sup>4</sup> [nascer] senão através do símbolo, é justamente esse ser sem ser do qual, apenas pelo fato de falarem, vocês todos participam; mas por outro lado é realmente certo que o que se suporta é a existência, na medida em que existir não é ser, isto é, é depender do outro. Vocês estão exatamente aí, não importa de que lado, a existir, mas para o que é do ser de vocês, não estão tão tranquilos! De outro modo, não viriam buscar segurança em tantos esforços psicanalíticos.

Evidentemente, aí está algo que é totalmente original na primeira emergência da lógica. Na primeira emergência da lógica, há algo que é inteiramente surpreendente, é a dificuldade e a hesitação que Aristóteles manifesta a propósito do estatuto da proposição particular. São dificuldades que

foram sublinhadas alhures, que eu não descobri, e para aqueles que querem se reportar a elas, aconselho o caderno nº 10 dos *Cahiers pour l'analyse* onde um primeiro artigo de alguém chamado Jacques Brunschwig “La proposition particulière et les preuves de non-concluance chez Aristote” sobre o assunto é excelente. Eles verão aí perfeitamente indicada a dificuldade que Aristóteles tem com a Particular. É que ele seguramente percebe que a existência de nenhuma maneira poderia se estabelecer senão fora da Universal, é exatamente onde ele situa a existência no nível da Particular, que não é absolutamente suficiente para sustentá-la, ainda que disso dê a ilusão graças ao emprego da palavra *algum*.

É claro que, ao contrário, o que resulta da formalização dita dos quantificadores – dita dos quantificadores em razão de um vestígio deixado na história filosófica, pelo fato de que alguém chamado Apuleio, um romancista de pouco bom gosto e um místico certamente entusiasta e que se chamava Apuleio, eu lhes disse, fez *O Asno de ouro [L'Âne d'or]* – é esse Apuleio que, um dia, introduziu que, em Aristóteles, o que concernia ao *mais* e ao *algum* era da ordem da quantidade. Não é nada disso, pelo contrário, são simplesmente dois modos diferentes do que eu poderia chamar – se vocês me permitem, pois está um pouco improvisado – a encarnação do símbolo, ou seja, que haja na passagem, na via corrente *todos e alguns* em todas as línguas, eis aí o que seguramente nos obriga a colocar que a linguagem de todo modo deve ter uma raiz comum e que, como as línguas são profundamente diferentes em sua estrutura, é preciso sem dúvida que seja em relação a algo que não é a linguagem.

Naturalmente, compreende-se que as pessoas escorreguem e que, sob pretexto de que o que se presente ser este além da linguagem não pode ser senão matemático, imaginem, por causa do número, que se trata da quantidade. Mas, talvez justamente, não é?, para falar propriamente, o número em toda sua realidade à qual a linguagem dá acesso, mas apenas por ser capaz de engancha o Zero e o Um. Através disso seria feita a entrada desse real, único a poder estar mais além da linguagem, isto é, o único domínio em que pode ser formulada uma impossibilidade simbólica.

O fato de que a relação acessível à linguagem, se está fundada justamente pela não-relação sexual, não possa portanto afrontar o Zero e o Um, encontraria, asseguraria facilmente seu reflexo na elaboração feita por Frege de sua gênese lógica dos números.

Eu disse a vocês, indiquei pelo menos, aquilo que se torna difícil nessa gênese lógica, isto é, justamente a hiância que sublinhei para vocês do triângulo matemático, entre esse Zero e esse Um, hiância que redobra sua oposição de afrontamento. Que já aquilo que pode intervir não esteja aí senão pelo fato de que aí esteja a essência do primeiro par, que não possa ser senão um terceiro e que a hiância como tal seja sempre deixada pelo dois, eis o essencial a lembrar em razão de algo bem mais perigoso a subsistir na análise do que as aventuras míticas de Édipo, que em si mesmas não trazem nenhum inconveniente, porquanto estruturam admiravelmente a necessidade de que haja em alguma parte pelo menos Um que transcenda o que concerne à captura da função fálica. O mito do Pai primitivo não quer dizer outra coisa. Isso está suficientemente expresso para que possamos facilmente utilizá-lo, além do que nós o encontramos confirmado pela estruturação lógica que é aquela que lhes lembro com o que está inscrito no quadro.

Em contrapartida, seguramente nada de mais perigoso que as confusões sobre o que concerne ao Um. O Um, como vocês sabem, é freqüentemente evocado por Freud como significando o que é uma essência do Eros que seria feita justamente da fusão, isto é, a libido seria desse tipo de essência, na qual os dois tenderiam a fazer Um e que, meu Deus, segundo um velho mito que seguramente não é mesmo de boa mística, seria para isso que tenderia uma das tensões fundamentais do mundo, isto é, de não fazer senão um, esse mito que é verdadeiramente algo que não pode funcionar senão num horizonte de delírio e que não tem, para falar propriamente, nada a ver com o que quer que encontrássemos na experiência. Se há algo bem patente nas relações entre os sexos e que a análise não apenas articula, mas é feita para fazer jogar em todos os sentidos, e se existe algo que, na relação, causa dificuldade é precisamente a relação entre as mulheres e os homens e nada poderia se assemelhar a não sei o quê de espontâneo, fora precisamente esse horizonte do qual eu falava há pouco como sendo, no limite, fundado sobre não sei que mito animal e que de alguma maneira o Eros seja uma tendência para o Um. Bem longe disso!

É nessa medida, nessa função que toda articulação precisa do que concerne aos dois níveis, daquilo que somente na discórdia se funda a oposição entre os sexos, na medida em que não poderiam de nenhuma maneira se instituir por um Universal, senão no âmbito da existência; ao contrário, é precisamente numa oposição que consiste na anulação, no esvaziamento de uma

das funções como sendo aquela do outro, que a possibilidade da articulação da linguagem encerra, é isso que me parece essencialmente dever ser colocado em evidência.

Observem que, há pouco, tendo-lhes falado sucessivamente da negação, da conjunção e da disjunção, não levei até o fim o que era a implicação. É claro que aqui também a implicação não poderia funcionar senão entre os dois níveis, aquele da função fálica e aquele que a afasta. Ora, nada do que é disjunção implica, no nível inferior, no nível da insuficiência da especificação universal, nada exige que seja se e somente se, que a síncope da existência, que se produz no nível superior, efetivamente se produza, que a discórdia do nível inferior seja exigível e, precisamente, reciprocamente.

Em contrapartida, o que vemos é, uma vez mais, funcionar de uma maneira mais distinta, mais separada, a relação do nível superior ao nível inferior. A exigência que exista *au-menos-um homem*, que é aquela que parece emitida no nível desse feminino que se especifica por ser um *não-toda*, por uma dualidade, o único ponto no qual a dualidade tem a chance de ser representada, não há aí senão um requisito, se posso dizer, gratuito. Nada impõe esse *ao-menos-um*, senão a chance única – é preciso ainda que ela seja representada – de que algo funcione sobre a outra vertente, mas como um ponto ideal, como possibilidade para todos os homens de atingi-lo, de que maneira? Por identificação. Não há aí senão uma necessidade lógica que não se impõe senão no nível da aposta.

Mas observem, por outro lado, o que resulta daí no que concerne à Universal barrada – e é nisso que esse *ao menos-um*, do qual se suporta o Nome do Pai, o nome do Pai mítico, é indispensável – é aqui que adianto uma primeira idéia que é aquilo que falta à função, à noção da espécie ou da classe. É nesse sentido que não é por acaso que toda essa dialética, nas formas aristotélicas, foi falha.

Onde funciona enfim esse  $\exists x$ , esse *existe ao-menos-um* que não seja servo da função fálica? Não é senão de um requisito, eu diria, do tipo desesperado, do ponto de vista de algo que nem mesmo resiste a uma definição universal. Mas, em contrapartida, observem que, a respeito da Universal marcada  $\forall x. \Phi x$ , todo macho é servo da função fálica. Esse *ao-menos-um* funcionando para escapar disso, que quer dizer? Direi que é a exceção. É exatamente o momento no qual o que diz, sem saber o que diz – o provérbio “a exceção confirma a regra” – encontra-se para nós sustentado. É

singular que não seja senão com o discurso analítico que um Universal possa encontrar, na existência da exceção, seu fundamente verdadeiro, o que faz com que seguramente possamos, em todo caso, distinguir o Universal assim fundado por todo uso tornado comum pela tradição filosófica do dito Universal. Mas é uma coisa singular que encontro pela via da pesquisa, e porque, por uma formação antiga, não ignoro inteiramente o chinês, eu pedi a um de meus caros amigos para me lembrar o que evidentemente não quase guardei senão como traço e que foi preciso que eu me fizesse confirmar por alguém de quem o chinês é a língua materna; é seguramente muito estranho que, em chinês, a denominação do *todo homem*, se posso me exprimir assim, que se trate da articulação de *Dou*, que eu não escrevo no quadro porque estou cansado, ou da articulação mais antiga que se diz *Jia*. Enfim, se isso diverte vocês, vou de todo modo escrevê-la.

*Dou* 都 家 *Jia*

Será que vocês imaginam que se pode dizer por exemplo: “Todos os homens comem”, e então, isso se diz:...[?]<sup>5</sup>

*Mei* insiste sobre o fato de que ele está aí mesmo, e se vocês duvidam o numeral *Go* mostra que se pode contá-los. Mas isso não os faz “todos”, acrescenta-se então [?], o que quer dizer *sem exceção*.

Eu poderia citar para vocês, naturalmente, outras coisas, posso dizer-lhes que *Todos os soldados pereceram*, estão todos mortos; em chinês, isso se diz: *Soldados sem exceção caput*.

O *todo*, que vemos estender-se do interior e não encontrar seu limite senão na inclusão, é tomado em conjuntos cada vez mais vastos. Na língua chinesa, não se diz nunca [?] nem [?] senão ao pensar a totalidade da qual se trata como conteúdo.

Vocês me dirão *sem exceção*... mas, naturalmente, o que descobrimos nisso que articulo para vocês aqui como relação da existência única relativa ao estatuto do universal, toma a figura de uma exceção. Mas, igualmente, não será essa idéia senão o correlato do que chamei há pouco “o vazio do outro”?

Progredimos na lógica das classes porque criamos a lógica dos conjuntos. A diferença entre a classe e o conjunto é que, quando a classe se esvazia, não há mais classe, mas quando o conjunto se esvazia, há ainda esse elemento do conjunto vazio. É exatamente nisso que, uma vez mais, a matemática leva um progresso à lógica.

E é aqui que poderemos – uma vez que continuamos a nos entreter, mas isso vai terminar logo, eu lhes garanto – ver então onde retomar a unilateralidade da função existencial para o que concerne ao outro parceiro enquanto *sem exceção*. Esse *sem exceção*, que indica a não existência de  $x$  na parte direita do quadro, isto é, não há exceção e que aí está algo que não tem mais nenhum paralelismo, nenhuma simetria com a exigência que chamei há pouco desesperada do *ao-menos-um*, é uma exigência outra e que repousa sobre isso, é que no final das contas o universal masculino pode repousar na garantia de que não existe mulher que tenha que ser castrada, e por razões que lhe parecem evidentes. Só que isso tampouco teve – vocês sabem – qualquer alcance pela razão de que é uma garantia inteiramente gratuita, isto é, que o que lembrei há pouco do comportamento da mulher mostra bastante que sua relação à função fálica é inteiramente ativa. Apenas aí, como há pouco, se a suposição fundada de alguma forma sobre a garantia de que se trata mesmo de um impossível, o que é o cúmulo do real, isso não compromete contudo a fragilidade, se posso dizer, da conjuntura porque em todo caso a mulher não está mais garantida em sua essência universal, pela simples razão que o contrário do limite, ou seja, que aqui não haja exceção, o fato de que não haja exceção, tampouco garante o universal já tão mal estabelecido em razão do que é discordante, tampouco garante o universal da mulher. O *sem exceção*, bem longe de dar a algum *todo* uma consistência, naturalmente dá ainda menos ao que se define como *não-todo*, como essencialmente dual.

É isso aí! Espero que isso fique em vocês como ponto de articulação necessário ao que poderemos tentar ulteriormente como atalho, se seguramente somos levados pela via onde é preciso severamente interrogar a irrupção dessa coisa mais estranha, ou seja, a função do Um. Nós nos indagamos muito sobre o que concerne à mentalidade animal que não nos serve afinal, aqui, senão como referência em espelho, um espelho diante do qual, como diante de todos os espelhos, se denega pura e simplesmente.

Há algo que poderíamos perguntar, há o Um para o animal?

O aspecto exorbitante da emergência desse Um é aquilo sobre o qual seremos levados, em outro lugar, a tentar abrir caminho e é exatamente por isso que, há muito tempo, convidei-os a reler, antes que eu o aborde, o Parmênides de Platão.

TRADUÇÃO: Leticia P. Fonsêca

- <sup>1</sup> A interrogação está no texto. [N.R.]
- <sup>2</sup> Ao destacar as duas palavras, faz alusão à homofonia entre *norme mâle* [norma masculina] e *normale* [normal]. [N.T.]
- <sup>3</sup> Há um jogo entre *femme* [mulher] e *affammée* [faminta, ávida]. Daí, o neologismo *affemmit* [afaminada]. *Affameur* é também aquele que inflama o povo: ou seja, o que Sócrates fazia. [N.R.]
- <sup>4</sup> à *n'être* [*naître*], o que alude ao jogo de palavras entre o 'não ser' e o 'nascer'. [N.T.]
- <sup>5</sup> Supomos que esta interrogação entre colchetes e as seguintes dizem respeito à pronúncia de palavra em chinês. [N.T.]

## Lição VI

4 de maio de 1972

É um passatempo engraçado, mas enfim, por que não? Durante o fim de semana, acontece-me escrever para vocês. É uma maneira de falar. Escrevo porque sei que durante a semana nós nos veremos. Enfim, no fim de semana passado, escrevi para vocês. Naturalmente, no intervalo, tive todo o tempo de esquecer essa escritura e acabo de relê-la durante o jantar apressado que faço para chegar a tempo.

Vou começar por aí. Naturalmente, é um pouco difícil, mas pode ser que vocês tomem notas. E, também, direi coisas que pensei desde então, ao pensar mais especialmente em vocês. Eu escrevera isso que, seguramente, jamais entregarei para *publicação*<sup>1</sup> – não vejo por que aumentaria o conteúdo das bibliotecas – há dois horizontes do significante. Ali, escrito, faço uma chave; como está escrito, é preciso que vocês prestem atenção, quero dizer que vocês não acreditem que estão compreendendo.

Dois horizontes do significante

{  
maternal (material)  
matemático

Então, na chave, há o maternal, que é também o material, e depois está escrito o matemático. Não posso começar imediatamente a falar, sem isso jamais lerei o que escrevi. Talvez na seqüência, eu tenha que retomar essa distinção que, sublinho, é de horizonte.

Articulá-los – quero dizer, como tais, faço um parêntese, não escrevi isto – articulá-los em cada um desses dois horizontes, é portanto – isso, eu escrevi – proceder segundo esses próprios horizontes, uma vez que a menção de seu além do horizonte não se sustenta senão por sua posição – quando ficar aborre-

cido para vocês, me digam e eu contarei as coisas que tenho para lhes contar essa noite – por sua posição, escrevo, em um discurso de fato. Com relação ao discurso analítico, esse *de fato* [*de fait*] me implica bastante nesses efeitos [*effets*] para que o digam ser meu de fato [*de mon fait*]<sup>2</sup>, que o designem com meu nome.

O a-muro, isto que designei assim aqui, repercute diversamente com os meios do que chamamos, justamente, a borda, os meios à disposição [*du bord*]<sup>3</sup> desse *bord-homem*. O *bord-homem* inspirou-me, eu o escrevi assim: *brrom-brrom ouap-ouap*. Foi um achado de uma pessoa que tempos atrás me deu filhos. É uma indicação concernente à voz, a *a-voz* [*a-voix*] que, como cada um de vocês sabe, *ladra* [*aboie*]<sup>4</sup>, e o *a-olhar* [*a-regard*] também, que não *aolha* [*aregarde*] tão de perto. E a astúcia que faz a astúcia. E o *a-merda* também, que de tempos em tempos faz grafito<sup>5</sup> de intenções sobretudo injuriosas, nas páginas jornalísticas em meu nome. Em suma, é *a-vida*. Como diz uma pessoa que agora se diverte, é engraçado! É verdade, em suma.

Esses efeitos não têm nada a ver com a dimensão que se mede pelo conjunto dos meus fatos [*mon fait*], isto é, que é de um discurso que não é o meu próprio que faço a dimensão necessária. É do discurso analítico que, por não estar ainda, e com razão, propriamente instituído, acontece necessitar de algumas aberturas às quais me dedico, a partir de quê? Apenas pelo fato de minha posição ser determinada por ele.

Bom, então agora falemos desse discurso e do fato de que aí é essencial a posição como tal do significante. Eu queria, de todo modo, visto o público que vocês constituem, fazer-lhes uma observação: é que essa posição do significante se delinea por uma experiência que está ao alcance de cada um de vocês realizar, para que vocês se dêem conta do que se trata e do quanto é essencial.

Quando vocês conhecem imperfeitamente uma língua e lêem um texto, bem, vocês compreendem, compreendem sempre. Isso deveria colocá-los um pouco alertas. Compreendem no sentido que, de antemão, vocês sabem o que se diz ali.

Naturalmente, daí resulta que o texto pode contradizer-se. Quando vocês lêem por exemplo um texto sobre a teoria dos conjuntos, explica-se o que constitui o conjunto infinito dos números inteiros. Na linha seguinte, dizem algo que vocês compreendem, porque continuam a ler: "Não creiam que é porque continua sempre assim que é infinito" Como acabamos de lhes explicar que é por isso que ele o é, vocês se sobressaltam. Mas quando olham de perto, encontram o termo que designa que se trata de *deem*,<sup>6</sup> isto é, que não é sobre isso que vocês devem

julgar, porque eles sabem que essa série dos números inteiros não se detém, ela é infinita, e não é porque ela é indefinida. De sorte que vocês se apercebem que é porque, quer vocês tenham pulado *deem*, quer não estejam bastante familiarizados com o inglês, vocês compreenderam rápido demais, isto é, vocês pularam esse elemento essencial que é aquele de um significante que torna possível essa mudança de nível graças a qual vocês tiveram, por um instante, o sentimento de uma contradição.

Nunca devemos pular um significante. É na medida em que o significante não os detém que vocês compreendem. Ora, compreender é estar sempre compreendido a si mesmo nos efeitos do discurso, discurso esse que ordena os efeitos do saber, já precipitados pelo mero formalismo do significante. O que a psicanálise nos ensina é que todo saber ingênuo – está escrito e é por isso que leio para vocês – está associado a um velamento do gozo que aí se realiza, e coloca a questão do quanto se trai dos limites da potência, isto quer dizer o quê? Do traçado imposto ao gozo.

Desde que falamos, é um fato que supomos algo ao que se fala, esse algo que imaginamos preposto, ainda que seja certo que só o suponhamos retroativamente.

É apenas pelo fato de falar que se relaciona, no estado atual de nossos conhecimentos, que se pode perceber que o que fala, qualquer que seja, é o que goza de si como corpo, o que goza de um corpo que ele vive como o que já enunciei do *tu-able*<sup>7</sup>, isto é, como *tutoyable*, de um corpo que ele trata por tu [*tutoie*], e de um corpo a quem ele diz, na mesma linha, que te mates [*tue-toie*]<sup>8</sup>.

O que é a psicanálise? É a localização daquilo que se compreende como obscurecido, daquilo que se obscurece em compreensão, pelo feito de um significante que marcou um ponto do corpo. A psicanálise é o que reproduz – vocês vão encontrar os trilhos habituais – uma produção da neurose. Todo mundo está de acordo sobre isso. Não há um psicanalista que não tenha percebido isso. Esta neurose que se atribui, não sem razão, à ação dos pais, só é alcançável na medida em que a ação dos pais se articula justamente – é o termo pelo qual eu comecei a terceira linha – à posição do psicanalista. É na medida em que ela converge para um significante que emerge daí, que a neurose vai se ordenar, segundo o discurso cujos efeitos produziram o sujeito. Todo pai ou mãe traumático está, em suma, na mesma posição que o psicanalista. A diferença é que o psicanalista, por sua posição, reproduz a neurose e os pais traumáticos produzem-na inocentemente.

Trata-se de reproduzir esse significante a partir do que foi sua eflorescência. Fazer um modelo da neurose é, em suma, a operação do discurso analítico. Por quê? Na medida em que ele aí subtrai a dose de gozo. O gozo exige de fato o privilégio; não há duas maneiras de lidar para cada um. Toda reduplicação o mata. Ele apenas sobrevive enquanto a repetição for vã, isto é, sempre a mesma. É a introdução do modelo que essa repetição vazia realiza. Uma repetição realizada dissolve o modelo por ela ser uma repetição simplificada.

É sempre, seguramente, do significante que eu falo quando falo do *Há o um* [*Y a d'un*]. Para estender esse *d'un* na medida de seu império, uma vez que ele é seguramente o significante-mestre, é preciso aproximá-lo, ali onde foi deixado aos seus talentos, para colocá-lo ao pé do muro.

Eis o que torna útil como incidência o ponto a que cheguei este ano, não tendo como escolha senão isso ... *ou pior*. Esta referência matemática, assim chamada porque é a ordem onde reina o matema, isto é, o que produz um saber que, por não ser senão produzido<sup>9</sup>, está ligado às normas do mais-gozar, isto é, ao mensurável. Um matema é aquilo que propriamente e unicamente se ensina; não se ensina senão o Um. Ainda é preciso saber de que se trata. E é por isso que este ano, eu o interrogo.

Não levarei mais longe minha leitura, lida, penso, bastante lentamente e que é um pouco difícil, para que, sobre cada um de seus termos, que soletrei bem, algumas questões enganchem em vocês. E é por isso que agora vou falar a vocês mais livremente.

Alguém, um dia desses, ao sair do último encontro no Panteon – talvez esteja aqui também – veio interpelar-me para saber se eu acreditava na liberdade. Eu lhe disse que era insólito. E, depois, como estou sempre muito fatigado, afastei-me dele. Mas isso não quer dizer que não esteja pronto a lhe fazer pessoalmente algumas confidências a esse respeito. É um fato que raramente comento. De sorte que essa questão é iniciativa dele. Não lamentarei saber porque ele me perguntou aquilo.

O que eu gostaria então de dizer mais livremente é que, fazendo alusão, nesse escrito, ao discurso analítico, sobre o qual eu me encontro em posição de abrir caminho, é evidentemente na medida em que o considero como constituindo, pelo menos potencialmente, essa espécie de estrutura que designo com o termo discurso, isto é, aquilo pelo qual, pelo efeito puro e simples da linguagem, se precipita um laço social. Isto foi percebido sem necessidade da psicanálise. É exatamente o que chamamos, em linguagem corrente, ideologia.

A maneira com a qual um discurso se ordena de maneira tal que precipita um laço social comporta inversamente que tudo o que nele se articula, se ordena, por seus efeitos. É assim que entendo o que articulo para vocês do discurso da psicanálise; é que, se não houvesse prática psicanalítica, nada do que posso articular teria efeitos que eu pudesse esperar. Eu não disse *não teria sentido*. O próprio do sentido é de ser sempre confusional, isto é, de fazer a ponte, de crer fazer a ponte entre um discurso, enquanto aí se precipita um laço social, com o que, numa outra ordem, provém de um outro discurso.

O chato é que quando vocês procedem, como acabo de dizer nesse escrito que se deve proceder, isto é, visar num discurso ao que nele faz função do Um, o que é que eu faço no momento? Se vocês me permitem esse neologismo, eu faço *enologia*<sup>10</sup>. Com o que articulo, qualquer um pode fazer uma ontologia a partir do que supõe, além justamente desses dois horizontes que marquei por estarem definidos como horizontes do significante.

Podemos nos colocar no discurso universitário para retomar o que, por minha construção, serve de modelo, supondo nele, em um ponto arbitrário, não sei que essência que se tornaria, não se sabe aliás por quê, o valor supremo. É particularmente propício ao que se oferece no discurso universitário no qual se trata, segundo o diagrama que desenhei, de colocar  $S_2$  onde? No lugar do *semblante*.

$$\frac{S_2}{S_1} \rightarrow \frac{a}{S}$$

Antes que um significante seja verdadeiramente colocado em seu lugar, isto é, justamente localizado pela ideologia pela qual é produzido, ele tem sempre efeitos de circulação. A significação precede, em seus efeitos, ao reconhecimento de seu lugar instituinte.

Se o discurso universitário se define pelo saber colocado em posição de *semblante*, é isso que se controla, é o que se confirma pela própria natureza do ensino, onde, o que é que vocês vêem? Uma falsa ordenação do que pode ser elencada<sup>11</sup>, se posso dizer, no curso dos séculos, das ontologias diversas. Seu cimo, seu *culmen*<sup>12</sup> é o que é chamado gloriosamente a história da filosofia, como se a filosofia não tivesse, e está simplesmente demonstrado, sua origem nas aventuras e desventuras do discurso do Mestre, que aliás deve ser, de tempos em tempos, renovado. A causa das mudanças da filosofia, como é suficien-

temente afirmado a partir dos pontos de onde justamente surgiu a noção de ideologia, como se, portanto, a causa de que se trata não repousasse em outro lugar. Mas é difícil que todo processo de articulação de um discurso, sobretudo se não está ainda localizado, dê pretexto a um certo número de sopros prematuros de novos seres.

Bem sei que tudo isso não é fácil e que é preciso ao menos, e na boa tradição do que faço aqui, que eu lhes diga coisas mais divertidas. Falemos então do analista e do amor. O amor – e, claro, é devido à posição do analista – falamos dele na análise. Guardadas todas as proporções, não falamos dele mais do que em outros lugares, uma vez que, afinal de contas, é para isso que serve o amor. Não é o que há de mais regozijante. Mas enfim, nesse século, fala-se muito disso. É realmente prodigioso que continuemos a falar disso porque, enfim, há muito se teria podido perceber que nem por isso o sucesso é maior. É claro, portanto, que é falando que fazemos amor. Então, qual é o papel do analista aí? Será que uma análise pode verdadeiramente fazer um amor ter êxito? Quanto a mim, devo dizer-lhes, não conheço nenhum exemplo. E contudo tentei! Para mim, claro, porque não nasci ontem, era um desafio. Espero que a pessoa de quem se trata não esteja aí, estou quase certo! Recebi alguém, graças a Deus, que de antemão eu sabia necessitar de uma psicanálise, mas sobre a base dessa demanda – vocês se dão conta do que posso fazer de sujeira para verificar minhas afirmações – de que era preciso a qualquer preço, que houvesse *conjugo* com a dona do seu coração. Naturalmente, é claro, isso fracassou, graças a Deus, logo, logo. Abreviemos, porque são anedotas. É uma outra história. Um dia em que eu estiver inspirado e em que me arriscar a dar uma de *La Bruyère*, tratarei a questão das relações do amor com o *semblante*. Nós não estamos aqui, nesta noite, para nos alongarmos com essas bobagens.

Trata-se de saber sobre isso a que retorno porque parecia-me ter aberto a coisa. É a relação de tudo isso que estou reenunciando, que lhes lembro com um breve toque, verdades de experiência, trata-se de saber a função do sexo na psicanálise. A esse respeito, penso, de todo modo, ter atingido as orelhas, mesmo as mais surdas, com o enunciado que merece ser comentado, que não há relação sexual. Seguramente merece ser articulado. Por que é que o psicanalista imagina que o que faz o âmago daquilo a que ele se refere é o sexo? Que o sexo seja real, não tem a menor dúvida. E sua própria estrutura é o dual, o número *dois*. De todo modo, não há senão dois, os homens, as mulheres, diz-se, e nos obstinamos a acrescentar aí os Auvergnats!<sup>13</sup> É um erro. No âmbito do real, não

há Auvergnats. Isso de que se trata quando se trata de sexo, é do outro, do outro sexo, mesmo quando se prefere o mesmo. Não é porque eu disse há pouco que quanto ao êxito de um amor a ajuda da psicanálise é precária, que é preciso crer que o psicanalista não dá bolas para isso, se posso me exprimir assim. Que o parceiro em questão seja do outro sexo e o que está em jogo seja algo que tenha relação com seu gozo – eu falo do outro, do terceiro, a propósito do qual é enunciado essa *falação* [*parlage*]<sup>14</sup> em torno do amor – o psicanalista não poderia mostrar-se indiferente, porque aquele que não está ali, para ele, é exatamente o real.

Esse gozo, esse que não está em análise, se vocês permitem que me exprima assim, faz para ele função de real. O que há, ao contrário, em análise, isto é, o sujeito, ele o toma pelo que ele é, isto é, como efeito de discurso. Peço-lhes que observem que ele não o subjetiva. Não quer dizer que seja tudo, suas pequenas idéias, mas que, como sujeito, está determinado por um discurso do qual provém há muito tempo, e é isso que é analisável.

O analista, específico, não é absolutamente nominalista. Ele não pensa nas representações de seu sujeito, mas tem que intervir em seu discurso, dando-lhe um suplemento de significante. É isso que chamamos interpretação. Para o que ele não tem ao seu alcance, isto é, o que está em questão, a saber, o gozo daquele que não está ali em análise, ele o toma pelo que ele é, isto é, seguramente da ordem do real, posto que ele não lhe pode fazer nada.

Há uma coisa surpreendente, é que o sexo, como real, quero dizer dual, quer dizer que haja dois, jamais ninguém, nem mesmo o bispo Berkeley ousou enunciar que era uma ideiazinha que cada um tinha na cabeça, uma representação. É bem instrutivo que, em toda a história da filosofia, ninguém nunca tenha sido avisado para estender até ali o idealismo.

O que acabo de definir, a esse respeito, é que, sobretudo a partir de um determinado tempo, nós vimos o que era o sexo no microscópio. Não falo dos órgãos sexuais, falo dos gametas; vocês se dão conta de que faltava isso, até em Leuwenhoek e Swammerdam. Quanto ao que concerne ao sexo, estava-se reduzido a pensar que o sexo estava por toda parte: vocês, a natureza, o [?], toda essa bagunça, tudo isso era o sexo. E os abutres fêmeas faziam amor com o vento! O fato de sabermos, de uma certa maneira, que o sexo se encontra em duas pequenas células que não se parecem, disso e sob o pretexto do sexo, claro, muito antes que se tenha sabido que há duas espécies de gametas, em nome disso, a psicanálise crê que há relação sexual.

Tem-se visto psicanalistas, na literatura, em um domínio que não se pode dizer que seja muito filtrado, encontrar na intrusão do gameta macho, do *espermato* como se diz, e *zóiide* também, nos envoltórios do óvulo, encontrar aí o modelo de não sei que temível efração. Como se houvesse a menor relação entre esta referência que não tem a menor relação, senão a mais grosseira metáfora, com isso de que se trata na copulação, como se pudesse haver aí o que quer que seja que se refira àquilo que entra em jogo nas relações ditas do amor, isto é, como eu disse, e bem no início, muitas palavras [*paroles*].

Está exatamente aí toda a questão. E é exatamente aí que a evolução das formas do discurso para nós é bem mais indicativa naquilo de que se trata: efeitos do discurso; bem mais indicativa do que toda referência ao que, mesmo se é seguro que os sexos sejam dois, permanece totalmente em suspenso, isto é, se o que esse discurso é capaz de articular compreende, sim ou não, a relação sexual.

É isso que é digno de ser questionado. As coisinhas que já escrevi no quadro para vocês, isto é:

$$\begin{array}{cc} \overline{\exists x. \Phi x} & \overline{\overline{\exists x. \Phi x}} \\ \overline{\forall x. \Phi x} & \overline{\overline{\forall x. \Phi x}} \end{array}$$

a oposição de um  $\exists x$  e de um  $\overline{\exists x}$ , de um *existe* e de um *não existe*, no mesmo nível, aquele de *não é verdade que  $\Phi x$* , e por outro lado de um *todo x é conforme à função  $\Phi x$*  e de *não todo* – que é uma fórmula nova, *não todo é suscetível* – e nada mais – na coluna da direita – *de satisfazer a função dita fálica*, é ao redor disso que, como tratarei de explicar nos seminários que vão se seguir, isto é, alhures, é isso, isto é, numa séria de hiâncias que se encontram em todos os pontos por presumir em função desses termos, isto é, aqui e aqui – os quatro pontos enunciados acima – mas hiâncias diversas, nem sempre as mesmas, é isso que merece ser apontado para dar seu estatuto ao que concerne, no âmbito do sujeito, à relação sexual.

Isso nos mostra suficientemente a que ponto a linguagem traça em sua própria gramática os efeitos ditos de sujeito, isso recobre muito daquilo que só foi descoberto a princípio pela lógica, para que possamos desde já ficar atentos, como faço há alguns anos por esses apelos que faço aqui, à audição de um significante,

para que eu possa tentar dar-lhe um sentido, pois é o único caso, e por uma razão evidente, onde esse termo *sentido* seja justificado para o enunciar: *há o um [Ya d'Un]*.

Porque há uma coisa que devem ao menos atentar, é que se não há relação é porque dos dois, cada um permanece um. O incrível é que os psicanalistas, cuja mitologia, mais ou menos com razão, denuncia-se, é engraçado que justamente aquela que se deixa de denunciar seja a que está mais ao alcance da mão. Quando os gametas se conjugam, o que resulta disso não é a fusão dos dois. Antes que isso se realize, é preciso uma bruta evacuação chamada meiose. E o que é um, novo, faz-se com o que podemos chamar justamente – por que não?, não quero ir longe demais – eu não direi pedaços de cada um deles, mas enfim, cada um deles que largou um certo número de pedaços.

Encontrar – e meu Deus, sob a pluma de Freud – a idéia que o Eros se funde – no subjuntivo, vejam o equívoco, mas eu não vejo por que não me serviria da língua francesa, entre fundação e fusão – que o Eros se funde ao fazer o um com os dois, é evidentemente uma idéia estranha a partir da qual, seguramente, procede essa idéia absolutamente exorbitante que se encarna na pregação, que contudo o caro Freud repugna com todo seu ser, que ele nos entrega da maneira mais clara em *O Futuro de uma ilusão*, e também em muitas outras coisas, em muitos outros lugares, no *Mal-estar da civilização*, sua repugnância a essa idéia do amor universal. E, contudo, a força fundadora da vida, do instinto de vida, como ele se exprime, estará inteiramente nesse Eros que seria princípio de união.

Não é apenas por razões didáticas que eu queria produzir diante de vocês, sobre o tema do Um, aquilo que pode ser dito para contrapor essa mitologia grosseira, além de que ela nos permitirá talvez, não apenas exorcizar o Eros, o Eros de doutrina, freudiana, mas o caro Thanatos também, com o qual nos chateiam há bastante tempo. E não é em vão, a esse respeito, que nos sirvamos de algo cujo aparecimento, há algum tempo, não é por acaso. Já introduzi, da última vez, uma consideração sobre o que se marca como a teoria dos conjuntos [*ensembles*]. Mas não se precipitem assim! Por que não, também? Porque também podemos gracejar um pouco, os homens e as mulheres estão juntos [*ensemble*]<sup>15</sup> também. O que não os impede de estarem cada um do seu lado. Trata-se de saber se, sobre esse *há o Um [Ya d'Un]*, do qual se trata, nós não poderíamos do conjunto [*ensemble*], um conjunto, claro, que jamais foi feito

para isso, extrair alguma luz.

Então, uma vez que aqui faço balões de ensaio, proponho-me simplesmente tratar de ver com vocês o que, aí dentro, pode servir, não direi de ilustração, trata-se de uma coisa bem diferente. Trata-se do que o significante tem a ver com o Um. Porque, claro, não foi ontem que o Um surgiu. Mas surgiu, de todo modo, a propósito de duas coisas inteiramente diferentes: de um certo uso dos instrumentos de medida e, ao mesmo tempo, de algo que não tinha absolutamente qualquer relação, isto é, da função do indivíduo.

O indivíduo é Aristóteles. Aristóteles ficava surpreso com esses seres que se reproduzem sempre os mesmos. Já surpreendera um outro, chamado Platão, que, na verdade, penso que é porque não tinha nada de melhor a oferecer para nos dar a idéia da forma, que ele chegou a enunciar que a forma é real. Era preciso que ele ilustrasse, como pudesse, sua idéia da idéia. O outro, é claro, faz observar que, de todo modo, a forma é muito bonita, mas o que a distingue é ser ela simplesmente aquilo que reconhecemos num certo número de indivíduos que se assemelham.

Eis-nos sobre vertentes metafísicas diversas. Não nos interessa, em nenhum grau, a maneira com a qual o Um se ilustra, quer seja do indivíduo ou de um certo uso prático da geometria, quaisquer que sejam os aperfeiçoamentos que vocês possam acrescentar à dita geometria pela consideração das proporções, do que se manifesta de diferença entre a altura de uma estaca e a altura de sua sombra. Já faz um bom tempo que nós nos demos conta de que o Um coloca outros problemas, e pelo simples fato de que a matemática progrediu, embora apenas um pouco. Não vou voltar ao que enunciei da última vez, isto é, o cálculo diferencial, as séries trigonométricas e, de uma maneira geral, a concepção do número como definido por uma seqüência. O que aparece muito claramente é que a questão está colocada de uma forma bem diferente do que concerne ao Um, porque uma seqüência se caracteriza por ser feita como a série dos números inteiros. Trata-se de dar conta do que é o número inteiro.

Eu não vou, é claro, enunciar-lhes a teoria dos conjuntos. Quero simplesmente indicar que, primeiramente, precisou-se esperar bastante, o fim do último século [século 19], foi há menos de cem anos que se tentou dar conta da função do Um, e que é notável que o conjunto se defina de uma maneira tal que o primeiro aspecto sob o qual aparece seja o do conjunto vazio e que, por outro lado, isso constitua um conjunto, isto é, aquele do qual o dito conjunto vazio é o único elemento. Isso faz um conjunto de um só elemento.

É daí que partimos e, na última vez, falo àqueles que não estavam no Panteon, onde comecei a abordar esse assunto<sup>16</sup> escorregadio, que o fundamento do Um, por esse fato, verifica-se propriamente como constituído pelo lugar de Uma falta<sup>17</sup>.

Ilustrei-o grosseiramente com o uso pedagógico naquilo de que se trata de fazer entender da dita teoria dos conjuntos, para mostrar que a dita teoria dos conjuntos não tem outro objeto direto senão fazer aparecer como se pode engendrar a noção própria de número cardinal. Pela correspondência biunívoca — eu o ilustrei na última vez — é no momento em que falta, nas duas séries comparadas, um parceiro, que a noção do Um surge, [que] há um que falta.

Tudo o que foi dito do número cardinal partiu disso: se a seqüência dos números comporta sempre necessariamente um, e um único sucessor, se, na medida em que aquilo que, no cardinal, se realiza da ordem do número, trata-se propriamente da série cardinal enquanto começando em zero, e vai até o número que precede imediatamente o sucessor.

Enunciando-lhes assim, de uma maneira improvisada em meu enunciado, cometi uma falta, de falar por exemplo de uma série como se ela fosse, doravante, ordenada. Retirem isso que não afirmei absolutamente, mas simplesmente que cada número cardinalmente corresponde ao cardinal que o precede, acrescentando-se a ele o conjunto vazio.

O importante do que queria lhes fazer sentir, essa noite, é que se o Um surge como por efeito da falta, a consideração dos conjuntos permite algo que, creio, é digno de ser mencionado e que eu queria valorizar, a referência ao que a teoria dos conjuntos permitiu distinguir, na ordem do que concerne ao conjunto, dois tipos: o conjunto finito e admitir o conjunto infinito.

Neste enunciado, o que caracteriza o conjunto infinito é propriamente poder ser colocado como equivalente a qualquer de seus subconjuntos. Como já o havia observado Galileu, que não esperara Cantor, a série de todos os quadrados está em correspondência biunívoca com cada um dos números inteiros. De fato, não há nenhuma razão para considerar que um desses quadrados seria grande demais para estar na série dos inteiros. É isso que constitui o conjunto infinito por meio do qual se diz que pode ser reflexivo. Em compensação, quanto ao conjunto finito afirma-se, como sendo sua propriedade maior, que é próprio àquilo que se exerce no raciocínio propriamente matemático, isto é, no raciocínio que se serve dele, chamado indução. A indução é concebível quando um conjunto é finito.

O que eu queria lhes fazer observar, é que, na teoria dos conjuntos, há um ponto que, de minha parte, considero problemático, é aquele que depende do que se chama a não-enumerabilidade das partes – entendam dos subconjuntos – de forma que possam se definir a partir de um conjunto.

É muito fácil, se vocês partem disso, para tomar o número cardinal: vocês têm um conjunto composto, por exemplo, por cinco elementos. Se chamam subconjunto a reunião em um conjunto de cada um desses cinco elementos, e dos grupos que formam dois desses elementos sobre cinco, é fácil calcular quanto dará de subconjuntos. Exatamente dez. Depois, vocês os tomam a três, haverá ainda dez. Depois vocês os tomam a quatro: haverá cinco. E chegarão, no final, ao conjunto enquanto não há senão um, ali presente, que compreende cinco elementos. Ao que convém acrescentar o conjunto vazio que, em todo caso, sem ser elemento do conjunto, é manifestável como uma de suas partes. Pois as partes não são o elemento. O que daí se ordena, escreve-se assim:

O que é que resulta que nós definimos como parte do conjunto?

O conjunto vazio está aí; os cinco elementos a b g d e, por exemplo, estão aí. O que vem em seguida, é  $\alpha\beta$ ,  $\alpha\gamma$ ,  $\alpha\delta$ ,  $\alpha\varepsilon$ . Vocês podem fazê-lo tanto a partir de  $\beta$ , quanto a partir de  $\gamma$ , etc. Vocês verão que há dez.

Em seguida, aqui vocês têm  $\alpha\beta\gamma\delta$ , onde falta  $\varepsilon$ . E vocês podem, fazendo faltar cada uma dessas letras, obter o número necessário de cinco para o reagrupamento como partes dos elementos. Através do que encontram o que é certo, bastaria que eu completasse esse enunciado por um conjunto de cardinal 5 pela seqüência que se poderia colocar ao lado, que é aquela que se refere a um conjunto de quatro elementos. Dito de outro modo, imaginem um tetraedro; verão que têm uma téttrade, vocês têm seis arestas, quatro vértices, quatro faces, e têm também o conjunto vazio (coluna da esquerda).

A observação que faço sobre o que disso resulta... Fiz alusão ao outro caso para mostrar que nos dois casos a soma das partes é igual a  $2^n$ ,  $n$  sendo precisamente o número cardinal dos elementos do conjunto. Não se trata aqui, de modo algum, de algo que abala a teoria dos conjuntos. O que é enunciado a esse respeito sobre a enumerabilidade tem toda aplicação, por exemplo, na observação de que nada muda na categoria de infinito de um conjunto se for

retirada dela uma seqüência qualquer enumerável.

Contudo, a contribuição que é feita pela não-enumerabilidade, que seguramente, e em todo caso, não se poderia aplicar sobre um conjunto, um conjunto finito, a soma de suas partes definida tal como acaba de sê-lo, será – eu interrogo – a melhor maneira de introduzir a não-enumerabilidade de um conjunto infinito?

Trata-se de uma introdução didática. Eu o contesto a partir do momento em que a propriedade de reflexividade tal como é afetada no conjunto infinito e que comporta que lhe falte a indutividade característica dos conjuntos finitos, permite escrever contudo – como pude ver em alguns lugares – que a não-enumerabilidade das partes do conjunto finito deduzir-se-ia – eu o sublinho – pela seguinte indução: essas partes se escreveriam como se escreve o conjunto infinito dos números inteiros:  $2^{\aleph_0}$ .

Eu o contesto, e como faço para contestá-lo? Eu o contesto a partir disso, é que há algum artifício, quando se trata das partes do conjunto, em tomá-las em sua escala cuja adição dá de fato o  $2^n$ .

Mas é claro que se vocês têm de um lado  $a, b, c, d, e$ , – eu tinha uma razão para afrancesar as letras gregas que escrevi no quadro – e, se vocês trazem aí o que lhes responde,  $a, b, c, d$ , correspondendo a  $e$ ;  $a, b, c, d, e$ , correspondendo a  $c$ ; vocês vêm que o número das partes, se substituírem por uma partição, conduz a uma fórmula que é muito diferente, mas verão porque ela me interessa: é que o número é  $2^{n-1}$ .

Eu não posso aqui, haja vista a hora e depois o fato de que, afinal, isso não interessa absolutamente a todo o mundo, mas eu gostaria a esse respeito, eu solicito, devo dizer como faço habitualmente, de uma maneira desesperada – eu solicito gramáticos de tempos em tempos para me darem uma dica, eles ma enviam, são sempre os ruins – já solicitei a numerosos matemáticos que me respondessem a esse respeito e, na verdade, fazem ouvido de mercador porque é preciso dizer a vocês que eles se aferram a essa enumerabilidade das partes do conjunto como carrapato em cachorro. Entretanto, proponho isso que tem algum interesse, aí vou direto a um alvo que vai deixar de lado um ponto sobre o qual gostaria de terminar, mas vou direto a um alvo que interessa. O interesse é o seguinte: para substituir a noção das partes pela de partição, é necessário que, da mesma maneira que admitimos que as partes do conjunto infinito seria  $2^{\aleph_0}$ , quer dizer, o menor dos transfinitos, constituído pelo conjunto, o cardinal do conjunto dos inteiros, em lugar de ter dois potência alpha zero, nós temos  $2^{\aleph_0 - 1}$ .

Suspeito que qualquer um pode sentir o que há de abusivo em supor a bipartição de um conjunto infinito. Se, como está marcado na própria fórmula, o que se chama conjunto das partes chega a uma fórmula que contém o número 2 elevado à potência das partes, o que é inteiramente concebível, e sobretudo a partir do momento em que questionamos a indução quando se trata do conjunto infinito, como é concebível que aceitemos uma fórmula que manifesta tão claramente que se trata não das partes do conjunto, mas de sua partição?

Acrescentarei aí algo que realmente tem algum interesse. Sei que alpha potência zero, é claro, não é senão um índice, índice que não é tomado ao acaso, e forjado para designar, pois há toda a série dos outros admitidos em princípio, toda a série dos números inteiros pode servir de índice ao que concerne ao conjunto enquanto funda o transfinito. Entretanto, a partir do momento em que se trata da função da potência, e parece que abusamos da indução permitindo-nos encontrar aí prova da não-enumerabilidade das partes do conjunto infinito, será que, ao olhar de perto, não encontraríamos aqui, para esse zero, uma outra função, aquela que ele tem na potência exponencial, isto é, o expoente zero, no que concerne à potência, iguala qualquer número a Um? Sublinho, um número qualquer potência um é ele mesmo. Mas um número potência zero é sempre um, pela simples razão de que um número potência menos um é seu inverso. É portanto um que serve aqui de elemento-pivô.

A partir desse momento, a partição do conjunto transfinito chega ao seguinte: se nós igualamos o aleph zero, neste caso, a um, temos, no que concerne à partição do conjunto, o que parece de fato bem concebível, isto é, que a sequência dos números inteiros não é suportada por nada além da reiteração do Um. É por se reproduzir que o Um saído do conjunto vazio constitui o que da última vez dei como estando, no princípio, manifestado no triângulo de Pascal, daquilo que concerne ao cardinal das mônadas, e que por trás dos apoios o que chamei – falo aos surdos que se questionaram sobre o que eu tinha dito – o *nada* [*nade – monade*]<sup>18</sup>, isto é, o um na medida em que sai do conjunto vazio, que ele é a reiteração da falta.

Sublinho precisamente que o Um de que se trata é muito propriamente aquele ao qual a teoria dos conjuntos não substitui como reiteração senão o conjunto vazio, no que a teoria dos conjuntos manifesta a verdadeira natureza do *nada* [*nade*]<sup>19</sup>.

O que está de fato afirmado, no princípio do conjunto, sob a pluma de Cantor, certamente, como se diz, ingênua no momento em que ultrapassou essa via verda-

deiramente sensacional, o que a pluma de Cantor afirma é que, no que diz respeito aos elementos do conjunto, quer dizer que se trata de algo tão diverso quanto se queira, apenas com essa condição: que coloquemos cada uma dessas coisas que ele chega a ponto de chamar objeto da intuição ou do pensamento, é assim que ele se exprime – e de fato, por que recusá-lo, isso não quer dizer nada mais que algo tão eterno quanto se queira – é inteiramente claro que a partir do momento em que se mistura a intuição com o pensamento, trata-se do significante, isso que, naturalmente, é manifestado pelo fato de que tudo isso se escreve *a, b, c, d*.

Mas o que é dito é propriamente que o que é excluído portanto, na pertinência a um conjunto como elemento, é que um elemento qualquer seja repetido como tal. É pois enquanto distinto que subsiste qualquer elemento de um conjunto, e quanto ao conjunto vazio é afirmado no princípio da teoria dos conjuntos que ele não poderia ser senão um. Esse Um, o *nada* [*nade – monade*]<sup>20</sup> na medida em que está no princípio do surgimento do Um numérico, do Um do qual é feito o número inteiro, é portanto algo que se coloca como sendo, originalmente, o próprio conjunto vazio. Essa noção é importante porque se interrogamos essa estrutura é na medida em que, para nós, no discurso analítico, o Um se sugere como estando no princípio da repetição e que então aqui se trata justamente da espécie de Um que se acha marcado por não ser nunca, quanto à teoria dos números, senão uma falta, um conjunto vazio.

Mas há, a partir do momento em que introduzi essa função da partição, um ponto do triângulo de Pascal que vocês me permitem interrogar. Com as duas colunas que acabo de fazer, tenho o suficiente para mostrar a vocês onde incide meu ponto de interrogação. Eis o que enuncio.

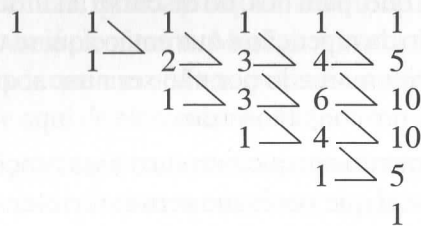
|   |    |   |   |   |   |    |   |   |
|---|----|---|---|---|---|----|---|---|
| 1 | 1  | 1 | 1 | 1 | 1 | 1  | 1 | 1 |
| 4 | 5  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5  |   |   |
| 6 | 10 |   | 1 | 3 | 6 | 10 |   |   |
| 4 | 10 |   |   | 1 | 4 | 10 |   |   |
| 1 | 5  |   |   |   | 1 | 5  |   |   |
|   | 1  |   |   |   |   | 1  |   |   |

Triângulo de Pascal

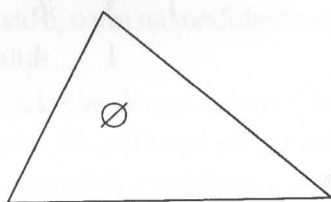
Se é verdade que temos como número de partições que o número que precedentemente era afetado no conjunto  $n - 1$ , no conjunto cujo número cardinal é

inferior em uma unidade ao cardinal de um conjunto, observem como, para engendrar a partir desse número que corresponde às presumidas partes do conjunto, que chamaremos, mais abreviadamente, inferior, inferior a um, como elemento, para encontrar, como o triângulo de Pascal já nos ensinou, as partes que vão compor – elas se encontrarão numa bipartição – que vão compor como parte, de acordo com o primeiro enunciado, o conjunto superior, temos, a cada vez, que fazer a adição do que corresponde na coluna da esquerda aos dois números que estão situados imediatamente à esquerda e acima do primeiro, para obter aqui o algarismo dez, aqui o algarismo quatro e o algarismo seis.

Que dizer senão que obter o primeiro algarismo, o das mônadas do conjunto, dos elementos, do número cardinal do conjunto, é unicamente devido ao fato de ter, eu direi, por um vício de ofício, colocado o conjunto vazio no rol dos elementos monádicos, isto é, adicionando o conjunto vazio a cada uma das quatro mônadas da coluna precedente, obtemos o número cardinal das mônadas dos elementos do conjunto superior.

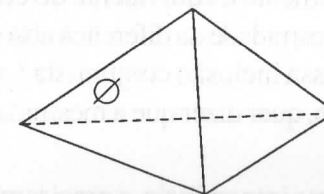


Tentemos agora simplesmente, para tornar a coisa figurável para vocês, ver o que resulta num esquema. E tomemos, por ser mais simples, ainda a coluna anterior, tomemos aqui três mônadas e não mais quatro. Representamos o conjunto com esse círculo.



Mas não faça com que o conjunto vazio esteja de modo nenhum forçosamente no centro; nós o temos aí simplesmente para representá-lo.

Dissemos que esse conjunto vazio, quando se tratar de fazer o conjunto tetrádico, virá no rol das mônadas do precedente, isto é, para representá-lo por um tetraedro – naturalmente não se trata de tetraedro, trata-se de número – se está designado pelas letras gregas  $\alpha, \beta, \gamma$  nós teremos aqui, como quarto elemento um elemento na ordem desses subconjuntos, teremos o conjunto vazio.



Mas não é menos verdadeiro que, no nível desse novo conjunto, o conjunto vazio exista sempre, e que é no nível desse novo conjunto que nós chamaremos de outro modo o que acaba de ser extraído do conjunto vazio e, uma vez que já temos  $\alpha, \beta, \gamma$ , nós o chamaremos  $\delta$ . O que é que isso nos permite ver? É que no nível do elemento antepenúltimo dos subconjuntos, ou seja, para designar este aqui, digamos, para permanecer na intuição, dos cinco quadrângulos, que podemos colocar em evidência em, digamos também, um poliedro de cinco vértices, aí também nós temos que tomar o quê? Os quatro triângulos do tetraedro. Enquanto o quê? Enquanto que, nesses quatro triângulos, iremos poder fazer três subtrações diferentes, sendo aí adicionado o que o constitui como conjunto, ou mais exatamente como subconjunto.

Como podemos fazer nossa conta, senão nesse mesmo nível, onde não teríamos senão três subconjuntos, acrescentando aí apenas os elementos do conjunto, isto é,  $\alpha, \beta, \gamma, \delta$  como não tomados em um conjunto, isto é, na medida em que, definidos como elementos, não são conjuntos mas, isolados do que os inclui no conjunto, devem ser contados para que tenhamos nossa conta de quatro, fornecendo a parte do algarismo 5 no nível do conjunto de 5 elementos, precisamos fazer intervir os elementos em número de quatro como simplesmente justapostos, mas não tomados em um conjunto, subconjunto no caso, isto quer dizer o quê? Nos darmos conta de que, na teoria dos conjuntos, todo elemento é equivalente. E é exatamente assim que pode ser engendrada a unidade. É justamente por isto que é dito que o conceito de *distinto* e de *definido* no caso representa que *distinto* não quer dizer senão *diferença radical*, uma vez

que nada pode assemelhar-se. Não há espécies. Tudo o que se distingue da mesma maneira é o mesmo elemento. É o que isso quer dizer.

Mas o que é que nós vemos? Vemos que, somente ao tomar o elemento como pura diferença, nós podemos vê-lo também como mesmidade dessa diferença, quero dizer, para ilustrar, que um elemento na teoria dos conjuntos, como já estava demonstrado na segunda linha, é inteiramente equivalente a um conjunto vazio, uma vez que o conjunto vazio pode também funcionar como elemento. Tudo o que se define como elemento é equivalente do conjunto vazio. Mas ao tomar esta equivalência, esta mesmidade da diferença absoluta, ao tomá-la como isolável, e isso não tomado nessa inclusão conjuntista [*ensembliste*], se posso dizê-lo, que a faria subconjunto, quer dizer que a mesmidade como tal é, em um ponto, contada.

Isso me parece de uma extrema importância, e precisamente, por exemplo, no nível do jogo platônico que faz da similitude uma idéia de subsistência, na perspectiva realista, um universal enquanto que este universal é a realidade.

O que vemos é que não é no mesmo nível – e é a isso que faço alusão em meu último discurso do Panteon – que a idéia de semelhante se introduz. A mesmidade dos elementos do conjunto enquanto tal é contada como desempenhando seu papel nas partes do conjunto. A coisa tem certamente importância para nós, uma vez que, de que se trata no âmbito da teoria analítica? A teoria analítica vê indicar o Um em dois de seus níveis. O Um é o Um que se repete; ele está no fundamento dessa incidência maior no falar do analisante que ele denuncia com uma certa repetição, em relação a quê? A uma estrutura significante.

O que é, por outro lado, que se produz com o estabelecimento do sujeito no nível do gozo de falar, considerando o esquema que dei do discurso analítico? O que se produz é o que designo no plano dito do mais-de-gozar, é  $S_1$ , isto é, uma produção significante que proponho, arriscando-me dever fazer com que vocês sintam sua incidência, proponho reconhecer o que diz respeito a quê? O que é a mesmidade da diferença? O que quer dizer que coisas que designamos no significante com letras diversas, sejam as mesmas? O que pode querer dizer *as mesmas*, senão justamente que é único, a partir mesmo da hipótese de onde parte, na teoria dos conjuntos, a função do elemento?

O Um de que se trata, aquele que produz o sujeito, digamos ponto ideal na análise, é precisamente o contrário do que ocorre na repetição, o Um como um apenas, o um enquanto qualquer que seja a diferença que exista, todas as diferenças que exis-

tam, todas as diferenças se equivalem, não há senão uma, é a diferença.

É nesse ponto que queria essa noite concluir esse discurso, pressionado incidentalmente entre a hora e a fadiga; a ilustração dessa função  $S_1$  tal como a coloquei na fórmula instituinte do discurso analítico, eu a darei nas sessões que virão.

TRADUÇÃO: Leticia P. Fonsêca

<sup>1</sup> Cf. aula 1, nota 1. [N.R.]

<sup>2</sup> *de mon fait* – expressão idiomática *dire son fait à quelqu'un*: falar francamente a alguém, dizer sem rodeios. *Le fait* de alguém é “o conjunto de seu comportamento, atos e seus resultados, tal como é percebido por alguém” (Le Robert). Há na frase todo um jogo entre *fato* e *feito*, difícil de transpor para o português, já que na nossa língua, *fato* e *feito* são vocábulos distintos. No francês e no espanhol, *fato* e *feito* coincidem. [N.R.]

<sup>3</sup> *Les moyens du bord*: aquilo que se tem à disposição imediata numa dada situação. *Du bord* equivale a *a bordo*. [N.R.]

<sup>4</sup> Jogo fonético entre *a-voix* [a-voz] e *aboie* [ladra]. [N.R.]

<sup>5</sup> Grafito: inscrição ou desenho de épocas antigas, toscamente riscado a ponta ou a carvão, em rochas ou paredes, vasos etc.; frase ou desenho geralmente de caráter jocoso, contestatório ou obsceno, feito em muro ou parede de local público. [N.T.]

<sup>6</sup> *Deem*: julgar, considerar, supor, crer; tomar uma resolução. (*The New Michaelis*) [N.T.]

- <sup>7</sup> Preferimos manter a palavra no original para evidenciar melhor o jogo que é feito nesse trecho. *Tue-able* tem o sentido do que é matável [*tuer*], como também de tratável por tu [*tutoyer*]. Tutear: tratar alguém por tu. [N.T.]
- <sup>8</sup> Jogo homofônico entre *tu* (segunda pessoa do singular) e *tue* (do verbo *tuer* – matar). [N.R.]
- <sup>9</sup> *Produit*: é tanto *produzido* quanto *produto*. [N.R.]
- <sup>10</sup> Enologia [*énologie*]: estudo dos vinhos. No original *l'énologie*. Poder-se-ia pensar também que o neologismo mencionado alude ao estudo do Um (*unologia*)
- <sup>11</sup> Lacan utiliza um neologismo *s'éventailler*, do substantivo *éventail*: leque, rol, lista, elenco. Por esta razão, optamos por um vocábulo também não dicionarizado, mas que é freqüentemente usado no português. [N.R.]
- <sup>12</sup> Cume em Latim. [N.R.]
- <sup>13</sup> Auvergnats: nascidos em Alvergne - região do maciço central da França. Os Auvergnats são considerados pessoas teimosas, cabeça dura. [N.T.]
- <sup>14</sup> *parlage*: neologismo que parece condensar *parler* [falar] e *partage* [partição]. [N.R.]
- <sup>15</sup> Teoria dos conjuntos [*théorie des ensembles*] e homens e mulheres juntos [*ensemble*]. [N.R.]
- <sup>16</sup> *sujet*: remete tanto a sujeito quanto a assunto. [N.T.]
- <sup>17</sup> d'Un manque.
- <sup>18</sup> *la nade*. Refere-se à partição da palavra mônada. Como na língua portuguesa *nada* é uma palavra com forte carga semântica, observar que na língua francesa não há qualquer possibilidade de confundir este termo com o nada [*rien*]. [N.R.]
- <sup>19</sup> Ver nota anterior. [N.R.]
- <sup>20</sup> Cf. nota 18. [N.R.]

## Lição VII

1 de junho de 1972

Vocês sabem, aqui eu digo o que penso. É uma posição feminina, porque afinal de contas pensar é algo muito particular.

Então, como escrevo para vocês de vez em quando, eu havia inscrito, durante uma pequena viagem que acabo de fazer, um certo número de proposições cuja primeira é que é preciso reconhecer que o psicanalista está colocado, pelo discurso – é um termo meu – pelo discurso que o condiciona – que se chama, depois de mim, o *discurso do psicanalista* – numa posição, digamos, difícil. Freud dizia impossível, *unmöglich*, é talvez um pouco forçado, ele falava por si.

Bom! Por outro lado, segunda proposição: ele sabe – por experiência, o que quer dizer que, por pouco que tenha praticado a psicanálise, ele sabe bastante para o que vou dizer – em todos os casos ter uma medida comum com o que eu digo. É inteiramente independente do fato de que esteja informado do que eu digo, posto que o que digo leva, como demonstrei este ano, me parece, a situar seu saber. Esta é a história do saber sobre a verdade.

*Semblante*

Gozo

$$\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1}$$

Verdade

Mais-gozar

Este é o lugar da verdade, para aqueles que vêm aqui pela primeira vez. Este, o do *semblante*; este, o do gozo e este do mais-gozar, o que escrevo abreviado assim + *gozar*. Para o gozo nós colocamos um J [*jouissance*].

É sua relação ao saber que é difícil, não, é claro, pelo que eu digo, uma vez que no conjunto do *no man's land* psicanalítico, não se sabe que eu o digo. Não

quer dizer que do que eu digo não se saiba nada, porque isso vem da experiência. Mas que se tem, sobre o que se sabe sobre isso, horror, o que eu posso dizer assim, verdadeiramente, simplesmente, que eu os compreendo – *eu posso dizer*, isso quer dizer *eu posso dizer, se isso importa realmente* – mas eu os compreendo, coloco-me no lugar deles tanto mais facilmente quanto aqui estou. Mas eu compreendo tanto mais facilmente quanto, como todo mundo, eu ouço o que digo.

Entretanto, isso não me acontece todos os dias, porque não é todos os dias que eu falo. Na realidade, eu compreendo, isto é, escuto o que digo, os poucos dias – coloquemos um ou dois – que precedem imediatamente meu seminário, porque naquele momento eu começo a lhes escrever. Nos outros dias, o pensamento daqueles com quem me ocupei, invade-me. Devo confessar isso a vocês, porque, neste momento, a impaciência do que chamei meu fracasso – e portanto que ainda posso chamar, porque é raro que eu retorne – em *Scilicet* meu fracasso me domina. Pronto.

Sim. Eles sabem, lembro isso porque o título do que tenho a tratar aqui é *O Saber do psicanalista*. *Do*, neste caso, evoca o *o*, artigo definido, em francês, enfim é o que se chama definido. Sim! Por que não *dos psicanalistas*, depois do que acabo de dizer? Estaria mais de acordo com meu tema desse ano, isto é, *Há o um*<sup>1</sup>. Há quem se diga assim. Estou tanto menos a discutir o dizer deles que aí não há outros. Eu digo *do*, por quê? É porque é a eles que eu falo apesar da presença de um número muito grande de pessoas aqui que não são psicanalistas. O psicanalista então sabe o que eu digo. Eles sabem, eu lhes disse, por experiência, por pouco que a tenham, mesmo se isso se reduz à didática que é a exigência mínima para que se digam psicanalistas.

Pois, mesmo se o que eu chamei *o passe* é falho, bem, isso se reduzirá ao fato de que eles terão tido uma psicanálise didática, mas no final das contas, basta para que eles saibam o que eu digo. O *passe* – é sempre em *Scilicet* que tudo isso se encontra, é sobretudo o lugar indicado – quando digo que o *passe* é falho, não quer dizer que eles não se ofereçam à experiência do *passe*. Como marquei freqüentemente, essa experiência do *passe* é simplesmente o que eu proponho àqueles que são bastante devotados para se exporem somente aos fins de informação sobre um ponto muito delicado e que consiste, em suma, no que se afirma da maneira mais segura, é que é inteiramente a-normal – objeto a normal – que alguém que faz uma psicanálise queira ser psicanalista. É preciso verdadeiramente uma espécie de aberração que vale, valia a pena ser oferecida

a tudo quanto pudéssemos recolher de testemunho. É exatamente nisso que instituí provisoriamente esse esboço de artigos para saber porque alguém que sabe o que é a psicanálise, por sua didática, pode ainda querer ser analista.

Então, eu não direi mais sobre o que concerne à posição deles, simplesmente porque escolhi, esse ano, *O saber do psicanalista* como sendo o que eu proponha para meu retorno a Sainte-Anne. Não é absolutamente para poupar os psicanalistas, eles não têm necessidade de mim para sentir a vertigem de sua posição, eu não a aumentarei dizendo-o. Sim! O que poderia ser feito – e o faria talvez um outro momento – o que poderia ser feito de uma maneira picante, numa certa referência que não chamarei histórica senão entre aspas – enfim, vocês verão quando isso acontecer, se eu subsisto – para aqueles que são bem astuciosos, falarei sobre a palavra tentação.

Aqui, não falo senão do saber e observo que não se trata da verdade sobre o saber, mas do saber sobre a verdade, e que o saber sobre a verdade se articula da ponta do que desenvolvo esse ano sobre o *Há o um*. *Há o um* e nada mais, mas é um *Um* muito particular, aquele que separa o Um do Dois, e que é um abismo. Repito, a verdade – já disse isso – só pode se semi-dizer quando o intervalo for passado, o que fará com que eu possa respeitar a alternância, falarei da outra face, do *semi-verdadeiro*; é preciso sempre separar o bom grão e o *semi-verdadeiro*!<sup>2</sup>

Como já lhes disse há pouco talvez, volto da Itália onde só tenho que me orgulhar pela acolhida, mesmo de meus colegas psicanalistas! Graças a um deles, encontrei um terceiro que está inteiramente na moda, enfim, na minha, bem entendido. Ele opera com Dedekind, e encontrou aquilo inteiramente sem mim, não posso dizer que, no momento em que ele começou a se meter nisso eu não estava, mas, enfim, é um fato que só falei sobre o assunto depois dele, uma vez que eu só o faço agora e que ele já tinha escrito a esse respeito toda uma pequena obra. Ele se deu conta, em suma, do valor dos elementos matemáticos para fazer emergir algo que concerne, verdadeiramente, à nossa experiência de analista. Bem, como é absolutamente bem visto – ele fez tudo para isso – conseguiu se fazer escutar nos lugares muito bem conceituados do que se chama a IPA – a Instituição Psicanalítica Arrependida<sup>3</sup> [*avouée*], traduzirei – então ele conseguiu se fazer escutar, mas o que há de muito curioso, é que ele não é publicado. Não o publicam, dizendo: "Você compreende, ninguém compreenderá!" Devo dizer que fico surpreso porque, em suma, do Lacan, entre aspas, claro, enfim, coisas do tipo que sou suposto representar junto aos incompetentes de uma certa lin-

güística, sobretudo têm muita pressa em entupir o *International Journal*. Quanto mais trecos há na cesta de lixo, naturalmente, menos se discerne! Então por que, diabo, será que nesse caso acreditaram ter que fazer obstáculo, uma vez que, para mim, parece-me que é um obstáculo e que o fato de dizerem que os leitores não compreenderão, é secundário. Não é necessário que todos os artigos do *International Journal* sejam compreendidos. Portanto, há algo aí que não agrada.

Mas é evidente que, como aquele que acabo – não de nomear, porque vocês ignoram profundamente seu nome, ele ainda não conseguiu publicar nada – é perfeitamente localizável, eu não perco a esperança, na seqüência do que filtrará minhas idéias hoje – e sobretudo se se sabe que eu não o nomeei, vão publicá-lo. Verdadeiramente, parece que ele deseja muito para que eu o ajude de bom grado. Se não acontecer, lhes falarei disso um pouco mais!

Voltemos no tempo. O psicanalista tem então uma relação complexa com aquilo que ele sabe. Ele o renega, reprime, para empregar o termo com o qual em inglês se traduz o recalque, a *Verdrängung*, e até acontece de ele nada querer saber. E por que não? A quem é que isso poderia surpreender? À psicanálise, vocês me dirão, e então! Escuto daqui o bla-bla-blá de quem não tem da psicanálise a menor idéia. Eu respondo ao que pode surgir desse *floor*, como se diz, será o saber que cura, quer seja o do sujeito ou o suposto na transferência, ou ainda será a transferência, tal qual se produz numa análise dada? Por que o saber, aquele sobre o qual eu digo que todo psicanalista tem a dimensão, por que o saber seria, como eu dizia há pouco, confessado [*avoué*]? Foi dessa questão que Freud tomou em suma a *Verwerfung*, ele a chama "um julgamento que na escolha rejeita". Ele acrescenta "que condena", mas eu o condeno. Não é porque a *Verwerfung* torna louco um sujeito, quando se produz no inconsciente, que ela não reina, a mesma e pelo mesmo nome de onde Freud a toma emprestado, que não reina sobre o mundo como um poder racionalmente justificado.

Psicanalistas, vocês vão ver, na diferença com o, os psicanalistas, é preferível, eles próprios preferem, vejam vocês. Não são os únicos. Há uma tradição a esse respeito, a tradição médica. Quanto a se preferir, nunca se fez melhor, exceto os santos. Os santos – s, a, i, n, t, s, – sim, falam a vocês tanto dos outros que é necessário que eu esclareça, porque os outros... enfim, passemos! Os santos – s, a, i, n, t, s – eles também preferem-se a si mesmos, eles só demandam isso, consomem-se em encontrar a melhor maneira de preferirem-se, então o que há de tão simples, como o mostram os médi-santos<sup>4</sup> [méde-saints] também.

Enfim, estes não são santos, é óbvio.

Há poucas coisas tão abjetas a serem folheadas quanto a história da medicina. Isso pode ser prescrito como vomitivo ou como purgativo, dá no mesmo. Para saber que o saber nada tem a ver com a verdade, não há nada de mais convincente. Sequer se pode dizer que isso chega a fazer do médico uma espécie de provocador. Não impede que o médico se arranje – e por razões que se prendiam àquilo que sua plataforma com o discurso da ciência tornava-se mais exígua – que os médicos se arransassem para colocar a psicanálise no compasso deles. Eles foram espertos nisso, naturalmente tanto quanto o psicanalista, estando bastante embaraçado, como disse no início, por sua posição, estava bem mais disposto a receber conselhos da experiência.

Quero realmente marcar esse ponto da história que é, no meu caso, na medida em que ela tenha importância, inteiramente um ponto-chave, graças a essa conjuração contra a qual é dirigido um artigo expresso de Freud sobre a *Läenanalyse*, graças a esta conjuração que pôde ser produzida pouco depois da guerra, eu já havia perdido a partida antes de tê-la começado.

Simplemente, eu queria que acreditassem em mim a esse respeito, porque – por que?, eu o direi – se essa noite eu testemunho – e não o faço por acaso em Sainte-Anne uma vez que disse a vocês que é aqui que eu digo o que eu penso – se declaro que é precisamente em nome de saber muito bem, na época, ter perdido aquela partida que eu a empreendi.

Isso não tem nada de heróico, vocês sabem, há um monte de partidas que se iniciam nestas condições. É mesmo um dos fundamentos da condição humana, como diz o outro, e isso não termina pior do que qualquer outro empreendimento. A prova, hein! O único aborrecimento – mas apenas para mim – é que isso não os deixa muito livres, digo isso de passagem para a pessoa que me interrogou, não sei quando, há dois seminários atrás, sobre o fato de eu acreditar ou não na liberdade.

Uma outra declaração que quero fazer e que afinal tem toda importância, posto que, finalmente, sei lá, é minha tendência essa noite, uma outra declaração que, esta então, é realmente comprovada –, aqui, peço-lhes que acreditem em mim, pois realmente percebi que a partida estava perdida, afinal, eu não era tão astucioso, acreditei talvez que era preciso ir fundo e que eu detonaria a *Internationale Psychanalytique Avouée*<sup>5</sup> [Associação Psicanalítica Confessada], e ali ninguém pode dizer o contrário do que vou dizer – é que nunca entreguei nenhuma das pessoas que eu sabia que deviam me deixar antes que se

fossem por conta própria. E é verdade, também, no momento em que a partida estava, em suma, perdida para a França, aquela à qual fiz alusão, há pouco, aquele zum-zum-zum numa conjuração médico-psicanalista de onde surgiu em 53 o início de meu ensino. Nos dias em que a idéia de dever perseguir o dito ensino não me habita, isto é, um certo número, é evidente que tenho, como todos os imbecis, a idéia daquilo que poderia ter sido para a psicanálise francesa se eu tivesse podido ensinar ali onde, pela razão que acabo de dizer, eu não estava absolutamente disposto a abandonar ninguém, quero dizer que, por mais escandalosas que fossem minhas proposições sobre *Função e Campo...* e patati, e patatá... da *palavra e da linguagem*, mas eu estava disposto a perseverar durante anos para as pessoas, mesmo as mais surdas que uma porta e, no ponto em que estamos, ali, entre os psicanalistas, ninguém teria perdido.

Eu disse a vocês que fizera uma pequena viagem a Itália. Nesses casos, eu vou também... por que não, porque há muita gente que gosta de mim, a propósito, há alguém que me enviou um copo para bochechar. Eu gostaria de saber quem é para agradecer a essa pessoa. Há uma pessoa que me enviou um copo para bochechar. Digo isso para aqueles que estavam no Panteon da última vez. É uma pessoa a quem agradeço, ainda mais porque não é um copo para bochechar. É um maravilhoso copinho vermelho, comprido e gracioso, no qual colocarei uma rosa, quem quer que me o tenha enviado. Mas recebi somente um, devo dizer. Enfim, passemos. Há pessoas que gostam de mim um pouco, em todos os lugares, mesmo nos corredores do Vaticano. Por que não, hein? Há pessoas muito legais. Apenas lá – isso para a pessoa que me interroga sobre a liberdade – apenas lá no Vaticano eu conheço livres-pensadores. Quanto a mim, não sou um livre-pensador, sou forçado a sustentar aquilo que digo, mas lá, que facilidade! Ah! Compreende-se que a Revolução francesa tenha sido veiculada pelos padres. Se vocês soubessem qual é a liberdade deles, meus bons amigos, vocês sentiriam um frio na barriga. Eu tento fazê-los voltar ao batente, não há nada a fazer, eles passam dos limites. A psicanálise, para eles, está ultrapassada! Vocês vêem a que serve o livre-pensamento, eles vêem claro.

Era no entanto um bom ofício, hein? Tinha seu lado bom. Quando dizem que está ultrapassado, eles sabem o que dizem. Eles dizem não deu certo, porque, apesar de tudo, deve-se fazer um pouco melhor! Digo isso contudo para alertar as pessoas que estão engajadas e, particularmente, claro, aquelas que me seguem, que é preciso olhar duas vezes antes de engajar seus descendentes nisso, porque é bem possível que do jeito que as coisas vão, seja uma queda e tanto.

Enfim, conselho prudência unicamente àqueles que têm de engajar sua descendência.

Eu já falei do que se passa na psicanálise, deve-se de todo modo precisar realmente certos pontos que já abordei; portanto creio termos chegado a um ponto que me permite tratá-lo brevemente; é que é o único discurso – e rendamo-lhe homenagem – no sentido em que cataloguei quatro discursos, é o único que é tal que a canalhice leva necessariamente à imbecilidade. Se se soubesse de imediato que alguém que vem pedir a vocês uma psicanálise didática é um canalha, diriam a ele: "nada de psicanálise para você, meu caro! Você se tornaria um bobão". Mas não se sabe, isso é cuidadosamente dissimulado, sabe-se de todo modo, ao fim de um certo tempo, na psicanálise, a canalhice estando sempre presente, não hereditária, não é da hereditariedade que se trata, trata-se do desejo, desejo do Outro de onde o interessado surgiu. Falo do desejo, nem sempre do desejo dos pais, pode ser o dos avós, mas se o desejo do qual ele nasce é o desejo de um canalha, será um canalha infalivelmente. Eu nunca vi exceções, e é por isso mesmo que sempre fui tão terno com as pessoas que eu sabia que iam me abandonar, ao menos nos casos em que eu os psicanalisara, porque bem sabia que elas se haviam tornado inteiramente idiotas.

Não posso dizer que eu o tivesse feito de propósito, como lhes disse, é necessário. É necessário quando uma psicanálise é levada até o fim, o que é a menor das coisas para a psicanálise didática. Se a psicanálise não é didática, então é uma questão de tato, vocês devem deixar para o cara bastante canalhice para que ele se safe daí por diante convenientemente. É propriamente terapêutico, vocês devem deixá-lo sobrenadar. Mas para a psicanálise didática, não podem fazer isso, porque Deus sabe em que daria. Suponham um psicanalista que permaneça canalha, isso assombra o pensamento de todo mundo. Fiquem tranquilos, a psicanálise, contrariamente ao que se crê, é sempre verdadeiramente didática, mesmo quando é alguém idiota que a pratica e direi até, quanto mais, melhor. Enfim, o maior risco é ter psicanalistas idiotas. Mas é, como acabo de dizer, afinal, sem inconveniente, porque de todo modo, o objeto *a* no lugar do *semblante* é uma posição que pode sustentar-se. Eis aí! Pode-se ser idiota de origem também. É uma distinção muito importante.

Bom! Então, quanto a mim, não encontrei nada melhor que o que eu chamo matema para abordar algo concernente ao saber sobre a verdade, uma vez que é aí, em suma, que se conseguiu dar-lhe um alcance funcional. É muito melhor quando é Peirce que se ocupa disso, ele coloca as funções zero e um que são os

dois valores de verdade. Ele não imagina que, por outro lado, pode-se escrever V maiúsculo ou F maiúsculo para designar a verdade e o falso. Eu já indiquei isso em algumas frases, já indiquei no Panteon, que em torno do *Há o um*, há duas etapas, o *Parmênides* e em seguida foi preciso chegar à teoria dos conjuntos, para que a questão de um tal saber, que toma a verdade como simples função, e que está longe de contentar-se com isso, que comporta um real que não tem nada a ver com a verdade – são as matemáticas – entretanto, é preciso crer que a matemática, durante séculos, prescindia de qualquer questionamento a esse respeito, uma vez que só tardiamente, e por intermédio de uma interrogação lógica, ela deu um passo nessa questão que é central quanto à verdade, isto é, como e por que *há o um*. Vocês me desculparão, não sou o único.

*Há o um*, ao redor desse *Um* gira a questão da existência. Já fiz algumas observações a esse respeito, isto é, de que a existência nunca foi abordada como tal antes de uma certa época e que se levou muito tempo para extraí-la da essência. Falei do fato de que não houvera em grego propriamente algo de habitual que quisesse dizer *existir*, não que eu ignorasse  $\epsilon\acute{\xi}\text{-}\iota\sigma\tau\eta\mu\iota$ ,  $\epsilon\acute{\xi}\text{-}\iota\sigma\tau\omicron\nu\omega$ , mas sobretudo que eu constatasse que nenhum filósofo nunca se interessou por isso. Entretanto, é aí que começa algo que pode nos interessar. Trata-se de saber o que existe. Não existe senão o Um – com essa pressa ao nosso redor, sou forçado aqui também a me apressar – a teoria dos conjuntos é a interrogação: por que "há o um"?

Não encontramos o Um em qualquer esquina, sei lá o que vocês pensam, inclusive essa certeza inteiramente ilusória, e ilusória há muito tempo – não impede que a gente insista – que vocês também sejam um. Vocês são um, bastaria que tentassem levantar o dedo para se darem conta de que, não apenas vocês não são um, mas que são, infelizmente! inumeráveis; inumeráveis cada um por si. Inumeráveis até no que ensinaram a vocês, o que pode ser um dos bons resultados do afluyente psicanalítico, que vocês sejam, segundo o caso, inteiramente finitos – digo isso rapidamente, porque não sei quanto tempo vou poder continuar – no que concerne aos homens – aí está claro – finitos, finitos, finitos. Quanto às mulheres, enumeráveis.

Vou tratar de explicar-lhes brevemente algo que começa a abrir-lhes caminhos sobre esse assunto, posto que, evidentemente, não são coisas que saltam aos olhos, sobretudo quando não se sabe o que quer dizer, *finito* e *enumerável*! Mas se vocês seguem um pouco minhas indicações, vocês lerão qualquer coisa, porque agora as obras sobre a teoria dos conjuntos pululam, até para contradizer.

Há alguém bastante gentil que espero ver daqui a pouco para me desculpar por não ter trazido para ele essa noite um livro que ele me passou da última vez, que fiz tudo para encontrar e que está esgotado, e que se chama *Cantor a tort* [Cantor está errado]. É um bom livro. É evidente que Cantor está errado, num certo ponto de vista, mas ele incontestavelmente tem razão, apenas pelo fato de que o que desenvolveu produziu uma inumerável descendência na matemática, e trata-se somente disso: o que faz a matemática avançar, basta para que se o defenda. Mesmo se Cantor errou do ponto de vista daqueles que decretam, não se sabe por quê, que o número, eles sabem o que é – toda a história das matemáticas bem antes de Cantor demonstrou que não há lugar onde seja demonstrável, não há lugar onde seja mais verdadeiro que o impossível – é o real.

Isso começou com os Pitagóricos, um dia, caiu sobre eles o que deviam saber, porque também não é preciso considerá-los bebês, que a  $\sqrt{2}$  não era comensurável. Foi retomado por filósofos, e não é porque isso nos chegou pelo *Teeteto* que deve-se acreditar que as matemáticas da época não estavam à altura e fossem incapazes de responder, ao se darem conta justamente de que o incomensurável existia, começavam a questionar o que era o número.

Eu não vou refazer toda essa história para vocês, há um certo negócio de  $\sqrt{-1}$  que se chamou depois, não se sabe por que, imaginário. Não há nada menos imaginário que  $\sqrt{-1}$  como ficou comprovado depois, uma vez que foi daí que saiu o que se pode chamar número complexo, isto é, uma das coisas mais úteis e mais fecundas criadas nas matemáticas.

Em suma, quanto mais se faz objeções ao que concerne a esta entrada pelo Um, isto é, pelo número inteiro, mais se demonstra que é justamente do impossível que em matemática se engendra o real. E é justamente naquilo que, por Cantor, pudera ser engendrado algo que não é nada menos do que toda a obra de Russell, e até mesmo infinitamente outros pontos que foram extremamente fecundos na teoria das funções, é certo que, a respeito do real, é Cantor que está no caminho certo do que se trata.

Se sugiro a vocês – falo aos psicanalistas – que se atualizem um pouco, é justamente pela razão de que há algo a extrair daí, naquilo que é, seguramente, o fraco de vocês. Digo isso porque vocês se relacionam com seres que pensam, que pensam, claro, porque eles não podem fazer diferente, que pensam como Telêmaco, pelo menos como o Telêmaco descrito por Paul-Jean Toulet, *ils pensent à la dépense* [eles pensam na despesa], ora! Trata-se de saber se vocês, analistas, e aqueles que vocês conduzem, gastam [*dépensent*] ou não, em vão, o tempo.

Está claro que, a esse respeito, o *pathos* de pensamento que para vocês pode resultar de uma curta iniciação na teoria dos conjuntos, ainda que não deva ser breve demais, é algo que deve fazê-los refletir sobre noções como a existência, por exemplo. É claro que foi somente a partir de uma certa reflexão sobre as matemáticas, que a existência ganhou sentido. Tudo aquilo que pudemos dizer antes, por uma espécie de pressentimento, principalmente religioso, isto é, que Deus existe, só tem sentido estritamente ao acentuar – devo acentuá-lo porque há pessoas que me tomam por um grande pensador – quer vocês creiam ou não, guardem dentro do ouvidinho – eu não creio, mas quem liga para isso?, para aqueles que crêem nisso, é a mesma coisa – quer vocês creiam ou não em Deus, vocês dizem exatamente que, com Deus, em todos os casos, creiam ou não creiam, é preciso contar. É absolutamente inevitável.

É por isso que reescrevo no quadro aquilo em torno do qual tentei articular algo sobre o que concerne à pretensa relação sexual.

$$\begin{array}{cc} \exists x. \overline{\Phi x} & \overline{\exists x. \Phi x} \\ \forall x. \Phi x & \overline{\forall x. \Phi x} \end{array}$$

Eu recomeço, existe um  $x$  tal que o que há de sujeito determinável por uma função que é o que domina a relação sexual, isto é, a função fálica – é por isso que escrevo  $Fx$  – existe um  $x$  que se determina por ter dito não à função. Vocês vêem que daí de onde falo, vocês vêem de agora em diante a questão da existência ligada a algo que não podemos desconhecer que seja um dizer. É um “dizer não”, direi mais até, é um “dizer que não”. Isso é capital, é justamente o que nos indica o ponto justo onde deve ser tomado, para nossa formação de analista, o que enuncia a teoria dos conjuntos, há *ao menos-Um* que diz que não.

É um ponto de referência, seguramente, que não sustenta nem por um instante, que de maneira nenhuma ensina, nem é ensinável, se não o conjugamos a esta inscrição quantificadora dos quatro termos, isto é, o quantificador dito universal,  $\forall x \Phi x$ , quer dizer, o ponto de onde pode ser dito, como se enuncia na doutrina freudiana, que não há desejo, libido, é a mesma coisa, senão masculina. É, na verdade, um erro que tem todo o valor de referência.

Que as outras três fórmulas, isto é, não existe esse  $x$ , para dizer que não é verdade que a função fálica seja o que domina a relação sexual e que, por outro

lado, devíamos – não digo que pudéssemos escrever – que num nível complementar desses três termos, devíamos escrever a função do *não-todo* como sendo essencial a um certo tipo de relação com a função fálica na medida em que ela funda a relação sexual, está aí evidentemente o que faz dessas quatro inscrições um conjunto.

Sem esse conjunto, é impossível orientar-se corretamente no que concerne à prática da análise na medida em que tem a ver com algo que habitualmente é definido como sendo o homem, por um lado, e, por outro, o correspondente geralmente qualificado por mulher, que o deixa só. Deixa-o só, não por culpa [*faute*] do correspondente, é a culpa do homem. Mas culpa ou não, é um negócio que não temos que resolver imediatamente, eu o assinalo de passagem; o que importa no momento é interrogar o sentido do que podem ter a ver essas quatro funções que não são senão duas, uma, negação da função da outra, função oposta, essas quatro funções na medida em que as diversifica seu acoplamento quantificado [*quanté*].

É claro que o que quer dizer o  $\exists x \overline{\Phi x}$ , barrado, quer dizer negação de  $\Phi x$ , é algo que, há muito tempo, – e bem desde a origem, para que se possa dizer que nos confunde absolutamente que Freud tenha ignorado  $\exists x \overline{\Phi x}$ , negação de  $\Phi x$ , isto é, esse *ao-menos-Um*, esse *Um* sozinho que se determina por ser o efeito do *dizer-que-não* à função fálica, é precisamente o ponto sob o qual é preciso que coloquemos tudo o que foi dito até o presente do Édipo, para que o Édipo seja outra coisa que não um mito. E isso tem ainda um interesse maior, posto que não se trata de gênese, nem de história, nem de nada semelhante, como parece em certos momentos em Freud que um acontecimento tivesse podido ser enunciado por ele. Não poderia se tratar de acontecimento aquilo que nos é representado como estando antes de toda a história. Não há acontecimento senão o que se conota em algo que se enuncia. Trata-se de estrutura. Que se possa falar de *todo-homem* como sendo sujeito à castração, é para isso que foi feito, da forma mais patente, o mito de Édipo.

Será necessário retornar às funções matemáticas para enunciar um fato lógico que é o seguinte: se é verdade que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, a função da castração é necessitada, é exatamente o que implica algo que escapa. E o que quer que escape, mesmo se não for – por que não?, pois está no mito – algo de humano, afinal, mas por que não ver o pai do assassinato primitivo como um orangotango, muitas coisas que coincidem na tradição, a tradição de onde entretanto é preciso dizer que a psicanálise surge: da tradição

judaica. Na tradição judaica, como pude enunciar, no ano em que não quis fazer mais do que meu primeiro seminário sobre *Les Noms du Père*, tive de todo modo tempo de acentuar que no sacrifício de Abraão, o que é sacrificado é efetivamente o pai, o qual não é senão um cordeiro. Como em toda a linhagem humana que se respeita, sua descendência mítica é animal. De sorte que, no final das contas, o que eu lhes disse, no outro dia, da função da caça no homem, é disso que se trata, eu não lhes disse muito, claro, eu teria podido dizer-lhes mais sobre o fato de o caçador amar sua caça, como os filhos, no acontecimento dito primordial na mitologia freudiana, eles mataram o pai... como aqueles cujos traços vocês vêem nas grutas de Lascaux, eles o mataram, meu Deus, porque o amavam, claro, como foi comprovado depois, o depois é triste. O depois é precisamente que todos os homens,  $\forall x$ , A de cabeça para baixo, a universalidade dos homens está sujeita à castração. Que haja aí uma exceção, não a chamaremos, do ponto de onde falamos, mítica. Essa exceção é a função inclusiva: o que enunciar do universal, senão que o universal seja cercado precisamente pela possibilidade negativa? Exatamente, a existência aqui desempenha o papel do complemento ou, para falar mais matematicamente, da borda. E é isso que inclui o seguinte, que há em algum lugar um todo  $x$  que se torna exatamente um pequeno  $a$  – quero dizer um A invertido em  $\forall a$ , cada vez que ele se encarna naquilo que se pode chamar *Um ser*, pelo menos que não se coloque senão como ser e principalmente a título de homem.

É precisamente o que faz com que seja na outra coluna, e com um tipo de relação que é fundamental, que possa se articular algo no que se alinha, que possa alinhar-se, para quem souber pensar com esses símbolos, a título de mulher. Somente ao articulá-lo assim sentimos que há algo de notório para vocês, que o que se enuncia é que não há uma que, no enunciado que não é verdade que a função fálica domine o que concerne à relação sexual, se inscreva em falso.

E para permitir que vocês se localizem por meio de referências que lhes são um pouquinho mais familiares, eu direi, meu Deus, uma vez que falei há pouco do pai, direi o que concerne ao *não existe  $x$  que se determine como sujeito no enunciado do dizer-que-não à função fálica*: para falar propriamente, é à virgem. Vocês sabem que Freud dá conta do tabu da virgindade etc, e outras histórias loucamente folclóricas em torno desse negócio e o fato de que outrora as virgens eram comidas por qualquer um; bastava ao menos um grande sacerdote ou um pequeno senhor, enfim que importa?

O importante não é isso. O importante é, de fato, que se possa dizer ao redor

dessa função do [*vir*?]<sup>6</sup> essa função do *vir*<sup>7</sup> tão surpreendente nisso, que não haja nunca senão uma mulher, afinal, que digam que ela seja viril. Se vocês já escutaram falar, pelo menos hoje em dia, de um cara que o seja, me mostrem, isso me interessará! Aí, por outro lado, se o homem é tudo aquilo que vocês querem no gênero virtuoso, *vir* à bombordo, preparar para virar [?], *vir* o que você quiser, o viril está do lado da mulher, é a única a crer nisso. Ela pensa! É exatamente o que a caracteriza. Eu lhes explicarei daqui a pouco – é preciso que lhes diga imediatamente – que é por isso – eu lhes explicarei em detalhes por quê – que a *virgo* não é enumerável, porque ela se situa, contrariamente ao Um que está do lado do pai, ela se situa entre o Um e o Zero. O que está entre o Um e o Zero é muito conhecido e isso se demonstra mesmo quando se está errado, demonstra-se na teoria de Cantor, de uma maneira que acho absolutamente maravilhosa.

Há, pelo menos aí, alguns que sabem de que falo, de sorte que vou indicar brevemente. É inteiramente demonstrável que o que está entre o Um e o Zero – isso se demonstra graças aos decimais – servimo-nos de decimais no sistema do mesmo nome, decimal, e é muito fácil mostrar que, suponham – é preciso supô-lo – suponham que isso seja enumerável, o método dito da diagonal pode permitir forjar sempre uma nova seqüência decimal tal que ela não esteja certamente inscrita no que tem sido enumerado. É estritamente impossível construir esse enumerável, dar-lhe sequer uma maneira, por menor que seja, de escaloná-lo, o que é exatamente o mínimo, porque o enumerável se define por corresponder à seqüência dos números inteiros.

É portanto pura e simplesmente de um suposto, e sobre isso acusarão facilmente Cantor, como se faz no livro *Cantor a tort*, de ter simplesmente forjado um círculo vicioso. Um círculo vicioso, meus bons amigos, mas por que não?! Quanto mais um círculo é vicioso, mais divertido, sobretudo se se pode tirar algo de dentro dele, algo como esse coelhinho que se chama o não-enumerável, que é exatamente uma das coisas mais eminentes, mais astuciosas, mais coladas ao real do número que já foram inventadas.

Enfim, deixemos isso! As onze mil Virgens<sup>8</sup>, como se diz na *Légende dorée*, é a maneira de exprimir o não-enumerável. Porque as onze mil, vocês compreendem, é uma cifra enorme, é sobretudo uma cifra enorme para virgens, e não apenas nos dias de hoje!

Portanto, nós apontamos esses fatos; tratemos agora de compreender o que daí advém, dessa *não-toda*, que é verdadeiramente o ponto central, o ponto

original do que inscrevi no quadro. Pois em parte alguma, até o presente, na lógica, foi estabelecida, promovida, desenvolvida a função do *não-toda* como tal. O modo do pensamento, na medida em que é, se posso dizer, subvertido pela falta da relação sexual, pensa e só pensa por meio do Um. O Universal é esse algo que resulta do envolvimento de um certo campo por algo que é da ordem do Um, salvo que é a verdadeira significação da noção do conjunto é precisamente que o conjunto é a notação matemática desse algo ao qual, ai de mim!, não deixo de ter a ver, que é uma determinada definição, aquela que conoto com S barrado,  $\bar{S}$ , o sujeito enquanto não é nada mais do que o efeito de significante, dito de outro modo, o que eu represento: um significante para um outro significante.

O conjunto é a maneira com a qual, num giro da história, as pessoas menos capacitadas para esclarecer o que concerne ao sujeito, aí se acharam, se podemos dizer, necessitadas. O conjunto não é nada mais que o sujeito. É exatamente por isso que não se poderia sequer manejá-lo sem a adição do conjunto vazio  $[\emptyset]$ .

Até certo ponto, direi que o conjunto vazio se delimita em sua necessidade por poder ser tomado como um elemento do conjunto, isto é, a inscrição do parêntese que designa o conjunto tendo como elemento o conjunto vazio  $[\{\emptyset\}]$  é algo sem o qual é absolutamente impensável qualquer manejo dessa função que – repito para vocês, penso tê-lo indicado suficientemente – é feita precisamente num certo giro para interrogar no âmbito da linguagem comum – sublinho comum, porque aqui absolutamente nenhuma metalinguagem reina, de qualquer tipo – interrogar do ponto de vista lógico, interrogar com a linguagem tudo o que concerne à incidência do número, na própria linguagem, isto é, de algo que não tem nada a ver com a linguagem, de algo que é mais real do que qualquer outra coisa, como o manifestou suficientemente o discurso da ciência.

*Não-todo* – faltava a barra – é precisamente o que resulta disso, não que nada o limite, mas o limite está situado de outro modo. O que faz com que o *não-todo*, se posso dizer e direi para ir rápido, seja isso: é que contrariamente à inclusão no  $\exists x \bar{\Phi}x$ , *existe o Pai cujo dizer-não o situa em relação à função fálica*, inversamente é enquanto há o vazio, a falta, a ausência do que quer que seja que denegue a função fálica no âmbito da mulher, que, inversamente, não há nada mais do que esse algo que o *não-todo* formula na posição da mulher a respeito da função fálica. Ela é, efetivamente, para si, *não-toda*. O que não quer dizer que, sob qualquer incidência, ela o negue. Eu não direi que seja outra,

porque precisamente o modo sob o qual ela não existe nessa função de negá-la, o que é precisamente esse modo, é que ela é aquilo que, em meu grafo, se inscreve com esse significante: que o Outro é barrado,  $[S(\bar{X})]$ .

A mulher não é o lugar do Outro e, mais ainda, inscreve-se precisamente como não sendo o Outro na função que dou ao A maiúsculo, isto é, como o lugar da verdade. E o que se inscreve na não-existência do que poderia negar a função fálica, que do mesmo modo eu aqui traduzira pela função do conjunto vazio da existência do *dizer-que-não*, do mesmo modo é por ausentar-se e mesmo é por ser esse *jouiscentre*,<sup>9</sup> esse *jouiscentre* que é conjugado àquilo que não chamarei uma ausência, mas uma *dé-sence* – S.E.N.C.E.<sup>10</sup> – que a mulher se impõe por esse fato significante, não apenas o grande Outro não está aí, não é ela, mas está completamente alhures, no lugar em que ele situa a palavra [*parole*].

Resta-me – uma vez que, afinal de contas, vocês têm paciência, sendo que já são onze horas, de continuar a me escutar – indicar o que é capital no que, afinal, eu forço para vocês no fim do ano, um certo número de temas que são temas cristalizantes: denotar a hiância que separa cada um desses termos na medida em que são enunciados.

É claro que entre o  $\exists x$ , *existe*, e o *não existe*, não há muito o que comentar, há a existência.

$$\exists x. \bar{\Phi}x \quad \bar{\exists}x. \bar{\Phi}x$$

É claro que entre o *existe um que não* e o *não há Um que não seja*, há a contradição:

$$\begin{array}{c} \exists x. \bar{\Phi}x \\ \text{contradição} \\ \forall x. \Phi x \end{array}$$

Quando Aristóteles estabelece proposições particulares para opor às universais, é entre uma particular positiva em relação a uma universal negativa que ele institui a contradição. Aqui, é o contrário, é a particular que é negativa e a universal que é positiva.

Aqui, o que nós temos entre o  $\overline{\exists x. \Phi x}$ , que é a negação de qualquer universalidade, o que nós temos – aqui só faço indicar-lhes, justificarei a seguir – é o indecível:

$\overline{\exists x. \Phi x}$   
Indecível  
 $\overline{\forall x. \Phi x}$

Entre os dois  $\forall x$ , que toda nossa experiência nos mostra, bastante, acho, que a situação não é simples, trata-se de quê? Nós o chamaremos falta, nós o chamaremos falha, nós o chamaremos, se quiserem, desejo e, para sermos mais rigorosos, nós o chamaremos objeto *a*.

falta  
falha  
 $\forall x. \Phi x$        $\overline{\forall x. \Phi x}$   
desejo  
objeto *a*

Então, trata-se de saber como, no meio de tudo isso – espero que ao menos alguns tenham tomado nota – funciona algo que poderia parecer uma circulação. Para isso, é preciso que nos interroguemos sobre o modo como estão colocados esses quatro termos...

|                     |                 |                                |
|---------------------|-----------------|--------------------------------|
| $\exists x. \Phi x$ | existência      | $\overline{\exists x. \Phi x}$ |
|                     | falta           |                                |
| contradição         |                 | indecível                      |
|                     | falha           |                                |
|                     | desejo          |                                |
| $\forall x. \Phi x$ |                 | $\overline{\forall x. \Phi x}$ |
|                     | objeto <i>a</i> |                                |

O  $\exists x$ , no alto à esquerda, é literalmente o necessário. Nada é pensável, não é função nossa pensar, nós, homens. Enfim, uma mulher, isso pensa, pensa mesmo de tempos em tempos *logo sou*, no que, claro, ela se engana. Mas, enfim, quanto ao necessário, é absolutamente necessário – e é isso que nos oferece Freud com essa história para dormir de pé [*dormir debout*], de Totem e... *Debout* [De pé]<sup>11</sup> é absolutamente necessário pensar o que quer que seja nas relações – chamadas humanas, não se sabe por quê – na experiência que se instaura no discurso analítico, é absolutamente necessário colocar que existe Um para quem a castração, cuidado... A castração, isso quer dizer o quê? Quer dizer que tudo deixa a desejar, nada mais. Bem, eis aí! Para pensar isso, isto é, a partir da mulher, é preciso que haja um para quem nada deixe a desejar. É a história do mito de Édipo, mas é absolutamente necessário, é absolutamente necessário. Se vocês perdem isso, não vejo absolutamente o que pode permitir que vocês se orientem consigo de uma maneira qualquer. É muito importante orientar-se.

Então, eis aí  $\exists x$ . Já lhes disse que é necessário a partir de quê? A partir justamente do que, com certeza, escrevi ali há pouco, do indecível, do que não se poderia dizer absolutamente nada que se assemelhe ao que quer que seja que possa fazer função de verdade se não se admitisse esse necessário: há ao menos Um que diz não. Insisto um pouco. Eu insisto porque não pude, nesta noite – fomos um pouco molestados – contar-lhes todas as gentilezas que quisera dizer a vocês sobre esse assunto. Mas eu tinha uma bem boa e, uma vez que me provocam, eu vou deixá-la sair assim mesmo; é a função do *é-pater*.<sup>12</sup>

Muito se interrogou sobre a função do *pater familias*. Seria preciso centrar melhor o que podemos exigir da função do pai, essa história de carência paterna, quanto deleite! Há uma crise, é um fato, não é absolutamente falso; o *é-pater* não nos surpreende [*épate*]<sup>13</sup> mais. É a única função verdadeiramente decisiva do pai.

Eu já marquei que não foi o Édipo que se dava mal; que se o pai fosse um legislador, daria o presidente Schreber como filho. Nada mais. Não importa em que plano, o pai é aquele que deve surpreender [*épater*] a família. Se o pai não surpreende [*épate*] mais a família, naturalmente... mas se encontrará melhor! Não é obrigado que seja o pai carnal, há sempre um que surpreende [*épate*] a família que, todos sabem, é um rebanho de escravos. Outros a surpreenderão [*épateront*]. Vocês vêem como a língua francesa pode servir para muitas coisas. Já lhes expliquei da última vez, eu começara com um troço assim: *fundir ou*

*fundar deles um Um*, no subjuntivo, é o mesmo troço: para fundar é preciso fundir. Há coisas que não podem se exprimir senão na língua francesa, é justamente por isso que há o inconsciente. Porque são os equívocos que fundam nos dois sentidos da palavra, só há isso.

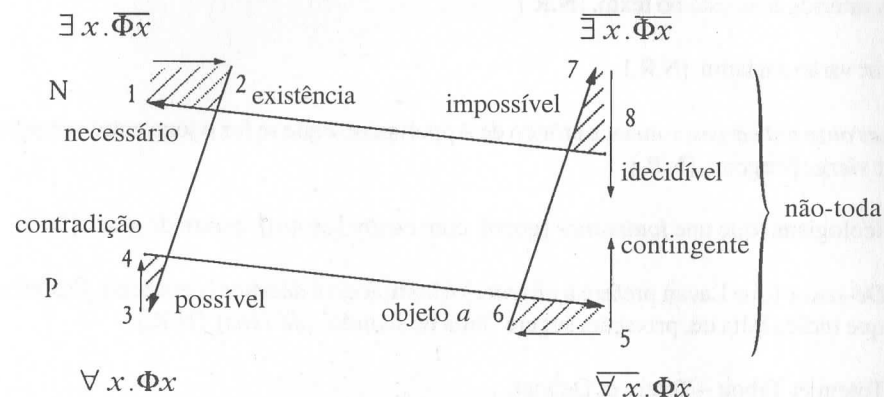
Se vocês se interrogam sobre o *todos* buscando como é expresso em cada língua, encontrarão um monte de troços, troços absolutamente sensacionais. Pessoalmente, eu procurei conhecer bastante o chinês porque não posso fazer um catálogo das línguas do mundo inteiro. Também interroguei alguém, graças à charmosa tesoureira de nossa escola, que fez seu pai escrever como se dizia *todos* em yoruba. Mas é uma loucura, compreendem! Faço isso pelo amor à arte, mas bem sei que encontrarei, de todo modo, em todas as línguas um meio para dizer *todos*.

Para mim o que interessa é o significante, como Um, é do que nos servimos em cada língua e a única coisa que interessa do significante são os equívocos que podem sair dele, isto é, algo da ordem do *fundir deles um Um*, e outras idiotices desse tipo. É a única coisa interessante, porque para nós o que concerne ao *todos*, vocês encontrarão sempre isso expresso; o *todos* é forçosamente semântico.

Só o fato de dizer que eu gostaria de interrogar todas as línguas resolve a questão, uma vez que as línguas justamente não são *não-todas*, é sua definição; por outro lado, se interrogo vocês sobre o *todos*, vocês compreendem. Sim, enfim a semântica, retorna-se à tradutibilidade. Que outra definição eu poderia dar! A semântica é isso graças ao que um homem e uma mulher não se compreendem senão quando não falam a mesma língua. Enfim, digo tudo isso para passar exercícios para vocês e porque estou aqui para isso e também, talvez, para lhes abrir um pouquinho a compreensão<sup>14</sup> sobre o uso que faço da lingüística. Sim! Vou terminar. Então, no que concerne ao que necessita a existência, partimos justamente desse ponto que inscrevi há pouco, a hiância do indecidível, isto é, entre o *não-todo* e o *não-uma*. E depois, chega-se à existência. Depois disso, chega. A quê? Ao fato de que todos os homens estão em potência de castração. Chega ao possível, pois o universal nunca é nada além disso. Quando vocês dizem que *todos os homens são mamíferos*, quer dizer que todos os homens possíveis podem sê-lo. E depois disso, aonde chega? Chega ao objeto *a*. É com isso que temos relação. E depois, chega onde? Chega onde a Mulher se distingue por não ser unificante.

Eis aí! Só resta completar aqui para chegar à contradição e voltar ao *não-todas*, que não é, em suma, nada além do que a expressão da contingência. Vocês vêem aqui, como já o assinali anteriormente, que a alternância da necessidade, do contingente, do possível e do impossível não está na ordem que Aristóteles dá; pois, aqui, é do impossível que se trata, isto é, no final das contas, do real.

Então, sigam bem esse pequeno caminho, porque ele nos servirá a seguir. Vocês verão algo. Aí está! Seria preciso indicar os quatro triângulos nos cantos assim, a direção das flechas é igualmente indicada. Compreendem? E, aqui o [...]



Pronto! Acho que foi bastante para essa noite. Não desejo terminar numa peroração sensacional, mas a questão, sim, está muito bem escrito. Necessário, impossível...

X – Não se escuta!

Lacan – Hein? Necessário, impossível, possível e contingente.

X – Não se escuta nada!

Lacan – Não estou nem aí! Pronto! É uma abertura. Vocês compreenderão a seqüência dentro de uns quinze dias. Porque no dia 14 farei meu próximo seminário no Panteon. Não estou seguro de que não seja o último.

TRADUÇÃO: Letícia P. Fonseca

<sup>1</sup> *Ya d l'un.*

<sup>2</sup> Jogo de palavras: *l'a-mi-vrai* homofonicamente pode ser a meio-verdadeiro e o amigo verdadeiro. Ver também, na Bíblia, Mateus 13, 24/30 “Il faut séparer le bon grain de l'ivraie”. [N.T.]

<sup>3</sup> Lacan rebatiza a instituição, ironizando com as iniciais da sigla; como a terceira letra é um A, a palavra escolhida foi *Avouée*. [confessada]. [N.R.]

<sup>4</sup> Pela homofonia remete tanto a *médicos* como a *santos*. [N.T.]

<sup>5</sup> N.R. Ver nota 3.

<sup>6</sup> A interrogação está no texto. [N.R.]

<sup>7</sup> *Vir*: varão em latim. [N.R.]

<sup>8</sup> *Les onze mil verges*, romance erótico de Appolinaire, onde se faz o jogo entre *verge* [vara] e *vierge* [virgem]. [N.R.]

<sup>9</sup> Neologismo que une *jouissance* [gozo] com *centre* [centro]: centro de gozo. [N.T.]

<sup>10</sup> *Dé-sence* (que Lacan prefere a *absence*) é homófono a *décence* [decência]. O prefixo *dé* que indica falta de, privação, sugere `falta de sentido` [*dé-sens*]. [N.R.]

<sup>11</sup> Totem et Tabou – Totem et Debout.

<sup>12</sup> *Épater*: do registro familiar (Robert) [surpreender]. Sugere ainda um jogo de palavras pela homofonia de *épater* com – *é-pater* [pater: pai]. Ainda como adjetivo, *épaté* significa achatado. [N.T.]

<sup>13</sup> Ver nota acima.

<sup>14</sup> *comprenoire* – gíria que tem o sentido de ‘fazer vocês entenderem um pouquinho’. [N.T.]